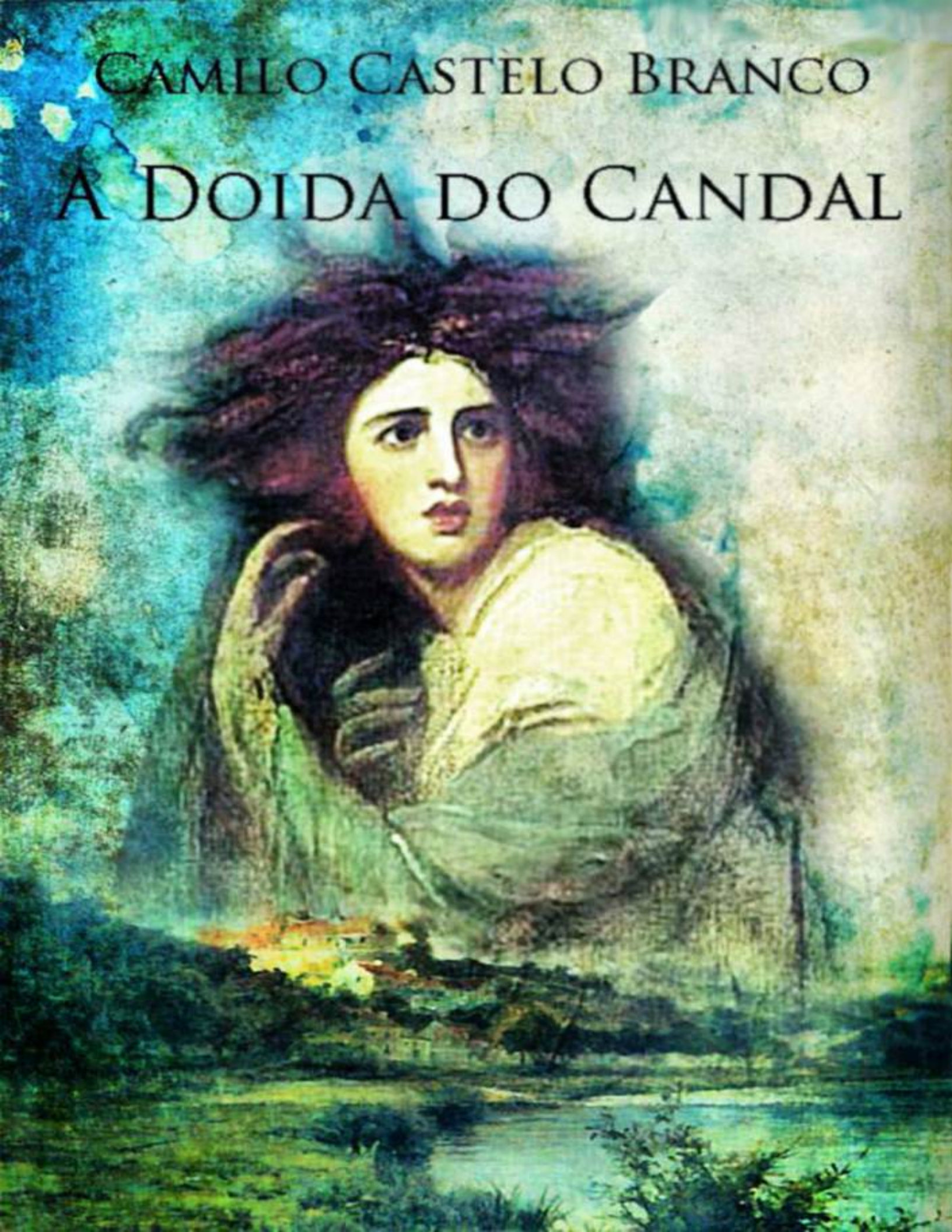
Camilo Castelo Branco

A Doida do Candal



A DOIDA DO CANDAL

CAMILO CASTELO BRANCO

Esta obra respeita o

Novo Acordo Ortográfico

À HONRADA MEMÓRIA DE

José Júlio de Oliveira Pinto

Vivia o nobilíssimo coração de José Júlio quando lhe ofereci o meu Romance de um Homem Rico há seis anos.

O coração, cofre de um tesouro, era material: desfez-se. Ficou o tesouro incorruptível e sagrado: a honra.

ADVERTÊNCIA

Em 1866, na belicosa cidade do Porto, defrontavam-se de espada nua dois escritores portugueses de muitas excelências literárias e grande honra.

Correu algum sangue. Deu-se por entretida a curiosidade pública e satisfeita a honra convencional dos combatentes.

Alguns dias depois, ia eu de passeio na estrada de Braga e levava comigo a honradora companhia de um cavalheiro que lustra entre os mais consagrados das províncias do Norte.

No sítio da «Mãe-d’água» apontei na direção de um planalto encoberto pelos pinhais e disse ao meu companheiro:

— Foi por ali que há dias a «Crítica Portuguesa» esgrimiu com o «Ideal Alemão».

— Ah! — disse o meu amigo, sofreando as rédeas do cavalo — foi ali a brincadeira?

— Brincadeira!... Então Vossa Excelência entende que, nos duelos, quem não morre brinca...

— Quem não morre, diz você... Pois morre alguém em duelos em Portugal?

— Não me consta; mas isso prova que os combatentes exercitam as armas entre si tão magistralmente que não é possível matarem-se.

— Pois decerto não tem notícia de duelos de morte em Portugal? — disse o cavalheiro.

— Não tenho.

— Venha cá.

E, dizendo isto, quebrou a rédea para a direita da estrada, atravessou o paul que circunda a «Mãe-d'água» e parou rente do socalco divisório de um vasto pinhal.

E ali, apontando para uma clareira da mata, disse-me:

— Olhe para acolá. Hei de contar-lhe um ou dois combates singulares e fatais que estes pinheiros mais velhos viram travar-se há cinquenta anos naquele sítio.

* * *

Passados alguns dias, mostrou-me um livro *in-fólio* manuscrito, facultando-me o relato do que merecesse ser contado.

Aqui está a origem deste romance.

S. Miguel de Seide — Maio de 1867.

CAPÍTULO I

JUÍZOS DO MUNDO

Marcos Freire Pamplona tinha vinte e sete anos. Era o dono do melhor palácio e dos mais antigos apelidos da fidalguia portuense. Galhardo e valente. Pouco menos de ilustrado. Religioso bastantemente para crer em Deus. Propenso a duvidar da religião dos mártires de toda a fé, e duvidar da ciência insolente e brutal de Voltaire.

Tinha nascido em 1790. Em 1817 era revolucionário como o justiçado Gomes Freire, seu parente, última vítima da ilustre série de soldados e generais dos seus apelidos, mortos às mãos por mouros e por cristãos portugueses.

Revolucionário, porém quieto e rebelde a conjurar-se com os ativos operários que minavam para a explosão de 1820. É que Marcos Freire sentia-se maniatado ao berço por uma criancinha de dois anos e meio.

O amor paternal era-lhe, a um tempo, delícias e tormento, índole, denodo e ódio a compelirem-no para os congressos secretos dos fortes que fomentavam a heroica vingança de Gomes Freire. Olhos, alma e coração a tirarem por ele para a beira do pequenino, que lhe sorria, como se entendesse a mãe a dizer-lhe: «Prende-o, filho!»

Parentes e amigos arguiam-lhe a fraqueza de se deixar vencer por considerações impróprias do sobrinho de Gomes Freire. Alguns mostravam-lhe os seus filhos aos pares, aos seis, e com patriótico entusiasmo clamavam que o amor paternal era mau subterfúgio da covardia. Outros diziam que tinham, além dos filhos, esposas amadas e amantíssimas; e, sendo assim, nem por amor delas aceitavam o estigma de indiferentes à tirania de algozes e ao suplício dos primeiros mártires da liberdade, queimados nas fogueiras do Campo de Sant'Ana. Nesta menção das esposas, acintemente feita pelos mais indelicados, mal se rebuçava o propósito de ferir o pai da criancinha.

Marcos não era casado.

A mãe do seu filho não lhe chamava esposo, e assim mesmo pensava que a sua união com ele estava santificada e

abençoada pelo anjo de Deus e de ambos.

Maria de Nazaré era da classe média, filha de mercadores abastados. Fugira incondicionalmente aos pais, quando o fidalgo lhe deu uma casinha campestre, com a tristeza da soledade e a alegria das flores em volta, e ao pé dela a bem-aventurança do amor. Os sonhos de Maria não tinham implantado mais adiante a baliza da felicidade. Ali se estava como esquecida de si e absorta naquele gozo de esposa, segundo a natureza e o coração. Porque a natureza, a maviosíssima esposa de Deus, lhe dava a ela as tardes saudosas, o azul do céu das manhãs; e, sagrada inspiradora, lhe ensinava a entender os silêncios do seu ninho de folhagem, apenas quebrados pelo vagido do filhinho amimado ou pela voz acariciativa de Marcos Freire.

Maria, não obstante a alta estimação em que tinha a sua fortuna, era, no juízo das pessoas que lhe sabiam o destino, conceituada em conta de criatura abatida ao estrado das perdidas. Daí vinha o nenhum pendor que os amigos de Marcos Pamplona queriam que lhe ela e o filho tivessem no espírito, desdourando-a, sem a nomearem, nos confrontos em que a punham com as esposas legais, e desestimando a

insignificante prisão de um filho, manchado da ilegalidade com que abriu os olhos à luz deste planeta. A juízo de tais — homem que amparava a mulher, por amor dele tão perdida quanto o mundo a condenava, e se deixava enliçar nos encantos de um filho que, segundo o uso e a prudência, devia ter já ido à sepultura pelo postigo dos enjeitados — , tal homem arguia indignidade e desonra esquivando-se, por tais motivos, de conjurar com os dignos sectários do seu tio, o enforcado general Gomes Freire.

Neste parecer abundava tacitamente o pai de Marcos, fidalgo que ainda conhecera avós dos tempos heroicos assim em valor que em virtudes; sendo todavia que nem seus avós nem ele tinham os filhos ilegítimos e as mães ilegítimas na conta indecorosa de empecilhos aos deveres da honra e dos apelidos. Por outro lado, os pais de Maria de Nazaré, merceeiros da Rua dos Mercadores, entendiam que a sua filha, manceba recatada do fidalgo Pamplona, corria parelhas de desonra com a pública amásia de qualquer mecânico. Portanto, os dois infamados tinham tão-somente o seu amor e o seu filho a sanear e purificar-lhes o

opróbrio: isto, da consciência deles para baixo, para a terra, que para cima lá viam Deus.

Suposto que cerrasse os ouvidos às invetivas indiretas dos primos, às severas acusações do pai e às ameaças ardentes dos padres pregoeiros de irrecusável Inferno para pecadores de tal natureza, Marcos Freire não desprezava os ditames da religião de Jesus nem os liames sociais constituintes e reguladores da família. Bastava-lhe amar o seu filho para aceitar como justo e bom tudo que houvesse do nobilitar aos olhos do mundo. Bastava-lhe o afeto reconhecido à cega menina, que só a ele o vira à luz do seu amor desinteresseiro, para a miúdo pensar na felicidade e obrigação de dar ao seu filho mãe respeitada e defendida das injúrias da virtude intolerante.

Se esta esperança lhe ia do coração brilhar nos olhos de Maria, húmidos de alegres lágrimas, a maviosa criatura inclinava-os ao rosto do seu Álvaro e não sabia responder com expressão mais comovida. Parecia dizer ao filho: «Teu pai promete dar — te a suprema felicidade. O mundo ainda te há de ver entre os parentes do teu pai, e ninguém te

perguntará com malicioso desdém que nome tive e quem fui.»

Pensava ele nisto; e ela isto esperava, mas sem ansiedade nem receio de perder um bem que pouco viria aumentar a sua felicidade. Os fidalgos parentes de Marcos e os plebeus de Maria, esses é que não pensavam em tão insólito desfecho do drama em si muito trivial. A fuga poucos dias falada de uma rapariga popular para os transitórios gozos de um rapaz de superior linhagem, era caso que podia, quando muito, entreter a palestra das famílias ilustres, à noite, entre duas chávenas de chá. Em comiseração da mocinha malfadada aconteceria dizer uma fidalga velha:

— Pobre rapariga! vai perdida... Daqui a pouco, se o lojista pai a não receber, irá servir, se houver quem a queira; se não...

— Que não fosse tola! — exclamaria uma fidalga donzela e sacudida de gestos e virtudes. — Estas gentalhas do negócio querem sair da forma do seu pé... Bem feito! Quem nas manda olhar para mancebos da qualidade do primo Marcos?

Os velhos e velhas aplaudiam estas razões sumárias da donzela, provavelmente.

E nunca mais se falava em casos análogos; até que, no máximo deles, um noticiador, entre as duas chávenas de chá, diria:

— Pedro ou Sancho deixou a filha do alfaiate e deu aposentadoria à filha do marceneiro. Está um estroina da primeira ordem, o maganão!

Riso breve e silêncio por causa das meninas solteiras que se arredavam a cochichar e a casquinar com tamanha inocência que dispensava o rubor.

No caso de Marcos Freire andavam os ânimos menos descuriosos. A demora no escandaloso enlace ia sendo já extraordinária. Três anos e um filho! E, nesse decorrer de três anos, Marcos não se deixara levar a bailes, raro aparecia em teatros, e nunca em natalícios de parentes se apresentara com a costumada pontualidade e esmero da sua educação palaciana. Sobrevinham as reflexões tendentes a futurar a possibilidade de um enorme vilipêndio.

— Casarem-se?! — interrogava irado Cristóvão Freire, pai de Marcos. — o meu filho casado com a filha de Tomé Tamanqueiro!... Nem me digam que o sonharam!... Saibam que eu dei a vida a Marcos. Não lha dei com a condição de me afrontar e matar a golpes de desonra. Dei-lhe a vida... Sou também capaz de lhe dar a morte!

Dizia-o por feição que parecia senti-lo, sendo ele a melhor alma do mundo e o mais estremecido pai.

— Não se cansem a forjar tamanhos e tão aviltantes disparates! — atalhava um desembargador, parente e oráculo das onze famílias hierárquicas do Porto. — A amizade que liga, há cinco anos, Marcos Freire com a sua prima D. Lúcia Peixoto, autoriza-nos a esperar que tão absurdo casamento se não faça.

— Não estou com a vossa Senhoria — retorquiu o major de cavalaria José Osório do Amaral. — A amizade de Marcos a sua prima Peixoto não passa de amizade pura e honradíssima. Além disso, é notório que o irmão a destina para freira bernarda, e, nesse intento, lhe tem desfeito quantos projetos de casamento se lhe oferecem, muito de indústria para que ela não levante os grandes prazos que

lhe deixou a tia e a terça que lhe doou a mãe: o que redundaria em desfalque de ametade da casa, que Simão Salazar Peixoto se afez a considerar sua exclusiva de partilhas e demandas.

— Mas eu — replicou o desembargador — sei de certeza que a Senhora D. Lúcia não quer ser freira.

— Pouco monta o querer — voltou o militar. — Também eu sei isso e todos o sabemos. Chora que é dor grande do coração ouvi-la; e quem lhe tem visto correr mais lágrimas é o seu amigo de infância: é Marcos Freire. Ora aqui tem qual amizade os prende: é a confidência dos desgostos, é o meigo termo com que ele cura de consolar a prima, dando-lhe esperanças de dissuadir o irmão do sacrílego cativeiro a que a condena, movido por baixíssimos motivos. Como querem antever o casamento de Marcos com a sua prima? — continuou o informador. — Uma novidade lhes vou dar que será bastante a despersuadir o Senhor Desembargador. Marcos tem um filho, e a madrinha desse menino é D. Lúcia Peixoto.

— Pois ela desceu a isso?! — exclamou Cristóvão Freire. — A minha sobrinha comadre da filha de Tomé

Tamanqueiro!

— E madrinha de um neto do meu nobre parente Cristóvão Freire — disse serenamente o militar que elucidava a questão e era o padrinho do filho de Marcos.

— O quê?! — bramiu o velho fidalgo, quanto a cólera o deixava gaguejar. — Meu neto! Arreda canalha cá do meu sangue! Para ter netos mister seria que eu tivesse filhos! Filho nenhum tenho. Esse que me chama pai, maldito seja! E quem dele como tal ousar falar-me, não pense que setenta anos me pesam sobre o braço que ainda pode levantar-se à altura da cara dos insultadores.

Dito isto, retirou-se resfolegando a fumaça do incêndio interior. O major sorriu com aplauso dos circunstantes e disse:

— Este pobre pai chega a casa. Pergunta se o filho já entrou. Se lhe dizem que não, espera-o até à madrugada, e, depois que o vê entrar, deita-se. Marcos tem grandes despesas, porque o ninho campestre da sua Eva e o éden do Candal. Estive lá ontem e fiquei encantado daquilo tudo que me parecia um milagre do amor. As acácias vestem as

estátuas de festões e os passarinhos cantam cá fora as delícias que lá vão dentro.

As velhas, que escutavam isto, lançaram de esconso os olhos às novas, e, como as não vissem escarlates, atribuíram a ilusão de ótica esta falta que, a ser verdadeira, poria em hipótese o pudor das raparigas.

Osório do Amaral continuou:

— Falei das delícias da arte e da natureza do Candal para explicar as despesas de Marcos e vir ao ponto de dizer que o pai lhe dá sobejos recursos para tudo, sem lhe serem pedidos, nem pedida a conta de tão avultado desembolso. Tal pai não mata o filho nem levanta o braço para repelir a injúria de lhe chamarem avô do neto de Tomé Tamanqueiro. Digo mais: não me hei de maravilhar se ainda vir Cristóvão Freire de braço dado com a sua nora a Senhora D. Maria de Nazaré Freire Pamplona, etc.

— Credo! — exclamaram as damas com despavoridos gestos e caretas.

— Credo! também eu digo — disse o major. — Porque eu também creio em Deus Padre Todo-Poderoso; e creio, se

não tanto, alguma coisa no deus também todo — poderoso chamado Amor...

— Se casar com ela, rompe com toda a sua parentela! — clamou uma fidalga de anos e autoridade solenizada pelo assobio do simonte com que trauteou a exclamação.

— Minha prima e Senhora — disse o militar — , se Marcos romper com toda a sua parentela, creia Vossa Senhoria que um homem que tem uma esposa e um filho não precisa de mais parentes.

CAPÍTULO II

O ESPADACHIM

Informara veridicamente José Osório; faltou-lhe, porém, acrescentar que D. Lúcia Peixoto, depois de ter amado com impetuoso coração o seu primo Marcos, se habituara à tortura do estimar, apurando-se na santidade da abnegação até ao lanço de ir, a ocultas da sua família, batizar-lhe o filho e dizer palavras afetuosas à mãe do seu afilhado.

Marcos Freire dava-lhe a paga que as almas ardentes desprezam e consideram injuriosa: amizade de irmão, se alguma vez irmãos se quiseram tanto como aqueles dois. Que a piedade era grande parte no afeto de Marcos à mulher, que tantas vezes se lhe denunciara com silêncio e lágrimas, é bem de ver; mas tão natural e entranhado estava nele o jeito de lhe bem-querer, e estremecê-la com cuidados de muita amizade que nunca lhe deu modo de ela se ver aviltada pela compaixão. Discretamente se esforçava o rapaz porque Lúcia jamais desconfiasse que ele soubera

quanto foi amado e que amantíssimo coração desprezou e crucificou para sempre. Sabia ele que a sua prima era santa; mas entendeu judiciosamente que as santas e mártires do amor, até à hora suprema de se evolarem puros espíritos à união angélica, conservam na sua compleição, tanto ou quanto feminil, a fibra sensibilíssima do amor-próprio.

Seria plausível e usual que D. Lúcia Peixoto, fraudada no seu amor único, e irreparavelmente desenganada, não somente aceitasse mas até elegesse o destino do mosteiro e as núpcias com o celestial esposo. A repugnância que lhe fazia o convento fora própria da donzela cativa do amor profano; despersuadida, porém, do seu intento e carecida de silêncio e reclusão para carpir-se, que lhe faria a ela a vida das salas? Que esperava? Que prazer lhe ia no encontro de um homem que lhe referia as galantes meninices do seu filhinho?

Pois não: convento é que ela detestava, com ressalva dos seus sentimentos religiosos em que Lúcia era mais afervorada e menos hipócrita que as damas da sua prosápia.

Cuidar-se-ia que a esbelta irmã de Simão Peixoto queria, fora do sepulcro monástico, esperar a ressurreição da sua alma para amores melhormente prosperados? Seria isto um caluniarem-na. Lúcia abominava o mosteiro por amor... diremos amor? seja, enquanto nos não lembra, se a há, palavra que diga o sentir menos de divino e mais de humano — por amor de Marcos é que ela repelia o convento. Se a mandavam para Lorvão, onde suas irmãs estavam contentíssimas e pelos modos namoradas do ideal divino lá dentro e do ideal objetivo fora das grades, Lúcia razoavelmente pensava que raras vezes veria o seu primo. Se lhe indicassem convento no Porto, pode ser que ela, esperançada em repartir-se entre as salmodias do coro e as inocentes palestras no locutório, deferisse à cupidez do irmão. E, principalmente, se Marcos Freire lhe pautasse que fosse freira, sê-lo-ia; porque ela, doida ou divina, matar-se-ia, se pensasse que a sua vida agorentava o contentamento de Marcos. Deus abençoe, e respeite o mundo as mulheres que entenderem aquela!

Simão Salazar Peixoto, irmão de Lúcia, aborrecia Marcos desde que suspeitou inclinar-se-lhe a irmã. Desfez-se-lhe a

repugnância, logo que se divulgou o rapto da galantinha rapariga da Rua dos Mercadores, por quem os peralvilhos da cidade se não corriam de andar rivalizando, e ele também, na escorregadia alfurja que ainda se goza daquele soberbo nome.

Bem que a estima recíproca dos dois suspeitos namorados continuasse depois do rapto, Simão dava-se pouco disso. Casamento é que ele impugnaria a todo transe. Intimidades de primos, tirando o escândalo, não lhe faziam rebate na dignidade nem ameaçavam os bens. Se lhe dessem, todavia, a optar entre a sua irmã dama, no sentido ruim e antigo da palavra, ou esposa de Marcos Freire, tenho para mim que, sem escolher expressamente, Simão Peixoto fecharia olhos, ouvidos e razão ao primeiro caso e levaria da espada para impedir o outro.

E já que se falou em espada, é de saber que Simão, alferes de cavalaria retirado do serviço, depois de haver acutilado um ou mais camaradas, gozava fama de mestraço esgrimidor de armas brancas. Vaidoso deste renome, jactanciava-se de proezas feitas e desafiava conflitos em que as vítimas saíssem bem capacitadas e experimentadas

da sua destreza. Os fidalgos portuenses temiam-no e arredavam-se, a horas mortas, das ruas por onde ele, arrastando a espada, passeasse os seus amores que eram um em cada rua.

Um ou dois homens somente lhe tinham sustentado a competência em tais conquistas. Um tinha sido Marcos Pamplona com a formosa filha de Tomé Tamanqueiro; o outro, de quem ele parecia respeitar a índole e o ferro, era o major José Osório do Amaral, o padrinho do filho de Marcos.

O medo, que incutia, afastava da irmã os pretendentes. Ela propriamente lhe temia os ímpetos, quando ousava declarar-lhe que só de rojo pelos cabelos a levariam à clausura. Asseverava-lhe Lúcia que não casaria nem seria freira, pensando que assim lhe lisonjeava a esperança de lhe não restituir o dote.

Sem embargo, Simão Salazar insistia no seu desígnio, posta a mira em casar com uma herdeira abastada cujo pai lha dava, tirando a partido que a casa se não dividisse. Urgia, pois, que Lúcia, professando, renunciasse aos bens patrimoniais e aos prazos herdados da sua tia.

Do violento assédio em que o irmão a tinha se queixou D. Lúcia ao primo Marcos, captando-lhe a compaixão e patrocínio que todos os parentes lhe esquivavam. Pamplona, bem que duvidasse da eficácia da sua intercessão em negócios tão domésticos e momentosos para o ambicioso Peixoto, prometeu esforçar-se para o demover.

A mensagem era tão nobre quanto arriscada, sabida a condição irritável de Simão Salazar. Não obstante Marcos foi direito à questão, disposto a sustentar em juízo a justiça com que a oprimida menina impugnava a violência do usurpador da sua liberdade e bens de fortuna.

O irmão de Lúcia, apenas entendeu o propósito do primo, atalhou-o admoestando — o a que não se intrometesse em vidas alheias. Marcos, insensível ao modo grosseiro da intimativa, replicou-lhe com serenidade:

— Não venho pedir-te conselhos, Primo Peixoto. Já me aconselhei com quem cumpria... A tua irmã está defendida por braço mais inquebrantável que o meu: e o braço da lei que te não permite dispor ao teu agrado da vontade dela.

— Bem se me dá a mim de leis! — exclamou Simão.

— Mandem-me cá os oficiais da justiça que eu lhes imporei a lei porque me costumo regular...

— Não te regulas bem neste caso, primo — redarguiu Marcos Freire.

— Sabes tu que mais? — disse Simão já enfiado.

— Deixa-me em paz e vai tratar do que te importa. Não me venhas dar lições de moral. Aprende-as tu, que bem precisas te são.

— Nesta matéria dispenso-as — retorquiu Pamplona.

— Eu não cogito em aumentar os meus haveres à custa das lágrimas e encarceramento de ninguém.

— Pois então... — acudiu Simão erguendo-se de golpe com os olhos flamejantes de cólera. — Retira-te... e aparece tu e mais a justiça, quando quiserem.

— Eu costumo andar só... — disse o defensor de Lúcia.

— Vens provocar-me?! — acudiu, sorrindo com entono de comiseração o outro.

Marcos, sorrindo também, respondeu:

— Não vim a provocar-te senão sentimentos de homem de bem. Se me respondes com sentimentos da bravura, que eu não te nego nem receio, dispenso-me de ser tão selvagem como tu. Retiro-me conforme as tuas ordens, declarando-te que protejo minha prima, a Senhora D. Lúcia, como o seu pai, se vivesse, a protegeria.

— Pois protege... — concluiu Simão, esfregando uma das mãos na palma da outra, assim com ar de pimpão de arraial que se aquece para o pugilato.

CAPÍTULO III

PRESSÁGIOS EM CORAÇÃO DE PAI

Marcos Freire, horas depois, pensava no diálogo desabrido que tivera com o irmão de Lúcia.

Afagava sobre os joelhos o filho. E Maria de Nazaré, ajoelhada aos pés dele, perguntava-lhe o que tinha, que ar desacostumado de tristeza era o seu.

Não se afizera o fidalgo a ser expansivo com Maria. As duas almas distanciavam — se tanto quanto os corações se identificavam. Não basta um forte e sincero afeto para nivelar igualdades de espíritos. A filha do merceeiro, bem que amantíssima, carecia do lustre e polimento intelectual em que o seu amado espelhasse imagens e ideias de esfera superior ao trato comum. Pode ser que o amor a subtilizasse e iluminasse para tudo entender; Marcos, porém, não a julgaria capaz de satisfazer a todas as caprichosas necessidades da sua alma estreme do vulgar.

Como quer que fosse, Maria teimava em interrogá-lo com brandura e já com lágrimas. Não tinha outros recursos a eloquência da sentida rapariga; mas aqueles bastaram para que o pai de Álvaro, acariciando-a, lhe dissesse:

— Sossega, Maria. Estou pensando na nossa comadre que o irmão quer à força fazer freira. Não sei como hei de remediar isto...

— Veja lá, Senhor Marcos! — acudiu ela assustada.

— O Senhor Simão é muito mau... Olhe que não vá ele matá-lo...

Noutra ocasião, Marcos rir-se-ia; mas, ao tempo daquelas palavras, a criancinha recurvara-lhe os braços em volta do pescoço, e com muita meiguice lhe inclinara a loira cabeça sobre a espádua.

— Olhe o pequenito que parece entender-me! — clamou a mãe alvorotada.

— Ora!... tens coisas!... — disse Marcos forcejando em repelir uns assaltos de preconceito e talvez presságios supersticiosos que o sobreagitavam. — Álvaro não faz isto tantas vezes?! Que tem que me abrace?...

E, voltado à criança, perguntou-lhe:

— Que tens, filhinho? Estás triste?

Estas perguntas a um menino de dois anos e meio já denotavam fraqueza ou turvação do ânimo do pai.

Estava verdadeiramente comovido. Os sustos de Maria quadravam ao secreto pensar dele: daí o abalo, o tremor involuntário, a veemência amorosa com que beijou o filho, e quem sabe se o pensamento do deixar, de sucumbir na guerra declarada a um adversário destemido e incapaz de perder o lanço da vingança!...

Maria, pálida de susto, continuou:

— Tenho muita pena da minha comadre; mas... Deus se compadeça dela!... Que há — de fazer o Senhor Marcos?... Ela que lhe pediu?!...

— Nada, Maria... Não me pediu nada... É preciso que alguém a defenda do irmão. Devo-lhe grandes obrigações; e a maior foi calcar todos os perigos e ir à igreja batizar o nosso filho.

— Coitadinha! — atalhou Maria. — Já me disse muitas vezes que tudo o que ela tem havia de ser para o seu afilhado...

— Não é isso o que me obriga a protegê-la. Está desamparada: é o bastante.

— E como há de ser? — perguntou ela. — O senhor vai tirá-la de casa?... Mas o irmão que é tão má criatura!... Ouvi dizer que ele matava homens quando era da tropa... A nossa Senhora me acuda!...

Marcos Freire, impacientado com a repetição da sinistra ideia, passou o filho aos braços da mãe e saiu como corrido de si mesmo. Espantava-o o sentimento da sua pusilanimidade.

— Isto é covardia! — disse ele de si consigo. — Nunca experimentei esta inquietação dolorosa... Já mais de três vezes Simão me fez ameaças e eu desejei ocasião de me bater com ele. Já por causa de Maria o vi arrancar da espada; e esperei-o com a minha e com a certeza do repelir. Que pavor é este que me acovarda hoje?

Relampejou-lhe no peito a imagem do filho e para logo lhe assomaram as lágrimas.

— Então... — continuou ele na sua meditação — é então certo que tu, filho da minha alma, todo o coração, toda a vida e toda a dignidade de homem me tiras!... Não pode ser isto assim... E uma fraqueza bem disfarçada em amor paternal... é; mas eu não quero sacrificar-me tanto. Se eu tenho de acabar num combate honrado e generoso, deixar-te — ei, meu filho, um bom exemplo. De desonra e baixeza de alma é que tu não hás de herdar memórias do teu pai. Quantos levam às batalhas da pátria, onde os arrasta o dever, a imagem de muitos filhos que não hão de ver mais!... Que desculpa pode ter o fraco que, por amor de um filho, resiste aos impulsos pessoais da sua honra, da sua própria dignidade?... Mas... — tornava ele sobre si como repulsando a pertinaz ideia da morte — que estou eu a imaginar combates e lutas corpo a corpo! Este pleito vou entregá-lo à justiça. A minha prima não há de querer de mim senão o auxílio que lhe deve um amigo... Simão, envergonhado da sua fome de ouro, há de ceder sem que a demanda o force nos tribunais a desistir do projetado

roubo. — E, cogitando neste rumo, pouco e pouco restaurou o sossego e voltou risonho a buscar o seu Álvaro. Encontrou-o nos braços da mãe, ajoelhada diante da imagem da Virgem, à qual tinha acendido duas velas de cera.

Marcos pôs os olhos na imagem e dela desceu-os ao rosto da criança, que lhe estendia os braços.

Maria de Nazaré continuou orando.

Daí a pouco espaço, recebeu Marcos Freire uma carta. Leu-a e disse alto:

— Era de esperar.

Maria sobressaltada perguntou de quem era a carta.

— É da minha prima. Diz-me que o irmão proibira a minha entrada na sua casa, ordenando-o primeiro a ela e depois ao guarda-portão. Está aflitíssima a desgraçada menina. Receia não ter daqui a pouco um servo por quem possa escrever-me a contar os passos do seu martírio. Diz-me que entregue a sua sorte à justiça a ver se Deus a livra do algoz. Roga-me que não tenha desavenças pessoais com ele, e... não diz mais nada.

Aquelas reticências escondiam de Maria o mais grave da carta. Lúcia acrescentava em P. S.:

«Desci há pouco aos aposentos de Simão, porque o ouvi falar alto. Estava dizendo aos primos Coelhos que este negócio da minha profissão talvez te custasse a vida. Assim que ouvi isto, vim abrir esta carta para te dizer que estou resolvida a entrar no convento, logo que o meu irmão queira. Agora te peço, meu querido primo, que não dês um passo a tal respeito, e creias que só estarei descansada quando me vir na clausura e souber que o meu irmão está contente com a sua vitória. E, a falar verdade, estar livre de que me serve? Lá morrerei mais depressa; e então descansarei, e viverei na tua lembrança...»

Marcos Freire, sem detença nem hesitação, respondeu a sua prima em breves palavras que diziam assim:

«Não serás freira violentada ou eu não serei homem. As tuas reflexões últimas são dignas de ti e indignas de mim. Tem animo. Há uma só coisa que me intimida neste mundo: é a desonra. Temer teu irmão é a maior de quantas me tornariam a vida empeçonhada de opróbrio. Espera o resultado das diligências que vou fazer.»

* * *

Saiu do Candal para o Porto.

O primeiro amigo de Marcos Pamplona era o major de cavalaria José Osório do Amaral, o padrinho de Álvaro. Procurou-o e mostrou-lhe a carta de Lúcia Peixoto como seguimento dos factos da véspera já referidos ao seu amigo.

José Osório, homem de quarenta e oito anos, amadurecido de travessuras e valentias que lhe tinham dado renome, meditou pausadamente e disse:

— Primo Marcos, aí vai um parecer...

— Vais dizer-me que desista de patrocinar a prima Lúcia? — acudiu o outro.

— Vou.

— Não esperava isso... de ti, Osório! homem de bem, mestre de cavalheiros e tipo da dignidade....

— Obrigado pelos elogios; mas deixe-me acabar o recado, menino — disse de bom humor o major. — Você vai desistir de patrono da sua prima e trespassa-me a

procuração que recebeu dela. Eu é que vou correr com esta demanda por muitas razões. Primeira, porque não tenho que fazer nas horas vagas do serviço. Segunda, porque me quero divertir. Terceira, porque nunca fiz ação boa na minha vida e não deixo fugir esta ocasião. Quarta, porque tu me chamaste mestre de cavalheiros, e eu o que até aqui tenho sido é mestre de infames, e não quero perder a oportunidade de ensinar o mais vilanaz de quantos conheci. Quinta...

— Basta! — interrompeu Marcos. — Não admito nenhuma das razões. A sorte da minha prima confiada aos teus cuidados e energia decerto sairá melhor prosperada; contudo, eu não me posso desembaraçar com honra do encargo a que me ofereci. O miserável pensaria que eu te deleguei cobardemente os perigos da luta.

— Vamos entrar em termos de conciliação — replicou o major torcendo as guias do bigode grisalho. — Se o pleito chegar a termos em que seja necessário dar provas de coragem, serás tu o primeiro a dá-las. Eu figuro nesta demanda como procurador pacífico e tu como procurador guerreiro. Convém? Estamos ajustados?

— Não entendo bem a distinção — observou Marcos.

— Pois eu expliquei-me bem claro. Se Simão Peixoto quiser provar a sua justiça com as armas, dou-te a primazia no combate. E enquanto ele quiser a batalha no campo da lei, sou eu o agente dos negócios da nossa prima Lúcia. Isto é razoável e irrefutável.

— Aceito — disse Marcos.

— Agora conversemos e planeemos a batalha pacífica. Tens confiança nas tias Lemes como depositárias de Lúcia?

— Tenho.

— O meu primeiro passo, salvo melhor juízo, é requerer que Lúcia seja removida de casa do irmão onde se acha em cárcere privado e incomunicável. Não sei de justiças nada: farei o que me disser meu irmão desembargador; mas isto é tão curial e racional que é impossível não ser o melhor conselho do melhor letrado. Esta carta de Lúcia é bastante a documentar o requerimento. Se o regedor ou quem diabo é não despachar favoravelmente, corto-lhe a mão. Estás comigo?

— Estou: o primeiro passo creio que deve ser esse. Depois...

— Depois veremos. A tua prima é já maior de vinte e cinco anos, segundo cuido.

— É.

— Melhor. Entra na posse da sua legítima paterna, e acabou-se a pendência, ou eu sou tão idiota como o irmão é patife.

— E, se Simão sair a pedir-te contas?

— Mando-o para ti; é negócio contratado; porém, se ele teimar em pedir-mas a mim, que remédio terei eu senão liquidá-las, menino? Desconfio, porém, que o mestre de espada não se dá bem com discípulos de bigode branco. Sabes que ele cortou uma orelha a um cadete do regimento de Bragança e dois dedos a um tenente de dragões de Chaves?

— Sei.

— Já te contei que eu era capitão da companhia em que ele primeiro serviu e que, apesar das grandes proteções

que o arrancaram às mãos da justiça, o fiz passar pelo vexame de ir pedir perdão aos ofendidos?

Duas vezes me disse ele, ao sair do regimento: «Nós nos veremos, Sor Capitão.» Temo-nos visto duzentas vezes, e já nos encontrámos, com vergonha dos meus cabelos brancos o digo, debaixo da janela da prima Coutinho; e, como fosse necessário sair dali um dos dois, visto que a prima costumava namorar quatro, mas a diferentes horas, quem saiu foi ele, fazendo bem notória a sua retirada com o tilintar da espada nas lajes da rua. Desde este caso fiquei entendendo que Simão Peixoto ou me respeita ou tem compaixão dos meus quarenta e oito anos. Seja o que for, insisto em conjeturar que Dom Roldão não me pedirá contas a mim. Por esse lado, sossega, menino... E adeus, que vou daqui a casa do meu irmão desembargador. Dá um beijo no meu Álvaro.

CAPÍTULO IV

FIDALGO PUNDONOR

Simão Peixoto, fiado na áurea pavorosa do seu nome, curou de mandar adiante da questão judicial o terror da sua pessoa.

Procurou o pai de Marcos; e, queixando-se da imoral intervenção do filho nos negócios da sua família, lhe dava a escolher uma de duas: ou desviar o filho do seu petulante propósito ou sujeitar-se à muito provável contingência do perder.

Bem que assustado e extremoso pai, Cristóvão Freire irou-se contra o ameaçador e obedeceu a impulsos da juventude, exclamando:

— Vilão! Vens dizer a um velho que lhe matas o filho! E podes tu dizê-lo a um primo do teu pai!... a Cristóvão Freire!... E quem te disse a ti que eu perdi a força do braço e te não posso afogar entre estas mãos?... Se o meu filho

fosse um covarde e se deixasse ofender de ti, matá-lo-ia a ele primeiro e a ti depois, ladrador importuno, perro desaçamado que andas aqui sempre a mostrar os dentes a todos! Vai-te da minha casa, que sujas estas tábuas! Vai roubar tua irmã; mas não venhas como salteador de estrada espavorir as aldeias vizinhas das encruzilhadas para mais a seguro roubar os passageiros... Vai-te, canalha!

O velho tremia desde as pontas dos cabelos e chorava de raiva. Simão, ao retirar — se, disse:

— Vossa Senhoria é um velho... Alguém me dará contas desse insulto.

— Pede-as aos meus lacaios, patife! — bramiu o pai de Marcos.

Cristóvão fez procurar o filho e interrogou-o severamente sobre os motivos da queixa de Simão. Referiu Marcos os sucessos. O pai, abafando o aplauso à generosidade digna do rapaz, ordenou-lhe que se não fizesse procurador de negócios alheios. Explicou Marcos a parte essencial que José Osório escolhera na defesa da desamparada menina,

reservando-se ele para o incidente possível, mas não provável, de virem ao desafogo das armas.

O velho jubilou secretamente com o comportamento honroso do filho; todavia, bradou:

— Não quero desordens, Marcos!... Salvo o caso em que ele te insulte. Olha que és Freire de Andrade...

— Sou homem — disse serenamente o filho.

— Mas não o provoques, mando eu! Aquilo é um tigre. Tem costela de uns avós, cujas manhas eu te mostrarei nos livros genealógicos do primo Alão de Morais. É um facínora! Ainda não topou com o seu homem... mas, olha bem, Marcos! não quero que te entre na cabeça a bazófia do ensinar. Não se perca um rapaz da tua condição por causa de tal fera. Deixa-o lá até que lhe saia um inimigo do seu lote. Quanto a Lúcia, aprovo que as leis a defendam; mas acho desnecessário que figures nisso. O José Osório é bom para o efeito. Esse não teme o Simão...

— Nem eu! — atalhou ressentido o filho.

— Bem sei que nem tu, rapaz: mas sejamos cordatos... Tu pouco sabes de armas, e Osório joga-as todas, como

professor, e em Lisboa acutilou Teotónio Rodrigues, o mais destro esgrimidor do seu tempo. Simão não lhe arreganha o dente; que sabe com que casta de homem as há de haver...

— Parece que o meu pai — interrompeu Marcos — está aconselhando a prudência a um filho inábil no jogo das armas... De sorte que a ignorância me põe na mesma linha dos covardes...

— Não! bradou Cristóvão Freire. — Não digo tal... e não me estejas a cotar as palavras. Contra um mestre na espada ou no florete inventou-se a arma dos ignorantes que é uma boa pistola. A coragem está no ânimo; não a dá a arte. Proíbo que em defesa de uma injúria te fiques; mas o que eu desejo e mando é que não dês motivo à injúria e hajas de ser assassino para ficar honrado. Entendeste-me agora? Esta é que é a lei porque sempre se governaram os Freires de Andrade: evitar inimigos com proceder honrado e acabar com eles quando a injustiça lhos arremessa. Quem isto não fizer, usurpa dois dos melhores apelidos de Portugal. Entendes bem a minha ideia?

— Sim, meu pai.

— Outra matéria, já que estamos conversando sobre o que cada homem bem nascido deve às tradições dos seus antepassados. Eu, bem sabes, não tenho feito grande caso da tua ligação com essa rapariga que tens no Candal. Durante algum tempo pensei que esse entretimento era uma rapaziada nem louvável nem muito repreensível. Vi que levavas desta casa dinheiro em grandes quantias e nunca te fui à mão. Soube que em nome da rapariga compraste uma casa e pomar no Candal e não to repreendi. Sei que fundes muito cabedal em aformosear a tal casa e não te censuro. Tens muito; eu não o levo para a cova; gasta que do teu gastas, e por enquanto não danificas a decência do teu futuro. Mas o que sobremodo me aflige é dizerem-me que ainda pode ser te vejamos casado com essa rapariga!... Marcos! — continuou o velho com solenidade — um favor te peço, um favor te pede o teu pai, e comigo to pedem teus avós. Não me exponhas ao desgosto de ser o legítimo avô de um neto de Tomé Tamanqueiro!

Marcos estremeceu e logo os olhos se lhe encheram de lágrimas.

Doera-lhe profundamente o desprezo assim brutal atirado à inocente criancinha. Naquele instante não viu a mãe nem os avós do menino: viu o seu filho, o anjo loiro, com a graça do céu nos olhos e o sorriso dos queridos de Jesus na boca. Viu o seu filho, sentiu-o mais estremecido no seio, chorava de compaixão dele, e quisera, naquela hora, que as suas lágrimas banhassem o rosto do pequenino. Nunca tamanhas saudades do filho sentira apertarem-lhe o coração!

E, neste doloroso alheamento, não respondia ao velho; antes, silencioso e comovido, parecia confessar ao pai a sua ingentíssima perversidade do fazer legítimo avô do neto de Tomé Tamanqueiro.

— Não respondes? — rompeu Cristóvão o silêncio com desabridos gritos. — Então? é certo o que por aí corre? Vais casar com essa mulher? Estou desonrado!... Matam — me!... Ó filho!...

— Meu pai! — atalhou Marcos mansamente. — Eu não caso, nem tenciono casar com a mãe do meu filho.

— Ah! — respirou Cristóvão Freire. — Porque me não disseste isso logo?

— Não pude. Toda a minha alma estava cheia de dó e ternura da criança que eu amo muito. Aquele pequenino no seu berço, sem culpa de ter nascido, sem saber que o merceeiro é o seu avô, parece-me um ente sagrado e defendido pelos anjos de Deus. Se o meu pai se lembrasse do amor que me tinha quando eu era como ele... Da meiguice com que eu lhe beijava nos lábios as palavras carinhosas... Nunca se ajoelhou ao pé do meu berço, pedindo a Deus que me deixasse viver, e pensando um instante na irremediável dor de me perder? O meu pai decerto não via então em mim o neto dos Freires e dos Pamplonas: via um filho, sentia a sua alma toda num pequeníssimo corpo, uma existência sem individualidade humana, mais do céu que deste mundo, sem mais genealogias que o ter-lhe nascido no coração e parecer-lhe ser divina a ascendência do pequenino anjo. Eu também ao pé do berço do meu filho, não sei, não penso que sangue lhe gira nas artérias. O meu sei eu que todo vive nele, e compreendo bem como é o repentino morrer de um pai

quando a vida parou nas veias do seu filho... Não respondi logo porque me abafaram os seus brados sem razão nem piedade, meu pai. E agora lhe peço eu não já favor mas esmola, e de mãos postas o faço: se não pode afeiçoar-se ao meu filho, não o desestime com palavras que todas me trespassam a mim, porque a inocência dele é inviolável.

— Está bom! — disse o velho comovido — está bom... Eu não sabia que tinhas tão entranhado o amor paternal. Não é esse o costume na tua idade. Eu já tinha os meus trinta e oito anos quando nasceste. As contas com a vida de rapaz estavam saldadas. Voltei-me para Deus, para a vida de esposo e pai. Tens vinte e oito anos; é extraordinário esse teu prendimento; mas... bom é que te não esqueças do que deves ao teu pai por amor do filho. Deus faça tudo para bem de todos e vai à tua vida com a minha bênção...

Marcos beijou a mão do velho e ia retirar-se com os olhos da alma postos no seu Álvaro, quando o pai o chamou com branda voz e lhe disse:

— Lembra-te sempre do teu filho quando sobrevierem os conflitos possíveis de entrares em luta com Simão Peixoto. Parece-me que te devias arredar dessa família... Não

agouro bem do mau caminho que vai ter a peleja dos dois irmãos. Se Lúcia não te serve para esposa, que te faz que seja freira ou mulher de outrem?

— Nada. Seja ela o que quiser-disse Marcos-, mas não seja presa em ferros de toda a vida para ser roubada. Haja alguém que a proteja com mais direito do que eu: retirar-me-ei. O meu filho não pode empecer-me o caminho do dever: o que pode e há de conseguir é afugentar-me do mundo para ermos bem sozinhos onde me não chegue a notícia de homens desonrados como Simão Peixoto e de senhoras desventuradas como minha prima.

CAPÍTULO V

UM SOLICITADOR DE CAUSAS FORMIDÁVEL

O expeditíssimo Osório acompanhou o corregedor a casa de Simão Salazar. O requerimento despachado e apresentado ao irmão de Lúcia levava a assinatura do major de cavalaria. Peixoto leu o papel, encarou entre furioso e risonho com o seu antigo capitão e disse:

— Oulé!... temos alcaiote no caso!... Das devassas velhas sabia eu que era esse o costume: dos velhos, é o primeiro exemplo que tenho...

O major sorriu, voltou-lhe as costas e disse ao corregedor pacificamente:

— Este homem tem três partes de tolo e uma de infame. Pelo que a mim toca, declaro-o irresponsável das injúrias que diz, em vista de serem mais numerosas as tolices.

O corregedor quedou-se carrancudo para ambos; e, sem levantar olhos à face abraseada de Simão, disse-lhe que apresentasse a Senhora D. Lúcia Peixoto.

A senhora estava precavida.

Foi o irmão chamá-la e disse-lhe de afogadilho:

— Se sais desta casa, caia sobre a tua cabeça o sangue de Marcos e do Osório que ele cá mandou!

Lúcia entrou tremente e indecisa.

O escrivão do corregedor leu o requerimento. O magistrado perguntou se era exato o que ouvira ler. Lúcia relançava ao irmão e ao major os olhos. Tartamudeava, novamente interrogada. Então José Osório tirou da algibeira a carta escrita a Marcos e leu as linhas em que ela, temerosa do intento homicida do irmão, pedia ao primo que desistisse da beneficiar.

Lida a passagem, o major continuou:

— Senhor Corregedor, estas linhas explicam a hesitação desta infeliz Senhora. Pensa ela que o primo Marcos Freire tem os seus dias contados; e talvez seja grande parte na

sua perplexidade a pena que lhe faz também a minha sorte. Será bom que a vossa Senhoria faça saber a esta menina que ninguém mata homens com a facilidade que se lhe afigura a ela.

— Matar! — bradou o corregedor, olhando fito no rosto de Peixoto. — Com que então o Senhor tem assim uns ares de assassino aterrador! Admiro-me que a justiça lhe tenha deixado desenvolver essa funesta bossa! Faz-se mister cautério nela... Ora vamos, Senhora D. Lúcia Peixoto, queira dizer-me...

Simão atalhou o magistrado:

— Advirto o Sr. Corregedor que cumpra suas obrigações e se abstenha de insultar — me, protegido pela autoridade e pela velhice.

— E eu faço-lhe saber que o mando conduzir à cadeia por dois quadrilheiros, se a vossa Mercê ousar ensinar-me as minhas obrigações! — replicou o magistrado ofegando.

Simão considerou exequível a ameaça; todavia sorriu-se e mordeu o beiço inferior. Era uma visagem de tigre espicaçado na gaiola.

— Senhora D. Lúcia Peixoto — prosseguiu o corregedor — , responda afoutamente, que as pessoas suas amigas têm braços próprios e a vara da lei que os defendam. Os assassinos são presa dos carrascos. Nós não estamos na Cafraria. Eu faço desde já responsável o Senhor Simão Peixoto das vidas de Marcos Freire e aqui do Senhor...

— Da minha vida? — atalhou o major risonhamente.

— Peço a Vossa Senhoria que o descarregue dessa responsabilidade. Eu cá me responsabilizo pela minha conservação; e o meu primo Marcos Freire, se houver de responder pelo requerimento que eu fiz e assinei, responderá como cavalheiro. Duas palavras mais, se o Senhor Corregedor me dá licença, e estas necessário é que eu as diga ao Senhor Simão Salazar Peixoto: o procurador da Senhora D. Lúcia sou eu; o instigador deste ato sou eu. Quem não consente que esta Senhora seja posta entre ferros para renunciar aos bens patrimoniais e aos herdados da sua tia sou eu. O ódio do Senhor Simão deve apontar-se-me ao peito. Se uma falsa honra lhe impõe vinganças, não vá o Senhor exercitá-las noutra pessoa, que dará nesse passo prova de que é covarde.

— Eu sei o que hei de fazer — disse pausadamente Simão.

— O que o Senhor deve fazer — acudiu desabridamente o magistrado — é ser homem de bem e lavar-se da mancha que está pondo no seu nome, arrastado de torpe cobiça de riquezas havidas por tão nefários meios. Deixe a sua irmã gozar em liberdade o que os seus pais e parentes lhe deixaram. Contente-se com o que tem que lhe abasta à decência com que os seus antepassados viveram. Isto é o que o Senhor Simão Peixoto deve fazer. E, se o não fizer, se insultar, se ferir ou desafiar alguém, como costuma, hei de eu tomar sobre mim o ofício, além do dever, do perseguir até o enviar para onde foi outro mata-mouros chamado também Simão, há treze anos Estimarei que estas advertências se não percam, e que o Senhor Peixoto muito se convença de que eu posso perdê-lo, aproveitando para a sociedade a amputação de um péssimo membro dela.

Simão inclinou a cabeça com irónica reverência e disse:

— Mercês!

— Olhe que zomba de si, que não de mim... — observou o corregedor.

— Decidamos — disse Simão com energia. — A enfadonha cena vai-se demorando. Se esta Senhora tem de sair, peço-lhe por favor que não se detenha. O que nesta casa está é meu, por isso lhe não digo que vá carregada já com o seu património. A sua sorte são propriedades, são quintas; vá tomar conta delas. Tenho dito. A missão do Senhor Corregedor está cumprida. Se não tem outra que me diga respeito, lembro-lhes que estou na minha casa.

— Já vê — disse o magistrado a D. Lúcia — que o seu irmão nos manda sair. Quer acompanhar-nos, Senhora?

— Sim... eu vou; mas desejaria que o meu irmão me não odiasse nem ofendesse alguma pessoa das minhas amigas balbuciou a Senhora, comovida.

José Osório do Amaral fez um gesto de ira e bradou:

— Ora, minha prima e Senhora! empregue melhor o patrocínio da sua compaixão. Aqui ninguém teme o formidável Hércules que a prima implora.

Simão Peixoto olhou de soslaio o major e disse à irmã:

— Não sei se deva odiar se desprezar a mulher que me trouxe a casa estes delicados cavalheiros, e me publicou seu carcereiro e algoz, por intervenção de agentes tão vis como ela. Já lhe disse que não tem nada nesta casa. Vá-se embora, Senhora!

— Tenho os meus baús — disse ela com energia.

— Leve-os — bradou ele.

— Preciso de dois criados.

Não os tem. Os que servem nesta casa são meus — disse Simão.

— Eu vou chamar dois galegos — disse Osório caminhando para a porta; e, parando, acrescentou: — Bastaria chamar um, se o outro que está aqui dentro quisesse ganhar um patacão.

E, dizendo, fitou Peixoto insultantemente.

Simão só o entendeu, minutos depois.

Voltou Osório com os carreteiros. Achou D. Lúcia preparada e o corregedor passeando na sala, e Simão de braços cruzados encostado à ombreira de uma porta.

Saíram sem proferir palavra. O corregedor despediu-se com uma ligeira cortesia. Simão Peixoto aproximou-se de Osório e disse:

— Até à vista, major. O galego, que fica, irá receber as suas ordens.

— Dispenso os seus serviços — replicou o outro — , sirvo-me com gente mais fiel.

Não podia ser mais lancinante a afronta.

O major desceu as escadas dizendo entre si: «Excedi os termos da provocação; mas não sei outro modo de salvar a vida a Marcos, que infalivelmente será morto por este homem. E necessário que eu seja o desafiado...»

CAPÍTULO VI

QUAL MATARÁ PRIMEIRO?

D. Lúcia entrou lagrimosa em casa das Senhoras Lemes.

Eram duas velhas viúvas. D. Eduarda tinha um filho chamado Heitor. Este rapaz era o amor e o tormento da mãe e da tia. Davam-lhe tudo que tinham e ele gastava o que as velhas não tinham. Aqui está a família.

Heitor da Câmara Leme, dois anos antes, ensaiara um cortejo amoroso a sua prima Lúcia. Aconselharam-no a isto o Deus Cego e principalmente o testamento das tias da sua prima. Os bens patrimoniais de Lúcia faziam-na estimável tanto ou quanto; mas não lhe bastavam a consertar uma casa desmantelada às garras de agiotas. Herdeira, porém, dos prazos da tia, D. Lúcia Peixoto deu nos olhos de todos os fidalgos arruinados de Entre Douro e Minho.

O incenso de Heitor vaporou despercebido ao ídolo. A menina escassamente o vira baralhado entre as dezenas

dos turibulários. E, se o estremou, foi para o qualificar entre os mais aborrecidos.

Ao avistá-lo agora na sala, onde as velhas Lemes o receberam, nem ao menos se recordou do ter visto aparecer e sumir-se com os seus competidores.

O magistrado disse às Senhoras que a depositada era livre para poder sair, entrar e receber quem lhe aprouvesse, visto que o depósito perdia o carácter judiciário desde que a Senhora D. Lúcia fora tirada da coação e incomunicabilidade em que o irmão a retinha. Ajuntou que D. Lúcia ia tomar posse dos seus haveres e residir separadamente.

As velhas, acariciando a menina, renunciaram nela todo o direito de hospedeiras, declarando-se hospedas em casa da sua prima Lúcia Peixoto.

Heitor imaginou-se mais ditoso do que merecia a Deus, ao ver tão perto de si a criatura insensível de outro tempo. Tinha uns ares de tolo inocente a contemplá-la, e dizia pasquacices com presunção de finezas.

À saída, notou o major ao magistrado uma coisa bem pressagiada:

— O Heitor Leme ficou em êxtase: eu vou jurar que é ele o primeiro bode expiatório sacrificado à vingança de Simão. Vossa Senhoria verá que ele apanha bordoada, se lhe entra nos seus planos de regeneração regenerar a casa com o dote de D. Lúcia.

— Está enganado, major — disse o corregedor. — A primeira vítima há de Simão querer que seja...

— Eu? — atalhou Osório.

— Vossa Senhoria o disse.

— Olhe que não me bacoreja isso, porque sou muito infeliz e contrariado em todos os desejos. O comportamento honroso de Simão costuma medir-se pela ousadia de quem lho afronta.

Todavia, pode ser e queira o Céu que eu me engane.

* * *

Gastou o major a tarde deste dia a passear no Cais de Maçarelos, local dileto dos peraltas portuenses naquele

tempo. Como aí o avisassem de que Simão Peixoto passeava na Praça Nova das Hortas, Osório galgou as íngremes escadas da Esperança e vingou chegar à Praça a tempo que Simão Peixoto ainda o podia reconhecer e atacar. Entreviram-se e perpassaram ombro com ombro.

À noite, o major encontrou uma carta que rezava assim: «Vossa Senhoria executou apenas uma ordem. Foi mandado. Mais vil e digno de castigo é quem o mandou. Começarei por onde devo começar. Não se admire da delonga. A sua vez há — de chegar. Julho de 1819. — S. Peixoto.»

O major escreveu no inverso do bilhete: «Fico ciente. Eu já o sabia... atencioso covarde.» E devolveu-o aberto a casa de Simão.

Diziam a Peixoto os primos e amigos Coelhos, tendo lido o bilhete:

— Quem tu deves desafiar é o Osório. Ele é quem te insultou, assinando-se como procurador da tua irmã.

— É procurador de Marcos — replicou Simão. — É um biltre subalterno. Não me falem à mão em assuntos de

cavalheirismo. Sei o que faço. E, se pensam que temo o major, são vocês indignos da minha amizade.

— Quem imagina isso! — voltou João Coelho. — Sabemos que nenhum homem te ganha em jogo de armas; porém, se algum há que as possa medir contigo sem desvantagem, é José Osório.

— Estimo muito — redarguiu Peixoto. — Ainda bem que tenho a certeza de encontrar um homem. Estão tu e o teu irmão resolvidos a procurarem Marcos Freire?

— Por enquanto não aceito a mensagem — disse o sensato Egas Coelho. — Convence-me primeiro de que o teu primo Freire deva pagar com a vida a injúria que te fez. Depois, sim: estou às tuas ordens. O que ao presente sei, é que a prima Lúcia pediu a Marcos socorro numa carta afligidíssima que eu vi e tu ouviste ler. Marcos procedeu como tu e nós procederíamos. Delegou num agente os atos judiciários, e num agente já de anos adiantados, a fim de cortar suspeitas desonestas. Osório é quem se apresenta, quem te injuria e desassombradamente se oferece à vingança e te provoca. Se me mandas desafiar José Osório, seja quando quiseres. Se me envias a Marcos, digo-te que

ainda é cedo. No correr desta pendência, talvez teu primo se torne digno de ódio; quando isso vier, lá iremos. O meu parecer, Simão, é que esperes. Quando o desafiares seja em tempo e por motivos que o mundo te absolva. Atualmente ninguém é por ti. Se morreres no combate, folgarão todos; se matares Marcos, serás execrado de todos.

— Que me faz a mim a opinião pública? — retorquiu Simão.

— E a consciência? — perguntou Egas Coelho. — Em verdade a consciência perdoa-te a morte de Marcos Freire? Desonrou ele a tua família? Deu motivo às insídias da calúnia? Não vinha ele a tua casa todos os dias? Quem se lembrou de desacreditar tua irmã, vituperando a leal amizade que Marcos lhe dá desde os primeiros anos da sua juventude?

— De maneira que o defendes! — atalhou Simão.

— Para te acusar de injusto — acedeu pronta e gravemente Egas Coelho. — Injusto és. Serias menos repentista nos teus ódios e vinganças, se confiasses menos na dexteridade da espada e na pontaria da pistola. A

bravura irracional é a fereza do tigre, Simão. Com que alma embeberias a espada ou a bala no peito de Marcos Freire?...

— Está acabado o sermão, primo Egas — atalhou Peixoto. — Querem vocês que eu desafie principalmente o José Osório...

— Não queremos que desafies alguém, cuja morte venha a dar-te nenhuma glória e muitíssimos remorsos; entretanto, se alguém te há ofendido não é decerto Marcos — respondeu João Coelho.

— Bem. Desafiarei o major. Posso contar com vocês?

— Sem dúvida.

— Hoje mesmo?

— Já! — disse Egas.

Simão atravessou três vezes agitadamente a sala. João Coelho fez um trejeito intencional ao irmão e o irmão correspondeu-lhe inteligentemente. Queriam dizer que Simão Peixoto estava refletindo com o siso de quem não

tinha bem segura a vida com o esgrimidor do bigode grisalho.

Parou de pancada Simão, e disse:

— Notem vocês isto. Se eu mato Osório, tenho de fugir, e Marcos Freire fica impune.

Não é indiscrição duvidar da sinceridade com que o famoso brigão saiu com a hipótese.

João Coelho assentiu:

— Isso assim é. Os vencedores nestas lutas são homicidas e desterram-se, se podem.

Egas continuou:

— Há outra hipótese que te esqueceu, primo Simão.

— Qual?

Se Osório te mata, Marcos Freire também fica impune.

Peixoto não deu pela facécia rebuçada no jeito grave de Egas.

— E possível... — murmurou ele. — De qualquer das maneiras, Marcos Freire fica tranquilo. E então?... que

dizem?

— Que difiras o duelo com o major, em harmonia com a carta que lhe enviaste ontem. Cruza os braços, e espera que algum sucesso te abra ocasião de te bateres razoavelmente com o Freire.

Uniformaram-se. Os dois Coelhos, se não temessem a formidável espada de Peixoto, romperiam a solenidade da sessão com uma benemérita risada.

Entretanto, José Osório, a fim de garrochar os preceitos de Simão Peixoto, andava por casa de amigos e parentes, despedindo-se até à eternidade. Lia a carta ameaçadora com voz cortada de gemidos e pedia sufrágios pela sua alma às primas devotas nas grades dos mosteiros.

Mas estas aparências de gracejar ocultavam uma interior e quase aflitiva inquietação. O major não podia iludir o receio de que Marcos se batesse.

Nem sequer pensava que um golpe feliz de Freire, apesar da destreza de Simão, pudesse dar a vitória ao seu amigo. Tinha como inevitável a morte do protetor de Lúcia, e como

horrendíssimo o finar-se às mãos de um desonrado o pai daquela criancinha, o amparador da pobre mãe.

CAPÍTULO VII

A RESIGNAÇÃO DA VÍTIMA

Instaurou-se litígio para desapossar Simão dos títulos concernentes aos haveres da irmã. Desconfiado das bravatas, o fidalgo socorreu-se da trapacice, contando com o sistema misto: o terror para uns casos e o suborno dos sacerdotes da justiça para outros.

Começou na tentativa de anular o testamento da tia cuja herdeira tinha sido Lúcia; e, ao mesmo tempo, curava de reivindicar como vínculo a maior parte dos bens livres em que fundia o património da irmã. Estes processos, conquanto iníquos e ao primeiro intuito fraudulentos, davam e prometiam anos de pleito.

A atividade do procurador de Lúcia, cujos bigodes e marcial entono recomendavam a causa da sua cliente, esbarrava nas delongas judiciárias. José Osório, pela primeira vez entrado à liça de Témis, bufava de raiva contra os paladinos

e bonzos da deusa, e gritava que a justiça em Portugal se concubinava com todos os ladrões ricos. Os juízes e escrivães já não contavam muito com a sagrada inviolabilidade das suas pessoas, desde que o major ofereceu ao advogado de Simão Peixoto um abraço estrangulador.

Os valiosos parentes de Lúcia não saíam por ela nem lhe aprovavam a retirada da casa dos seus pais. Divulgara-se um boato propalado acintemente por Simão: e era que D. Lúcia, não podendo gozar-se da vida escandalosa com Marcos, por lho impedir o irmão, debaixo do teto honrado da sua casa, deliberara resgatar-se por tão vil e impostor estratagema, auxiliada de José Osório, cuja mocidade viciosa explicava cabalmente a indecente agência que exercia na velhice.

A maldade humana aceitou isto de boa mente.

Formou-se a opinião pública. Era aquilo. A gente honesta dizia que os precedentes de Marcos justificavam as queixas de Peixoto. A filha de Tomé abonava a ruim morigeração do concubinário. O desprezo com que Lúcia rejeitava o cortejo dos rapazes das primeiras famílias dispensava outras

explicações, sabida a intimidade em que vivia com o seu primo. O medianeiro neste imoralíssimo pleito, Osório era — dizia a opinião — o único interventor capaz de servir em tais meijoadas. É o que dizia a sociedade, a nata heráldica das famílias que mais galeavam em virtudes herdadas e adquiridas: é o que diziam nas salas, nos passeios e nas igrejas.

A justiça do mundo, daquele modo, compensava notavelmente os dissabores de Simão Peixoto.

O homem já esperançado em vingar parte do seu intento, o roubo, com o auxílio da opinião pública e corrupção dos juízes, desfigurou a sua índole, despindo-se das armaduras guerreiras, e adotando um ar de amargura e pejo de se ver desonrado por a sua irmã. Ninguém já o ouvia falar em desafios nem ameaçar os protetores de Lúcia. Fingia-se afrontado pelos olhares compassivos dos seus amigos e escondia-se; deixava correr boato do seu invencível desgosto e tenção de fugir de Portugal para onde ninguém soubesse o seu opróbrio.

Marcos e Osório sabiam isto: todavia, ninguém lho lançava em rosto, excetuado o velho Cristóvão Freire que, uma vez,

levantara ao alto uma cadeira para deslombar um amigo que lhe exprobrara o proceder do filho.

D. Lúcia ignorava a injuriosa fama que na boca das suas parentas lhe anavalhava a reputação. Um dia, porém, o primo Freire, assumindo gravidade de conselheiro e diretor espiritual, lhe disse:

— Prima Lúcia, às vezes fazem-se grandes rodeios de palavras para chegar a coisas muito simples. O que eu vou dizer-te precisava de largas antecedências; mas tu sabes que eu, sem ponderosos motivos, te não aconselharia nesta ocasião o teu casamento...

— Casamento! — exclamou Lúcia traspassada de espanto.

— Casamento, sim, minha prima — respondeu placidamente Marcos — ; não é boa a tua situação. A nossa consciência louva-nos do propósito que fizemos de demandar teu irmão; mas a voz pública deturpa a justiça deste procedimento.

— Pois que faço eu? — atalhou Lúcia. — A voz pública que quer?

— Quer provavelmente que te deixes roubar e enclausurar; quer que sigas o exemplo de centenares de infelizes meninas sacrificadas no altar de Deus ao demónio da cobiça; quer que não vença o teu exemplo de resistência à tirania do teu irmão...

— Mas que me importa o que ela quer?! — voltou Lúcia com exaltada cólera. — E casar-me... porquê?! Então a opinião pública diz que eu devo casar-me?

— Não, prima; sou eu quem o diz.

— Tu!... — murmurou ela abaixando os olhos.

O monossílabo embaraçou Marcos. Pareceu-lhe moldar-se a oportunidade a um diálogo melindroso, do qual a sua discrição lhe impunha esquivar-se.

Observou ele que duas lágrimas derivavam vagarosas por debaixo das pálpebras que forcejavam por escondê-las. Comovido também até às lágrimas, fingiu Marcos Freire que as não via. Ainda assim, Continuou com a voz trémula:

— Conversemos, prima. A ideia do casamento é minha...

— E a do convento é do meu irmão — ocorreu Lúcia com presteza veemente. — Tanto monta um sacrifício como outro... Assim mesmo, eu antes quero o convento.

— Não, Lúcia — replicou Marcos. — Se os sacrifícios são iguais, rejeita-os ambos. O teu irmão ordena: eu aconselho. São coisas distintas.

Lúcia esforçou-se em dissimular-se serena e redarguiu:

— Tu não me aconselharias semelhante passo tão contrário ao meu génio sem fortes motivos. Porque é isto?

— Precisas de um braço poderoso que te defenda das fraudes do teu irmão...

— E tu?! — interrompeu ela.

— E, além de poderoso, legítimo — continuou Marcos. — Poderosa e legítima há uma só proteção: a de um marido, nas tuas circunstâncias de Senhora desligada dos parentes mais próximos que a caluniam e desdouram.

— Que dizem de mim? — sobreveio Lúcia alvoroçada.

— Logo lá chegarei, se for necessário. Ainda mesmo que, independente da autoridade de marido, conseguisses a

posse dos teus bens de fortuna, o teu modo de viver na sociedade seria excecional e sujeito a suspeitas e curiosidades injuriosas. Chamar-te-iam singular. O mundo costuma dar a ruim alcunha de singular à mulher que se presume usar maneiras singulares de vício.

Lúcia avincou fundamente a cara e disse com força nervosa:

— E mais nada? Não tens outra razão que me dês? E dizes-me que devo sacrificar — me a não sei que odiado marido para que o mundo me não chame singular?

— Há outras razões retorquiu Marcos Freire, maravilhado da insólita energia de Lúcia. — Vejo que me obrigas à última franqueza, e violentamente direi tudo. O teu irmão difama-te... e a sociedade aplaude as calúnias e reforça-as na intenção de te matar os créditos e auxiliar Simão no roubo do teu património. Segundo a fama corrente, saíste de casa porque teu irmão te queria obrigar a ser honesta. Segundo a fama, o cúmplice na tua indignidade de Senhora sou eu. Segundo a fama, tu solicitas a posse dos teus bens no propósito de estabeleceres a tua desmoralizada vida em absoluta

independência e escândalo sem rebuço. Segundo a fama, José Osório, o nosso extremoso amigo, representa entre nós o papel ignominioso de terceiro e medianeiro na nossa vergonhosa ligação. Aqui tens, Lúcia. O teu nome é assim atirado às vaias da canalha que nos chama primos. A minha honra é aviltada até à última vexação. Sou eu quem te inspira a guerra judicial ao possuidor dos teus haveres. Não sei se me assacam o intento de tos empolgar. Pode ser que sim; mas essa calúnia cai morta aos meus pés, debaixo dos quais eu tenho a consciência dos difamadores que conhecem a casa do meu pai e a superabundância dos meus recursos. Agora, prima, pesa estas palavras: sabes o que era, nesta conjuntura, o teu casamento? Era a restauração da dignidade de três pessoas sem mácula. Eras tu a ressalvada das aleivosias; era José Osório e era eu a sairmos honrosamente do auxílio que demos à tua honesta deliberação. O teu casamento, Lúcia, ainda leva outro intento, comparativamente, de maior alcance. Este diz, em especial, respeito à tua honra. Aceitas um marido, quando o mundo apregoa que fugiste para um homem a quem não dás esse nome, e eu não ouso proferir o nome que o mundo

lhe dá. Lúcia, falei. Não espero a tua resposta já. Reflexiona, minha amiga.

Lúcia levantou-se ao mesmo tempo que o primo. Estendeu-lhe a mão, apertou-lhe a dele com febril vigor e disse:

— O que tu quiseres, Marcos... Não sofras por amor de mim na tua honra. Dispõe da minha vida. Tu és meu irmão e o meu pai. Obedeço-te... como filha.

— Se a mim te sacrificas, Lúcia — disse amoravelmente o primo estreitando-a ao seio — , Deus te encherá das alegrias de uma boa ação. A vida para ti, alma generosa, não pode ser assim sempre uma soledade triste em que há passado a tua juventude. O teu coração há de receber a semente dos júbilos de esposa e mãe; virá o tempo de recolheres os frutos que a Divina Providência não denega às almas imoladas a um desígnio virtuoso. Mas... — susteve-se Marcos, e, feita uma longa pausa, continuou: — Quem será o esposo digno de ti?

Lúcia sorriu-se tristemente e disse:

— Qualquer... E necessário que o sacrifício seja completo... Qualquer...

Compreendo-te... — acudiu Marcos extremamente abalado, — Mas, meu Deus!... eu não quero que seja assim... Qualquer!... Para ti não serve qualquer homem, Lúcia! Escolherás um entre os mais dignos. Deixa-me estar entre o teu coração e os muitos que te hão de estremecer. Serei ainda o teu conselheiro, se a paixão te der lugar a conselhos...

— A paixão! — murmurou ela, sorrindo ainda. A paixão, Marcos! Pois eu hei de apaixonar-me? Em consciência, crês que eu posso?!...

Reteve-se Lúcia. As palavras iam sair-lhe do coração na torrente das lágrimas. Marcos receou a explosão da cratera abafada. Apertou-lhe convulsivamente ambas as mãos e saiu.

Na ausência de Marcos, a energia da Senhora esmoreceu. O grito do amor tinha sido abafado até àquele conflito. O coração dilatara-se com a dor expansiva, e mais dolorosamente se retraíra, obrigado a nem sequer poder dizer ao homem amado desde a infância: «Não me fales em paixão; que eu só tive uma na minha vida, uma e única por ti, em cujos olhos eu só pude merecer piedade.»

Lúcia Peixoto, sondando o fundo da sua alma, disse entre si:

— Agora principia a irremediável desgraça. A minha vida era vê-lo... e amá-lo assim nesta doce certeza de lhe ser querida como irmã. Quando eu tiver um marido, hei — de corar de mim própria, se o coração o chamar... Agora, sim, meu Deus, não tenho nada neste mundo...

E chorava sufocada por soluços, quando, relançando os olhos em volta de si, surpreendeu através da vidraça de uma porta uns olhos esfaimados que a espreitavam. Eram os olhos de Heitor da Câmara Leme.

CAPÍTULO VIII

O VATICÍNIO DO MAJOR

Heitor tinha espreitado e escutado. O ciúme agarrou-o e plantou-o ali. Dizia-lhe a razão que o ato era feio; mas o amor chumbou-o no sítio.

O homem ouvia lá fora as calúnias e pendia a crer que Lúcia Peixoto amava Marcos.

E o amor que ele tinha à sua hospeda era, no dizer de Salomão, mais forte que a morte; e o seu ciúme, no dizer do mesmo sábio e santo, era mais ardente que o Inferno.

E, contudo, Heitor não o dizia. Entalava-se, chegada a ocasião. Sentia fervuras no cérebro, rebuliços estranhos no peito, cãibras nas pernas e na língua. Seria lástima notável, se não fosse caso vulgar, uma embriaguez especial da felicidade, uma angelização da alma — deixem passar a palavra — , angelização que dispara em evolução ridícula,

porque ninguém pode ser seriamente anjo enquanto o espírito está encouraçado no corpo.

Como íamos dizendo, Heitor ouvia as calúnias e vinha referi-las à mãe e à tia. As velhas defendiam a parenta e refrigeravam o coração escaldado do rapaz.

— Mas ela não me ama… — carpia ele. — Quando a mãe lhe disse ontem que a prima devia tratar de casar-se, Lúcia respondeu que não tinha tal pensamento.

— Todas dizem isso — objetava a Senhora D. Leonarda Leme, a velha solteira, que também tinha dito isso até envelhecer e já ninguém, a pesar dela, lhe perguntar se intentava casar-se.

D. Felicíssima, a mãe, corroborando o dizer da irmã, animava o filho a esperar que a convivência dele com a prima lhe predispusesse ao amor o coração. Ajuntava prudentemente a velha que se não apaixonasse enquanto não visse o resultado da demanda com o irmão; que não fosse ela ficar pobre e o filho apaixonado por uma menina cujo dote não valesse ao desfalque da casa.

Dizia desfalque D. Felicíssima, sendo certo que os bens da casa não estavam desfalcados — estavam extintos, e as fidalgas senhoras, em razão, deviam considerar-se inquilinas dos seus generosos credores.

Como quer que fosse, Heitor Leme, ciente de tudo que os primos tinham dito e ele escutado, inteirou-se da inocência da prima e do subido cavalheirismo de Marcos. Propriamente ele, esporeado por benignos sentimentos, andou por casa dos parentes contando o principal do diálogo e incentivando contra o caluniador Simão. Neste digno porte ia de envolta o intento de honrar e purificar a mulher difamada para que mais tarde, quando ela fosse sua mulher, lha não abocanhassem os invejosos. Vê-se que o fidalgo não era dos mais desconfiados de si próprio nem dos mais tímidos em avassalar corações rebeldes.

A Senhora D. Felicíssima, informada da prática escutada pelo filho, apanhou ocasião e perguntou a D. Lúcia Peixoto se o seu Heitor lhe quadraria para esposo no caso de ela se resolver a tomar estado. A hospeda entendeu logo que a sua conversação tinha sido espiada. Enraiveceu-se, e de abafada não respondeu senão com um aborrido trejeitar de

que a velha se deu por desconsiderada. Tornando, porém, sobre si, D. Lúcia emendou a mão, compondo o rosto com agrado e respondendo que o seu primo Marcos Freire, mais do que ela mesma, dispunha da sua vontade.

De feito, se Lúcia abraçasse a proposta de D. Felicíssima, o sacrifício, como ela dizia a Marcos, seria consumado e completo. Heitor Leme era-lhe o mais repugnante e engulhoso dos pretendentes. A figura não tinha coisa repulsiva. A cara, pelo contrário, andava cotada entre as mais bonitas dos rapazes do Porto, de boa linhagem. Nenhum pisa-verdes lhe ganhava no apontado do vestido e trajes da moda. Sobrepujava em ignorância os mais encorpados néscios da sua raça; mas essa qualidade não era boa nem má. A sandice rematada nos rapazes da sua plana era dote inato e tão congenial dela que já se expunha à chacota dos amigos quem, como Marcos, tivesse alguma tintura de letras e dissesse coisas lidas em livros. Heitor era o fidalgo sem joio. Caçador, bom picador, garrido, possante, sadio, cronista das suas próprias pimponices, dissipador, jogador de barra e alavanca, destruidor da pureza das criadas da sua casa e das vizinhas, afora a

estupidez em barda. Não havia aí mais desejar. Lúcia parecia detestar este rapaz tão acabado no seu género ao revés das mais requestadas herdeiras que lhe piscavam o olho apaixonado por cima do lencinho de cambraia, e não lhe voavam, como pombas, a poisar nos ombros, porque os pais delas tinham sondado a caquexia da casa dos Câmaras Lemes.

D. Felicíssima disse ao filho a resposta de Lúcia. Heitor foi ter-se com Marcos Freire e declarou a sua paixão antiga e a resolução moderna de oferecer a mão de esposo a sua prima Lúcia.

Marcos alheou de si deliberação ou interferência em tal acordo; ainda assim, aventurou algumas reflexões tendentes a confrontar a desconformidade do génio de Lúcia com o do seu primo Heitor.

Tal aliança repugnava grandemente a Marcos; todavia, o impugná-la, depois de ter aconselhado à prima o casamento, seria uma incoerência despropositada e provocativa de suspeitas.

O certo é que Heitor saiu contente da entrevista e com sobra ufania para se apresentar a Lúcia pedindo-lhe o coração de esposa, e ajuntando logo que o seu primo Freire o recebera agradavelmente e se mostrara contente com a realização do projetado casamento.

Lúcia disse breves palavras em resposta. Heitor não as percebeu muito bem; mas interpretou-as à sua vontade.

A angustiada menina escondeu-se no seu quarto para chorar e escrever a Marcos, perguntando-lhe se era contente com a desgraça que se lhe anunciava de ser esposa do mais aborrecido de quantos homens a tinham pretendido.

Marcos, em resposta, referiu o que passara com Heitor. Dizia que não se opusera manifestamente a semelhante enlace por não saber até que ponto Lúcia condescendia. Informado, porém, da indisposição dela, lhe aconselhava que terminantemente se negasse a tal casamento, ou por algum tempo se esquivasse a responder com decisão, visto que convinha não complicar embaraços com a mudança do depósito.

Entretanto, Heitor Leme andava contando a toda a gente a sua bem agourada fortuna.

Em breve chegou aos ouvidos de Simão Peixoto o casamento apalavrado da sua irmã. Este boato aluía-lhe o baluarte donde ele apontava os tiros à honra de Lúcia. As ligações vergonhosas da irmã com o primo desatavam-se, logo que ela casasse. Baldava-se a difamação e mudavam de rosto as esperanças que lhe asseguravam a nulidade do testamento e a reivindicação dos bens patrimoniais. Urgia-lhe, pois, impedir o casamento, mediante o único meio de que podia lançar mão.

Pessoas sensatas e nomeadamente José Osório tinham dito a Heitor Leme que se pusesse a cobro de algum insulto de Simão. O rapaz não se conformou com a possibilidade de ser espancado sem desafronta imediata. Como a arma usual dos desafios era florete e espada, Heitor chamou mestre que lhe desse a última demão neste género de esgrima, e andou três dias no exercício da espada preta, e tão aproveitadamente que já sabia dois ou três golpes decisivos. E desta arte apercebido, esperava o desafio em forma.

Baldaram-se os heroicos e fidalgos preparativos. Simão Peixoto, encontrado com Heitor Leme no pátio do Teatro de S. João, perdeu o tino, esqueceu-se dos seus propósitos pacíficos e descarregou sobre a cabeça de Heitor uma nuvem de murros tamanha que ao agredido não bastavam os dois braços para amparar um terço dos murros, variados com pontapés.

A polícia viu aquela calamidade e absteve-se de intervir na desordem dos dois fidalgos, em volta dos quais se apinhou a nobreza portuense.

Simão Peixoto recolheu-se ao teatro e Heitor Leme, azoado do crânio e mal composto de fisionomia, saiu de braço dado com dois amigos, a quem ele pediu o favor de desafiarem Simão no dia imediato.

Quando Heitor entrou em casa, e as duas velhas o viram com a cara acidentada de colinas esverdinhadas e a pálpebra rubra de um olho a tapar-lhe a pupila, romperam numa dissonância de gritos que era uma inferneira.

— Venha ver, venha ver! — exclamava D. Felicíssima, batendo à porta do quarto de Lúcia — venha ver como seu

irmão pôs a cara do meu filho!

Heitor teve a necessária vergonha para se não deixar ver. Sumiu-se no seu quarto, ordenando às velhas que o deixassem com os seus amigos.

D. Leonarda, voltando-se então para Lúcia, disse-lhe com má sombra:

— Menina, isto não tem jeito. O seu irmão é um celerado, e nós não queremos que o nosso Heitor seja morto pela sua causa. Não falemos mais em casamento; que ele é capaz de nos matar o menino.

D. Lúcia não soube responder a isto. Recolheu-se ao seu aposento e passou a noite em tormentosa vigília. Ao romper de alva chamou a criada que a tinha acompanhado de casa do irmão e disse-lhe que a seguisse à missa. As velhas dormiam ainda. Lúcia escreveu algumas palavras num quarto de papel que entregou a um criado para o dar às Senhoras. Depois saiu com a mantilha aconchegada do rosto. Desceu à ponte das Barcas, atravessou o Douro e subiu a calçada de Gaia que conduz ao Candal.

Nascia o sol, quando Lúcia Peixoto, ofegante de cansaço, se sentava debaixo das cilindras que sombreavam a porta da risonha casinha de Maria de Nazaré.

CAPÍTULO IX

POBRES MULHERES

Marcos Freire recebeu na sua casa no Porto uma carta de Lúcia chamando-o ao Candal. Afligiu-se entranhadamente. O desatino da sua prima ia confirmar as calúnias de Simão, e do mesmo passo abater o nome de uma Senhora que procurava o abrigo do amante em casa da mulher de baixa condição. Eram armas dobradas que D. Lúcia oferecia à maledicência.

O atribulado rapaz valeu-se do seu pai. Referiu-lhe os sucessos decorridos até à saída da prima para o Candal. O velho, lida a carta de Lúcia, ordenou ao filho que não saísse de casa sem que ele voltasse. Decorrida uma hora, Cristóvão Freire entrava com duas venerandas Senhoras, suas parentas, mandava pôr as mulas à carruagem e pedia às damas que fossem com o seu filho a uma casa do Candal e conduzissem consigo para a sua casa D. Lúcia Peixoto.

Marcos beijou ajoelhado a mão do brioso velho e murmurou:

— Que santos exemplos de honra me tem dado, meu querido pai!

— Para que os transmitas aos teus filhos — disse Cristóvão Freire.

Quando Marcos e as Senhoras Leites Pereiras chegaram à vivenda do Caudal, estava Lúcia com o pequenino Álvaro no colo e Maria de Nazaré, sentada aos pés da fidalga, exultava de ver o seu filho nos braços da madrinha.

Marcos deteve-se alguns segundos a contemplar o grupo que tinha beleza do Céu entre os arbustos floridos. Depois, disse à prima que as suas tias estavam fora do portão esperando-a para a acompanharem a casa do seu pai.

— Pois nem uma hora desta felicidade me concedes, primo? — disse Lúcia com maviosa tristeza.

— Vai, minha amiga, antes que no Porto se saiba que entraste nesta casa. Vai abrigar-te sob as telhas onde vive o honrado Cristóvão Freire. A tua casa não pode ser esta... Vai que a detração não ousará infamar-te à sombra do meu

pai. Tens duas Senhoras do maior respeito como companhia. São as únicas para quem o teu nome é ainda sagrado. Não te demores, Lúcia. Peço-te eu em nome dessa criancinha. Teme como eu a tempestade que se está formando sobre nos. Eu tenho previsto desgraças que só podem ser conjuradas com muita prudência. Não sei se o teu irmão fará de mim um assassino ou um cadáver.

Lúcia Peixoto, sem demoras, abraçou Maria de Nazaré, entregando-lhe o filho, banhado com as suas lágrimas.

A consternada filha de Tomé chamou de parte Marcos Freire e disse-lhe:

— Se esta casa fosse decente para a Senhora D. Lúcia, eu saía já daqui e ela ficava com as outras Senhoras. Eu bem conheço que não posso nem devo estar onde está a sua prima, Senhor Marcos...

O rapaz não respondeu. Deu o braço a D. Lúcia e acompanhou-a à carruagem que rodou apressurada para o Porto.

Marcos voltou a tomar nos braços o menino, e murmurou enternecidamente:

— Ai! o sossego, a felicidade que nos foge, meu filho!... Onde irei eu esconder-me contigo, anjo do Céu!...

— Que é, Senhor Marcos? perguntou Maria convulsiva de medo. — O seu pai quer fazer-nos mal? Diga-mo que eu fujo com o filho e vou esconder-me onde Deus me levar...

A comoção de Maria devera tocar o coração de Marcos. Que dilacerante dor ela expressara em termos tão singelos! Assim, só mães! E para entendimento daquela angústia queria-se muito amor em homem que se não visse a tamanha distância da mãe do seu filho.

Pois não lhe queria ele muito à devotada criatura?

Ai! muito, não. O filho era o aroma de uma flor sem viço e já esmaiada. O filho era todo o amor, toda a esperança, a vida em que todo o coração dele pulsava. A ebriedade de tanto amor provinha do néctar: pouco importava a urna. Maria era como o despojo da crisálida. A formosura, a graça, as cores do Céu resplandeciam na borboleta. Pobres mães!

E que lhe fazia isto a ela, se o não entendia? A criancinha acrescia-lhe em carícias a ternura que Marcos lhe não

dava. A parte do coração, que podia doer-se do vácuo e encher-se de lágrimas, estava cheia do amor do filho. Por um amor que a fatalidade lhe ia levando — o amor humano — , dava-lhe outro a Providência — o amor do anjo.

Celestial compensação! Quantas desgraçadinhas, quantas perdidas porque não foram mães! As crianças distendem suas asas por sobre o cairel das voragens. O perfume que trazem de Deus desinfeciona o ar corrompido pelo vício. Descerram arcanos não conhecidos de bem-querer. Almas canceradas no incêndio do novo amor, depuram-nas. Reabilitam, dando valor, préstimo e sublimidade à mulher que todo mundo despreza, e ainda àquelas que, desvinculadas do mundo, se desprezavam. Como que à volta do seio que se abre em fontes de vida se forma uma atmosfera pura. Lá do peito adentro renova-se o que quer que seja de segunda virgindade.

Assim mesmo, triste dela!

Marcos podia sem confranger-se-lhe a alma pensar na orfandade materna, imaginar o seu filho sem mãe. Aterrava-o esta imagem; mas a dor grande procedia de fantasiar o filho sem os afagos da mãe; não era a mãe

morta que lhe alanceava a alma. A carpida não era ela: era o filho sem o amparo acariciativo da extremosa criatura. Pobres mulheres!

CAPÍTULO X

COMO A SOCIEDADE ABRE AS SEPULTURAS

Heitor da Câmara Leme abalançou-se a um ato de memoranda heroicidade. A o outro dia insistiu no desafio. Os padrinhos entraram à presença do desabrido esmurraçador e propuseram tartamudos a sua mensagem.

Simão respondeu neste solene teor:

— Eu, quando dou dois murros e dois pontapés num homem, fico inabilitado para lhe dar com a espada. Se eu tencionasse castigar nobremente o vilão que ontem empurrei fora do teatro, provavelmente desafiá-lo-ia, como costumo praticar com pessoas que não procuram resgatar os bens empenhados aliciando os corações das hospedas. E o que me cumpre responder, sem incomodar amigos que respondam por mim, na forma e praxe destas explicações.

Os enviados de Heitor saíram entalados; e antes de levarem o insulto ao seu amigo, acaso encontraram o major José

Osório do Amaral a quem referiram o sucedido.

José Osório perguntou-lhes se duvidavam voltar a casa de Simão Peixoto com umas quatro linhas do seu punho. Condescenderam violentados pelo decoro.

Amaral escreveu:

«O abaixo assinado quer provar de qualquer maneira que Simão Peixoto insultou covarde e infamemente Heitor da Câmara Leme. Os insultadores que se furtam a semelhantes provas descem na escala da desonra o que vai de covardes a canalhas. — José Osório do Amaral.»

Simão leu o petulante repto e respondeu:

— Podem ir. Mandei um galego da cocheira a um recado. Quando ele chegar, levará resposta vocal ao miserável que escreveu isto.

Os mensageiros saíram desta vez entaladíssimos. Riu-se Amaral; e, assim mesmo, teve a inocência de esperar o galego prometido que não chegou durante aquele dia. Mas, no imediato, uns dois fidalgos da intimidade de Simão, procuraram o major, da parte do seu amigo, e lhe disseram que Simão Peixoto, forçado a desafiar Marcos Freire em

cuja casa se acolhera devassamente D. Lúcia Peixoto, não podia deixar de dar a primazia do duelo ao inimigo de quem recebera a máxima afronta; mas que em seguimento se bateria com José Osório do Amaral.

O major cravou olhos coruscantes no parlamentário e disse:

— O senhor é o galego prometido?

— O galego!... — disse o fidalgo enfiado.

— Sim. Simão Peixoto fez-me saber que a resposta ao meu cartel seria verbal por meio de um galego. A resposta ouço eu; o portador disse Simão quem havia de ser... Não se contorçam, Senhores! — exclamou irado o major, como eles trejeitassem meneios de irritados.

— Não se enfureçam, que é preciso ter bojo para insultos quem como Vossas Senhorias tem arrojo para os cuspir à cara de uma Senhora ilustre, infeliz e honrada como D. Lúcia Peixoto! Quem disseram os Senhores que se acolheu devassamente a casa de Marcos Freire?

— As expressões são de Simão Peixoto — — interrompeu um dos atordoados.

— Sejam, que dignas são dele — sobreveio o major — , mas homens de bem não se fazem línguas de Simão Peixoto. Irresponsáveis em mandatos de tal natureza são de feito os recadeiros sabujos, os galegos que as vossas Senhorias vieram fingir. Querem uma resposta vocal também? Ela aí vai seca e breve: digam-lhe que o hei de matar como quem mata um salteador, um perro danado!

Havia muito de que rir nas mensagens destes valentes, se a linguagem dos lutadores não vaporasse um cheiro acre de sangue. Era já notório no Porto esta retaliação de insultos fidalgamente brutais. Já se bandeavam os apostadores sobre qual e quantos dos envolvidos na luta morreriam. A favor de Amaral e Simão dividiam-se os mais previstos. Poucos aventuraram a favor de Marcos, e ninguém expunha um ceitil em abono da coragem de Heitor.

A opinião geral mudara desde que D. Lúcia entrou em casa de Cristóvão Freire. Desfez-se rápida como se fizera. A sombra do virtuoso ancião regenerou os créditos de Lúcia. As Senhoras Leites gozavam tal e tão justo renome de austeras e santas que bastou dizer-se que acompanhavam a menina a casa do seu tio.

Simão Peixoto caiu na desgraça da movediça opinião pública. Restituíram-se-lhe os títulos de espoliador e feroz. Foi geral a reprovação dos insultos públicos a Heitor. Toda a gente se compadeceu do fidalgo espancado, e aplaudiu a galhardia do major saindo bizarramente em desafronta do outro e de todas as vítimas do impune roncador.

Esta mudança sobre-irritou o ânimo de Simão e ao mesmo tempo sofreou-lhe os ímpetos da vingança. Cercaram-no contrariedades opressoras. Uma, a celeuma em que prorromperam os amigos de Câmara Leme; outra a provocação notória de Amaral; sobre todas, a passagem da sua irmã para casa do venerando Freire, e, superlativamente ainda, a declinação súbita em que descaíram os seus créditos no conceito dos juízes a quem cumpria legalizar-lhe o roubo da herança e património de Lúcia.

Nesta apertura dolorosa, era de esperar que Peixoto respirasse pela ferocidade, desafiando Marcos ou chamando ao campo o major. Não sucedeu assim. O homem olhou para si nalguma hora lúcida e raciocinou. Se o corolário dos seus raciocínios foi medo, se prudência, não

sabemos; de qualquer maneira, prudência ou medo, a opinião pública, sem mais nem menos, entrou a gritar que Simão Peixoto era um covarde, que andara bazofiando proezas enquanto não topou homens do pulso de Marcos Freire e José Osório do Amaral.

Este funestíssimo juízo da opinião pública estava aquecendo o embrião de grandes calamidades. E ela quem afogueia a cólera, e afia os gumes do ferro e dá a morte, ou remorsos ao matador. A ferida que ela rasga no peito do homem, chamando-lhe covarde, é mais sensível que a dor da bala penetrante. O injuriado e atormentado pelos remoques da opinião social dói-se mais de que o alcunhem de covarde que de homicida. E ainda o homem de bem, de lúcida razão e piedosas crenças, tendo de escolher entre o perdão das injúrias, que vem do Céu, e o remorso de matador, que a sociedade lhe insinua, inclina o ouvido e alma à voz do mundo, e toda a filosofia e piedade não bastam para rebater o epíteto de covarde com que lhe malsinam a honra.

A sociedade, pois, pregoando que Simão Peixoto, afinal, topara com os seus homens, estava cavando terra de

sepulturas. Os bons amigos não lho diziam: os maus, os terribilíssimos inimigos, contavam-lhe o juízo que o mundo ia formando da sua indiferença, passados oito dias depois que a D. Lúcia se hospedara em casa de Marcos Freire.

Simão dilacerava-se de angústias recônditas, e ao seu mais verdadeiro e sisudo amigo dizia:

— Se eu morresse, Egas, toda a minha casa ia passar à prostituída!

— Não dês esse ultrajante nome a tua irmã, Simão. Olha que és o único a pôr-lhe desonra, devendo ser tu o primeiro a defendê-la. Queres tu esta complicada crise acabada de hoje para amanhã?

— Como?

— Dá-lhe o que é legitimamente dela.

— Ah! — clamou Simão. — Que prazer para a canalha!... Então sim!... Assentava-me bem a pecha de covarde que me assacam...

— A gente de juízo chamar-te-ia honrado.

— Honrado... — voltou Peixoto casquinando sarcasticamente — honrado, quando o medo me obrigava a sê-lo! Honrado para salvar o corpo das cutiladas do major! Não quero!... Hei de bater-me!...

— Seja — disse Egas — ainda mesmo na hipótese de que a tua casa vai passar a tua irmã, dando-se a alternativa de sucumbires.

Esta cláusula batia no peito de Simão como barra de ferro. Duas garras lhe tiraram pelas entranhas a mortais empuxões uma era o chamarem-lhe fraco, outra o direito de sucessão da irmã.

CAPÍTULO XI

LUZ NOVA

Cristóvão Freire disse a D. Lúcia:

— Minha sobrinha, começas hoje a ser minha filha. Não te pergunto se te sujeitas às minhas decisões de pai: sei que te ofenderia com tal pergunta. Menina dos teus anos que recusasse autoridade de um velho tio, na falta de pai e mãe, seria uma doida caminhando a passos rápidos para a perdição. Portanto, Lúcia, tomo a peito dirigir as tuas ações, exceto aquelas que fizerem implicância ao teu coração.

— Sujeito-me à vontade do meu tio — disse D. Lúcia.

— Saibamos. Tens alguma afeição a Heitor Leme? Serias sem repugnância esposa dele?

— Não poderia ser sem repugnância — respondeu ela temerosa de que o tio lhe propusesse tal sacrifício à sua

obediência.

— Eu também não gosto dele nem lhe daria uma filha minha.

Respirou a pálida Lúcia e ganhou cores. O velho continuou:

— Basta que ele se deixou carregar com uma dúzia de murros a pé quedo e não lavou uma hora depois as contusões com o sangue do outro. Ainda que o mundo lhe atribuísse quantas virtudes há, faltando-lhe a da dignidade, duvido que ele tivesse alguma; pelo menos, eu não lhe queria as outras para herança dos meus sobrinhos. Saibamos: consta-me que vários rapazes de bom nascimento e boas casas te requestaram. Lembra — te algum que o teu coração distinguisse?

— Nenhum, meu tio.

— Começas a enganar-me, Lúcia?

— Deus sabe que lhe digo verdade.

— Pois tu não amaste o meu filho, menina?

Lúcia corou e abaixou os olhos.

Cristóvão prosseguiu:

— Amaste e eu folgava de te ver desde a primeira mocidade nesta casa com um ar e contentamento de quem tivesse nascido aqui e houvesse de cá morrer. Não o quis Deus assim. Marcos não tinha o seu coração no meu. Viu-te desde muito menina, criou — se e cresceu contigo. Foi o mal. Para te amar como esposo, conviria que te não estimasse como irmão. As paixões de alma vêm de sobressalto, nascem imprevistas, aferram do coração e sentidos de surpresa. A tua formosura, menina, desenvolveu-se de ano para ano, vagarosamente, em frente dos olhos dele indiferentes e como insensíveis às graças que tu ias adquirindo. Fio que ele, se te houvesse contemplado aos quinze anos, seria o homem do teu destino, e tu serias a paixão única da sua vida. Eu entendi logo que o meu filho não seria teu marido, e doí-me e condoí-me de ti, Lúcia, quando soube que lhe querias. Fui teu advogado perante o meu filho. Encareci-lhe os teus merecimentos com o melindre necessário em tais e tão sérios negócios da vida. Descobri que o rapaz te era tão afeiçoado quanto ele to há provado na luta em que anda com o teu irmão; porém, marido capaz de te fazer feliz e do ser, não era decerto aquele... Não chores, filha. Se Deus to

não fadou para os contentamentos de esposa, sabe que ainda não houve irmão tão afetuoso. ao meu ver, Lúcia, maior infortúnio há sido que nenhum homem te haja cativado o pensamento. Hoje o teu enlace com um digno e respeitável marido seria a tranquilidade do meu filho, a inteira restauração dos teus créditos manchados por esse desastrado filho da tua mãe... que eu...

Cristóvão Freire se continuasse em voz alta o pensamento diria: «Que eu somente creio que ele é filho da tua mãe, e irei jurar que não é filho do teu pai e o meu primo carnal Baltasar Peixoto.»

Porém, como o complemento da ideia não era de boa e moral revelação a uma donzela, o velho cortou a frase e continuou noutro rumo:

— Se tu, Lúcia, pudesses indicar-me o homem que te merecesse e sem grande sacrifício pudesses felicitar... Qual é a menina dos teus anos que não conhece uma pessoa, se não amada, ao menos estimada bastantemente para sem grande rebeldia da vontade lhe poder confiar a sua boa sorte? Pensa nisto, Lúcia...

— E escusado pensar... — disse a menina — eu não tive nem tenho afeição a ninguém... A minha vontade era viver assim... Pois eu não posso ficar solteira?!

— Podes, mas sempre a braços com os desgostos e desordens de uma posição embaraçosa na sociedade. O mundo não compreende a abnegação e ânimo reto com que o meu filho te protege. Deus me livre que tu visses as cartas anónimas com que me trespassam o peito os detraidores da honesta generosidade com que Marcos saiu em defensa da tua liberdade. Não te direi as surdas dores que o pobre rapaz curtiu, mais por ti que por ele, vendo-te envolvida na sua difamação. Além de que, Lúcia, eu agouro terríveis consequências desta desordem e o meu filho não pode honrosamente evitá-las. A sociedade está no palanque e não desiste de ver homens a espedaçarem-se como bestas — feras. Toda a gente vem falar-me em desafios, todos me vaticinam a morte do meu filho...

— Meu Deus! — exclamou Lúcia, pondo as mãos.

— Eu obrigo-me a tudo que o meu tio ordenar para que o primo Marcos não tenha algum desgosto. Jesus! pois o Simão desafiou-o?

— Ainda não, filha. Entre Simão e Marcos tem estado até aqui um peito de bronze que os não deixa aproximar. O nosso primeiro amigo é o major José Osório; o defensor da vida ameaçada do teu primo há sido ele. Quanto este dedicado amigo tem feito arrojadamente no teu serviço e nosso, é com o propósito de ser desafiado pelo teu irmão a fim de salvar o meu filho; porque o major crê que Marcos sucumbirá no desafio.

— Virgem Maria! — clamou ela despavorida e trémula de aflição. — Que desgraçada sou! Bem o disse eu a Marcos... e ele não fez caso. O meu irmão protestou que o havia de matar, e eu, que ouvi isto, escrevi ao primo a pedir-lhe que me deixasse ir para o convento.

— Sei isso, filha; mas José Osório, pensando que Marcos ficava de fora nesta batalha, chamou a si a responsabilidade do requerimento. O corajoso major tem afrontado teu irmão audazmente a ver se o desvia de Marcos; mas Simão teme-o e foge — lhe com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu. O meu filho não é homem que recuse o combate. Bate-se como valente e honrado que é; e, se houver de morrer, acabará deixando

viva e eterna memória da sua dignidade sem mancha. E o meu filho... é mais um Freire desastradamente caído à voragem de tantos infelizes desta família...

Cristóvão queria esconder as lágrimas: dir-se-ia que lhe pesava ainda mais a fraqueza de chorá-las.

Neste comenos anunciou-se José Osório do Amaral.

Lúcia Peixoto adiantou-se a recebê-lo e a perguntar:

— Há alguma notícia?... Estamos aflitos...

— Aflitos! porquê, prima? — disse o major.

— Não estamos aflitos — emendou o velho. — Estávamos conversando sobre os desafios. Que sabe a tal respeito, major?

— Parece-me que as sangrias serão menos copiosas do que por aí agouram os ociosos das praças. O tigre ruge; mas as vítimas por enquanto engordam. Propendo a crer, minha prima e Senhora, que não há razão bastante para sustos.

— Não?... Simão não desafiará o primo Marcos? — acudiu Lúcia.

— Eu e os meus amigos trabalhamos para que o desafiado seja eu. Se eu for o desafiado, posso asseverar ao tio Cristóvão Freire que o seu filho não será morto. A explicação deste positivo anúncio é óbvia: se morro às mãos de Simão Peixoto, o homicida terá de fugir deixando ileso e em paz o meu amigo Marcos Freire. Se Simão morrer, será ocioso demonstrar que Marcos não pode ser morto por ele.

O major sorria-se e D. Lúcia escutava-o com tremente ansiedade. Prosseguiu ele:

— Creio que não haverá desafios, porque me dizem que Simão é incomodado pelo receio de expatriar-se, matando, e pelo receio de transmitir a casa a sua irmã, morrendo. Ora, como deste dilema não há escapulir-se, estou vendo que escolherá um alvitre que o salve de ambos os bicos do argumento. E, sendo assim, graças ao Altíssimo, que ainda me dá mais alguns anos de sossegada velhice, a mim, cansado velho que me vejo envolvido entre lutas de rapazes cheios de vida e forças. A minha prima e Senhora, haja Sua Senhoria por bem de me perdoar desde já, se eu, enganado nestas minhas doces esperanças de paz, alguma hora tiver de me encontrar no chamado campo da honra com o seu

irmão. Eu não o temo, e levarei para lá a quase certeza de que o caminho dele na volta será o do jazigo da sua família. Esta honra convencional do mundo absolve os que matam em duelo; eu, porém, não me absolvo até me considerar tão inocente que não tenha de pedir a Vossa Senhoria, prima D. Lúcia, desculpa de lhe matar um irmão, embora ele haja querido ser o carrasco da sua honra. Entre minha prima, Marcos e Simão, o que estou representando é a parte de defensor de um rapaz, cuja nobre alma avaliei neste perigoso amparo que deu a uma Senhora infeliz. E darei a razão porque o não deixei sozinho peito a peito com Simão Peixoto. Tio Cristóvão, sou soldado: digo tudo como o coração mo envia à língua. O seu filho é pai: não lhe dou novidade nenhuma. Não sei, porém, se a vossa Senhoria sabe que Marcos Freire, quando fala do filho que tem, ainda que seja a contar as graças da criancinha, chora. Transborda-lhe do peito aquele amor que eu não sei compreender e devo a Deus a mercê de nunca mo fazer sentir. O que seria de tormentosa a vida de um soldado que assim amasse os seus filhos! Que horrorosas separações! Que morrer mil vezes no coração a cada som do clarim das batalhas, a cada zumbido de bala, e a cada cair de um

camarada traspassado, proferindo o nome de um ente querido! Eu porventura adivinhei qual amor seria o de esposo e pai, porque também tive afeições lisonjeiras na minha mocidade, e, se o coração mas encarecia ao entendimento, eu punha logo na minha ideia a imagem de uma Senhora que vi na batalha do Vimieiro, com três filhos, à volta do coronel Albuquerque, atravessado de três balas, que, apesar de três e mortais, ainda assim o não pouparam à suprema agonia de ainda reconhecer sua mulher e dizer ao mais velho dos seus filhos: «Pedro, ampara a tua mãe.» Disse... e morreu.

O major, limpando as lágrimas, balbuciou:

— Oh! isto que vem a ser?! Não me lembra de ter chorado senão então!... Há doze anos!... Mas... — disse ele sacudindo a cabeça e retorcendo os bigodes — que vinha eu dizendo?... A divagação fez-me perder!... Ah! recordo-me... Falava eu do grande amor de Marcos Freire ao seu filho Álvaro, ao nosso afilhado, minha prima, aquele inocentinho que, a falar verdade, é um encanto, e parece que olha para o pai com a vista toldada de lágrimas. Dizia eu que, à vista de tão entranhado afeto, era natural que o

meu bom Marcos não quisesse entender em negócios alheios, e de natureza tão arriscada e ameaçadora do seu sossego. Pois não foi assim: parece que para amparar a sua prima, aquele rapaz se esqueceu propriamente do filho! Isto abalou-me! Honrado rapaz! E eu então disse de mim para comigo: vou tomar a dianteira nesta batalha; vou eu arvorar a bandeira de guerra. A bandeira de guerra é o libelo contra Simão Peixoto. Vou eu dá-lo e assiná-lo contra ele. O inimigo ativo e ostensivo sou eu. Se algum houver de morrer serei eu. Marcos é pai; além de pai, é filho estremecido e extremoso; além de filho, é a alma que anima a existência da sua prima Lúcia; e Lúcia — perdoem-me a rudeza e franqueza militar — , e Lúcia que não tem pai, nem mãe, nem filho, nem esposo, tem tudo em Marcos, e nem eu sei se a real presença do anjo da sua guarda a dispensaria de antepor na sua defesa Marcos Freire. Não core minha prima, não core, porque a sua consciência não pode argui-la. Deixe-me a satisfação de lhe dizer que ainda mulher alguma adorou com tão sagrado afeto mais digno homem que Marcos Freire... Tenho dito tudo e creio que fiz de tudo isto uma embrulhada. Em suma, eu dou-me os parabéns por não ter ninguém que me ponha peias à

liberdade de me sacrificar, com tal vontade, ao bem dos outros, que ainda não senti na minha vida tamanho prazer de poder torná-la útil a alguém. Bom é isto! E bom não ter pai nem mãe, esposa nem filhos, irmãos nem protegidos que tenham de dizer às minhas cinzas: «A morte levou-nos contigo o pão de cada dia.»

Calou-se o major e D. Lúcia permaneceu largo tempo com os olhos fixamente embevecidos nos lábios dele.

Cristóvão Freire abraçou-o com entusiasmo afetuoso e disse-lhe:

— Deus não permita que nos falte o honrado amigo desta família... Major, eu tinha não sei que respeito por esse seu aspeito cheio de bondade e de bravura ao mesmo tempo. Conheci-o menino e fui eu quem deu ao seu pai a resenha genealógica dos seus quatro avós para se reconhecer cadete. José Osório foi um estouvadito; mas não há lembrança de uma quebra de probidade na sua vida de rapaz.

— Ora, meu amigo! — atalhou o major — quantas fraquezas, quantos vícios, quantas quedas na lama das

ruins paixões! Não me gabe que a consciência levanta-se em terrível juiz e eu faço confissão pública diante da prima Lúcia, que está formando de mim e dos meus bigodes brancos a falsa ideia de um santo patriarca da Mesopotâmia. Deixe-o falar ao indulgente velho que trata de encobrir as fraquezas de outro velho...

José Osório ouviu um toque remoto de clarim de cavalaria, levantou-se rápido e disse:

— Adeus, vou ao quartel assistir à contagem das praças. Boas noites. A minha prima, nada de lágrimas. Quando se sentir aflita, mande chamar o seu patriarcal parente, que eu conto-lhe histórias do meu tempo e a vossa Senhoria diverte-se e afasta as melancolias. Adeus.

Saiu.

— Que te parece este homem? — perguntou Cristóvão Freire à sobrinha.

— Um admirável carácter!... E como ele chorava! Que formosura e respeito lhe davam as lágrimas!

— Tocou-me no coração! Eu não pensei que o meu filho tinha este amigo!... Se Deus me desse uma filha para que

metade da minha casa fosse dele!

— Se a Divina Providência me tivesse dado assim um irmão! — disse D. Lúcia.

— E um esposo? — perguntou o velho.

E, passados instantes, continuou:

— E, se o teu coração...

Lúcia esperou o restante da frase. Cristóvão não a concluiu.

E, todavia, a inquieta menina adivinhou-a.

Inquieta! Amorosa, porventura?

Não se sabe ainda.

A inquietação podia ser a vaga e indefinida causa que a comovera. Podia ser coisa pouco mais importante que um modo de ser dos nervos.

Como quer que fosse, no espírito de Lúcia Peixoto espelhou-se uma imagem carinhosa como a de um pai, quase indistinta nos afagos da imagem de um esposo.

Era como se disséssemos a imagem do major com a sua bela cara escalvada e os seus bigodes listrados de branco a

caírem-lhe sobre as dragonas.

Seja absurdo a bel-prazer dos que sabem geometricamente as linhas do coração.

Seja. Seguramente aquela mulher é outra. Fez-se luz nova naquela alma.

CAPÍTULO XII

AMA-O?

Oração de mulher é atreito a umas cegueiras, no primeiro aspeto, incuráveis. Soa uma hora inesperada. Faz-se um relâmpago. O coração abre os olhos, tonteia de excesso de luz, conhece umas maravilhas novas, reconhece outras que tinha visto, entrevê delícias que se lhe figuram um ressuscitar no Céu.

Aclaremos este caso de amaurose (*) espiritual.

[(*) Cegueira]

Uma mulher, como Lúcia, tem o coração cativo não já de um homem como Marcos, mas de uma saudade como ela a sentia a chamá-la ao tempo ido dos seus afetos santos a quem lhos não premiou. Ela vê esse homem cativo de outra e de um filho: sabe que o tesouro da sua alma, a desbordar riquezas de terníssima amizade e de indulgência de mártir, nada fazem à felicidade de Marcos Freire descarecido

delas. Sabe-o; e todavia não se dói, não se ofende, nem pensa descativar-se nem quer que a desalgemem. Esta condição de vida, não vulgar em mulher, é o que eu pus no artigo de patologia psicológica, chamado «Cegueiras do Coração». Tal era o estado de Lúcia Peixoto, no momento em que se fez o relâmpago de luz.

Naturalíssima coisa concede a leitora que seja o relâmpago. Poucas damas desconhecem amores fulminantes, precursores, umas vezes, de longas e tenebrosas trovoadas de coração; outras vezes, precursores de algum breve chuvisco de lágrimas em que de pronto se dilui o espinho do arrependimento. Isto sabe-se o que seja; mas não anda trivial o caso de jorrarem torrentes de luz olhos meio apagados como os do major, quase quinquagenário, luz bastante a derreter as cataratas de uma alma, cega a quantos rapazes gentis se lhe ofereciam, florentes de juventude, aromatizando o ambiente das salas com o perfume colhido na alvorada da vida. Custa a crer e entender isto.

Eu, que o devia esmiuçar, escassamente me demorei a pensar no secreto de semelhantes ações e reações na

recôndita retorta. Crer, sim, isso creio e juro que D. Lúcia Peixoto principiou considerando qual seria a sua ventura se tivesse um pai como José Osório; depois considerou-o irmão; por fim, esquadrinhou se um coração de pai e irmão não teria favos de celestial sabor bastantes a dulcificarem a vida e coração de uma esposa.

Se ela o amou, não assevero. Que lhe quis com superior afeto, podem jurá-lo os mais meticulosos em conceituar o que mulheres querem e desdenham. Pode quem quiser dispensar-se da intervenção do amor neste renascimento de Lúcia. A necessidade que ela sente de um amigo válido e respeitável — amigo porém que não possa dar margem à calúnia nem esconder o braço protetor — , é racionalmente bastante motivo do ímpeto com que o coração de Lúcia emerge da sua letargia e anseia acolher-se ao abrigo da sublimada alma de José Osório.

É verosímil que ela veja a sombra de Marcos Freire passar por diante do seu amparador; mas tal sombra passa desinteressada, fria, com os olhos postos no filho embalado em braços de outra mulher. E a sombra do querido da sua mocidade que, pouco há, lhe aconselhou o casamento,

como necessário ao sossego e bom conceito de ambos. Lúcia pensa nisto já quase intolerante e despeitada. Recorda-se, magoa-se e quase se ofende. Contempla-se. A sua posição figura-se-lhe tão dependente, tão ameaçadora de perigos para quem a socorre, que por pouco se não acusa de irrefletida ou pobre de honra.

O afeto nascido a súbitas devia ser medianamente violento porque D. Lúcia raciocina e conclui que enlaçada com José Osório do Amaral ganhou um tão poderoso e natural protetor que já seu irmão não poderá ir assestar a sua vingança contra outro. Marcos e Cristóvão Freire vão restaurar o almejado sossego. Ela terá cumprido a vontade de ambos que, espicaçados por dignidade e piedade, lhe dão amparo, e tão de agradecer e todavia de recusar, que é dor grande de alma ver o pai temeroso da morte do filho e o filho com a palidez do presságio a delatar as angústias abafadas.

D. Lúcia saudou o sol do seguinte dia, sem ter provado sono.

Quando encontrou na casa do almoço o velho Cristóvão, sorriu-lhe com desusada alegria.

— Estás sem cor, menina! — observou o velho. — Tu não dormiste...

— Não dormi, meu tio; mas não sofri.

— A conversação do major deu-te que pensar... A mim também!... Que homem! Há poucos daqueles, se há outros. E um resto dos bons tempos de Portugal. Pena é que à volta dele não estejam filhos que aprendam e herdem aqueles tesouros de honra...

— Quantas mulheres teriam encontrado uma feliz vida em tal esposo!... — disse Lúcia.

— E quantas sei eu que o amaram! — disse Cristóvão.

— Conheceu-as?

— As principais das melhores famílias. Foi um gentil rapaz!

— Conheceu-as todas, meu tio? — disse D. Lúcia com um sorriso que lhe alegrava as faces purpureando-lhas.

— Conheci.

— Todas... não!

— Não?... Eu te digo as que me lembram.

Cristóvão nomeou algumas senhoras contando-as pelos dedos, e parou, recordando-se.

— Veja que lhe falta uma e a mais sua próxima parenta — emendou a menina.

— Quem foi?

— Pergunte quem é.

— Pois quem é?! — perguntou o velho.

— É a sua sobrinha Lúcia.

Cristóvão ergueu-se de salto e exclamou:

— Amas este digno homem, Lúcia?

— Creio que amo, meu tio — respondeu ela serenamente.

CAPÍTULO XIII

QUE HOMEM!

José Osório tinha dormido o sono dos que se deitam com a consciência e coração em paz. Ao sair de casa para o quartel, encontrou Marcos Freire e o pai.

— Temos novidade? — perguntou ele.

— Temos. Subamos — disse Cristóvão.

— Desafio? — disse José Osório.

— Do amor — disse o risonho velho.

— Com esse não me bato eu! — redarguiu o major.

— Que remédio terás tu, valente? — interveio Marcos Freire.

Sentaram-se.

— Quem fala? — disse Cristóvão — sou eu ou tu, Marcos?

— Que solenidade! — disse o major.

— Sou eu, se o meu pai dá licença — respondeu Marcos.

— Dou.

Marcos Freire, feita uma pausa indicativa de embaraço, disse:

— Osório, o meu pai lamenta não ter uma filha. Se eu tivesse uma irmã virtuosa, pedia-te que honrasses a nossa família, aceitando-a como esposa. Adotei, desde que a minha alma pôde entender o que é um anjo neste mundo, adotei pela minha irmã Lúcia Peixoto. O meu pai e eu somos aqui para pedir-te que lhe dês teu coração de pai e esposo.

O major não trejeitou nem exclamou. Encheu de tabaco a pipa do cachimbo pausadamente, acendeu-o e disse:

— Aqui há dias passou-me pela cabeça uma ideia... passou, não digo bem; mais exato: entrou e demorou-se meia hora. A ideia era isto pouco mais ou menos: se eu tivesse menos anos e mais dinheiro, casava com Lúcia. Menos anos por bem dela; e mais dinheiro para quietação da minha dignidade. Casado com Lúcia, dizia «Senhor

Simão, roube lá a sua irmã à vontade. Crave essas garras famintas nos bens desta mulher, sorva-os e embebede-se com esses punhados de ouro derretidos em lama; goze-se da impunidade de um ladrão vitorioso; o que você quiser, menos forçar a sua irmã a ir calar no convento que você a roubou.» Aqui tendes a ideia, meus amigos, sem os acessórios com que a minha imaginação a vestiu. E, falando verdade, guapamente estava a minha ideia vestida, quando acordei com quarenta e oito anos e um magro soldo com que vou ajeitando o rancho. Dito isto, vamos a saber: como nasceu essa outra ideia vossa?

— Nasceu no coração de Lúcia — respondeu Marcos.

— O nascimento é o mais fidalgo! — encareceu o major. — Devia ser bonito o nascimento de tal absurdo!...

— Seriedade, José Osório! — atalhou gravemente o velho. — Agora falo eu. O confidente de Lúcia é Cristóvão Freire. A minha sobrinha respeita-me. na sua presença, major, represento o pai de Lúcia Peixoto. Venho dizer-lhe que a minha filha o ama; venho pedir-lhe que a defenda como marido. Aquela menina é desgraçada. Crê-se responsável das calamidades resultantes da sua fuga à

tirania do irmão, e aterra-se do ser. Entre tantos amigos, julga-se desamparada. Ela ouviu-o ontem, major, e admirou-o. ao meu ver, não o ama pela sua coragem: é pela sua levantada honra. Maravilhou-se de uma dedicação que ela não conhecia no mundo, nem eu. Amou-o com o amor de filha, porque não tem seio onde se esteie com a confiança de que se acolhe a um legítimo amparo. Amou-o com o coração cheio de reconhecimento e crê que ainda a providência lhe concede anos felizes, se puder encostar-se ao seu braço, major, com a justa soberba de mulher sem mácula.

Cristóvão Freire proferiu a última palavra apertando ao seio com transporte o major e continuou:

— Osório! não me contrarie! Veja a minha alegria que está na comoção e nas lágrimas!

O major, apertando ambas as mãos do velho, obrigou-o brandamente a sentar-se e disse:

— Não pensei dois minutos quando pedi que me dessem a vanguarda nesta batalha com Simão Peixoto. Mas a batalha que os meus amigos me incumbem agora é pior, é

formidável! Tenho diante de mim a sociedade que escarnece os velhos pobres que casam com as herdeiras ricas, na flor da mocidade. Diante deste inimigo confesso e juro que tremo e faço pé atrás. Eu ia pedir quinze dias para pensar ou quinze horas em derradeiro recurso. Desisto do requerimento, e respondo já. Casarei com a Senhora D. Lúcia Peixoto, observada rigorosamente a prévia e seguinte cláusula: D. Lúcia fará doação de todos os seus bens de fortuna ao seu irmão Simão Peixoto. Reduzida à pobreza, será minha mulher.

Cristóvão encarou no filho com perplexidade e assombro. Deteve-se relançando a vista de um para outro e disse calorosamente:

— Lúcia e eu aceitamos. A minha sobrinha não é irmã de Simão. Rejeita e repele o que lhe pertencia de herança de pais e de tios de Simão Peixoto. Lúcia, a noiva de José Osório do Amaral, é filha adotiva de Cristóvão Freire. Quem a dota sou eu.

Marcos Freire abraçou o pai, clamando:

— Oh! isso é sublime, meu pai! Nós repartiremos como irmãos a sua casa!

José Osório sorriu-se e disse:

— É, em verdade, esse seu um pensamento que vale um dote, Senhor Cristóvão Freire! Das vossas mãos, amigos, não me teria eu de envergonhar aceitando as sobras da vossa opulência; mas olhai, generosas almas, eu cheguei aos quarenta e oito anos sem acertar com a vantagem de possuir um excedente à subsistência de cada dia. Não me deis riquezas; louvai-me e ajudai-me a satisfação de as desprezar. Ensinai a Lúcia o desprendimento de umas tantas pompas que desviam o coração de viver de si próprio; inculcai-lhe como meritória a qualidade do homem que se compraz de lhe dar metade da sua mediania e a riqueza inexaurível da sua independência, e depois perguntai-lhe se quer assistir ao embranquecer completo destes cabelos e arriscar-se a chorar, viúva pobre, um amigo atravessado por uma bala. Dizei-lhe isto e depois disponde de mim. E deixai-me agora: bem vedes que sou um servo do Estado e tenho de começar por mim o exemplo da disciplina militar. Vou ao quartel e já vou tarde.

CAPÍTULO XIV

O QUE FAZ A OPINIÃO PÚBLICA

A curiosidade pública rebentava de impaciência por não compreender o segredo da suspensão da demanda instaurada por D. Lúcia. Sabia-se que o advogado da hospeda dos Freires recolhera o processo e o solicitador divulgara que a sua constituinte ia desistir dos seus direitos.

O gentio ilustre, dispensando-se de tempo que o esclarecesse, aventou as causas da suspensão. Os opinativos mais decentes diziam que Simão vencera com o terror os conselheiros da irmã. Os infamadores estremes diziam que Simão transigira com a concubinagem de Lúcia e Marcos, tirando a partido a desistência do litígio. Grassava terceira opinião: esta era a dos presumidos de mais siso; e vinha a ser que tanto uns como outros, homens e mulheres, primos e irmãos e tios eram uma cáfila de tolos, de farsolas, de pataratas e descarados.

A protérvia dos segundos intérpretes da desistência esfuziou como silvo de serpente nos ouvidos de Simão Peixoto.

— Não deixes correr esta aleivosia à custa seja do que for — diziam-lhe os amigos. — Tua irmã está em casa de Marcos Freire; tua irmã suspendeu o pleito; o advogado não entende a razão disto, numa ocasião em que a voz pública te mordia e a sentença te ia sair condenatória. Os caluniadores conseguiram fundar bons alicerces à calúnia; e, como te sobram inimigos, poucos são os que explicam o proceder da tua irmã como resultado de medo que Marcos te ganhou.

Estas incessantes incitações à cólera exacerbada de Simão Salazar Peixoto podiam ser despontadas, se o major não obrigasse Cristóvão e Marcos a calarem o projeto do casamento. Ninguém rastejou o segredo, porque tal hipótese, atirada à circulação, seria recebida como paradoxo e a mais parva das invenções. Simão Peixoto escreveu a Marcos Freire uma carta recheada de impropérios dentre os quais se tirava a limpo que o insolente ordenava a imediata saída da sua irmã do bordel

onde se recolhera como concubina repulsa das casas honestas.

Marcos escondeu esta carta de Lúcia, do seu pai e propriamente do major.

Saiu logo em demanda do insultador, topou-o numa rua das mais frequentadas, remessou-lhe o cavalo, cingiram-se os dois ombro com ombro na recíproca arremetida. Simão recebeu no rosto duas vergoadas de um azorrague e destribou-se até, desequilibrado e repuxado pela gola do casaco, vergar e cair do cavalo.

Aglomeraram-se os transeuntes à volta de Peixoto.

Os conhecidos levaram-no para uma loja de mercador a sacudir-se da lama.

Os olhos daquela gente via e não queria crer tamanha derrota e descrédito da fama de Peixoto! O mestre de armas, o terror dos valentes, assim posto de um cavalo abaixo à lama, com duas betas roxas na cara, feitas por um látego, o mais aviltador de todos os insultos!

Marcos Freire, em seguimento do feito que já estrondeava na cidade, foi mostrar ao seu pai a carta recebida, a tempo

que o major entrava já sabedor do caso.

Cristóvão louvou o seu filho. O major, porém, sem o deslouvar, parecia triste.

Perguntaram-lhe se reprovava o ato.

— Não... — disse ele, e aproveitou a primeira aberta de estar a sós com o primo de Lúcia para lhe perguntar se aceitaria o duelo provocado por Simão, coisa que necessariamente ia seguir-se.

— Aceito — disse Marcos.

— Não deves — replicou Osório. — Simão deu uns murros em Heitor Leme; e, provocado a combate, respondeu que não dava com a espada em homem que houvesse castigado com murros e pontapés. Já sabes o que te cumpre responder. O azorrague não é mais decoroso que o murro.

— Hei de bater-me, não obstante — redarguiu Marcos — , porque me acuso de covarde, se recusar o duelo. Eu já sabia que, atacando-o, lhe bateria; não há de que me ufanar por lhe ter dado. Qualquer mariola covardíssimo mo poderá fazer amanhã. Porém, se eu deixar de ir a um combate

preparado com Simão Peixoto, o mundo dirá que o temo e a minha consciência não poderá responder satisfatoriamente à opinião pública.

O major não recalcitrou.

Quis ainda falar-lhe no filho, no seu Álvaro e na mãe da criança. Absteve-se por compaixão; e escrupulizou em ser parte num ato de fraqueza; porque a razão do major abraçava os dignos receios do seu amigo.

Duas horas depois, os padrinhos de Simão Peixoto procuravam Marcos Freire.

CAPÍTULO XV

AGONIAS

Marcos Freire perguntara a José Osório se aceitava o encargo de estipular as armas e condições do combate.

— Sim — disse o major — , e, se não me oferecesses o encargo, iria usurpá-lo eu a quem o desses.

— Portanto — disse Marcos — , não tenho que ver com os padrinhos de Simão. Escolhe quem te aprouver para segunda testemunha. Eu vou ao Candal e na volta saberei o que houver ocorrido.

Portanto, os enviados de Peixoto receberam em casa de Marcos aviso para se entenderem com o major.

Deixemos em conferência os quatro juízes do tribunal de honra e sigamos ao Candal Marcos Freire.

A tarde é de Agosto. As ramas dos arvoredos ciciam uma saudosa toada. Pendem amarelidos e queimados pelo sol os

boninais das gândaras. Contrastando com a sequidão dos montados, esverdecem e medram os milhos dos almargens. A vasta folhagem vapora um acre aroma que embalsama a respiração. As aves desemboscadas das suas acolheitas, pulam por entre os milharais a dessedentar-se nos meandros da água que os rega. Da espessura dos milhos surdem os descantes de vozes, as quais parecem aporfiar naquelas suas vagarosas entonações que dão tristeza.

Marcos vai percorrendo e vendo estes quadros convidativos de maviosas sensações. A espaços, encontra alegres ranchos das famílias habitadoras das casas que alvejam por entre as carvalheiras e castinçais. As crianças, desobedientes às ordens dos pais, trepam ribanceiras, prendem-se nos silvedos, rasgam-se nos espinheiros, e, seguras da indulgência, aclamam com festivas risadas a sua liberdade de avezinhas. Num destes grupos vão-se os olhos de Marcos, aguados por um súbito ressumbrar de lágrimas.

Caminha. Na alameda caraira ao portão da sua casa, vê o filho, correndo em redor da mãe, com um cordeirinho branco à trela. Maria de Nazaré exclama:

— Ele lá vem!

A criancinha soltou o cordeiro e correu a encontrar o pai, que se apeou para tomar no colo Álvaro.

Marcos apressa-se a entrar no jardim e embosca-se nuns caramanchões fechados de ciprestes e murtas. Segue-o Maria, a quem ele não dera ainda uma expressão das poucas com que a sua saudade se contentava.

Fixa-o espantada; porque ele tem os olhos cravados no filho e tão perto do rosto como se a cada instante lhos cegasse mais a onda das lágrimas.

E não proferia palavra alguma.

— Senhor Marcos, que tem? — clamou Maria de Nazaré com as mãos postas sobre o seio arquejante.

E ele, estendendo e arqueando o braço, aproximou do seio a mãe da criancinha e deixou pender a cabeça entre o rosto dela e o do filho.

Maria rompeu num sufocado soluçar; e o pequenino beijou-a. Pode ser que a criança, habituada a vê-la chorar e a vê-la sorrir depois, se ele a beijava, pensasse então que assim daria o costumado alívio a sua mãe.

— Não me dás um beijo a mim, filhinho? — disse Marcos.

O menino apertou-lhe o pescoço com os bracinhos, beijou-o e quedou-se triste.

— Já sei o que é!... — murmurou Maria, com o rosto entre as mãos e um arfar de peito que parecia trabalhosa ânsia de morte. — Ah!... pobre criancinha, que eu também te deixo!...

— Que sabes tu, Maria? — perguntou Marcos.

— E o que eu temia — soluçou ela — , é o irmão da sua prima que o quer matar... É, meu Deus, é... que as suas lágrimas são de despedida... vem dizer-nos adeus, Senhor Marcos... E deixa-nos aqui... deixa este menino sem pai nem mãe...

Marcos levantou-se, exclamando com inexprimível angústia:

— Socorrei-me, Deus do Céu!...

E no silêncio da sua alma, disse:

— Não me deixeis morrer, por este inocentinho vo-lo rogo!

Maria, com os braços pendidos, o rosto branco de jaspe e o seio quieto como empedernido, tinha os olhos espasmódicos fitos no chão. Aquele torpor de corpo e alma era o contemplar interior de uma negridão que se avizinha e cerca, e apaga com as suas trevas a luz do entendimento.

Mulher nascida noutra escaleira social, feita noutra sociedade e fortalecida para os infortúnios na prática de gente onde eles são mais habituais, desafogaria em gritos, ajoelharia diante de Marcos pintando-lhe o seu desamparo e o do filho, chamaria quem lhe desse auxílio para obstar ao duelo, rojar-se-ia no limiar da porta com o filho nos braços para lhe tolher a passagem, invocaria a justiça humana e a misericórdia divina. Ela não. Afeita a respeitar aquele homem, sem que o amor e a confiança, alguma hora, lhe desse ousio para querer igualar-se-lhe, Maria tudo o que podia dizer em breve o disse. E sendo que a impetuosa aflição não pudesse respirar, nem a cultura do espírito e recursos da razão lhe inspirassem a comovente e persuasiva eloquência de mãe e amante como esposa, a

pobrezinha internou-se toda na sua reconcentrada agonia, sentindo talvez o indefinível vacilar entre a loucura e a morte.

E Marcos dizia entre si:

— Porque vim eu!... Que desatino me trouxe aqui, meu Deus! Que esperava eu deste horrendo transe!...

Neste momento, parou uma sege à porta do jardim.

Marcos Freire conheceu a voz alvoroçada da sua prima que o chamava a gritos. Os criados indicaram-lhe o sítio para onde o fidalgo se encaminhara. Lúcia correu ao caramanchão e, avistando o primo, abraçou-se nele clamando:

— Achei-te! Graças, meu Deus, que me haveis de ajudar a salvá-lo! Já sei que foste desafiado, Marcos! Não vais, não vais ao duelo, ou irei contigo!

Maria de Nazaré, sacudida da sua muda angústia pelos gritos de Lúcia, correu para ela e abraçou-se-lhe aos joelhos, sem poder articular expressões que os soluços lhe cortavam.

Marcos Freire sentiu-se quebrado de tamanhos e tão seguidos embates. Olhava em redor de si com o filho suspenso do pescoço; queria desligar-se dele; a criancinha chorava de assustada dos clamores de Lúcia; Maria de Nazaré pedia à fidalga que lhe valesse; os criados acercavam-se do sítio onde ouviam os brados. O lance era dos que sobrelevam as torturas sem nome!

Marcos pôs o filho nos braços da mãe e pediu por misericórdia que o não enlouquecessem. Valeu-lhe o desabafar de um chorar copioso, interrompido de gemidos que ele retraía premindo-os nos lábios com as mãos convulsivas.

Passados minutos, começou falando serenamente, com pausadas vozes. Disse que o desafio não se tinha ainda tratado; que ele poderia obstá-lo sem fazer pouco da sua honra; que o deixassem tirar-se nobremente daquela má situação. Pediu a Lúcia que não fizesse coisa que o tornasse ridículo; e se lembrasse que a pior morte para ele seria a infâmia. Sobreveio no astucioso disfarce de supor ainda em conferências o duelo e talvez se dessem e trocassem explicações com que tudo terminasse pacificamente.

Maria de Nazaré acreditou. Lúcia Peixoto fingiu acreditar.

Que meditava ela?

Deteve-se alguns instantes, abraçou o primo e o afilhado, disse palavras esperançadas a Maria de Nazaré e saiu, sem dar tempo a que Marcos a seguisse à sege.

O boleeiro, quando ela punha o pé no estribo, ouviu-lhe dizer:

— A galope... Vamos a casa do meu irmão.

CAPÍTULO XVI

ERA TARDE

Lúcia Peixoto apareceu de repente a Simão que encerrado com os seus padrinhos, altercando em altos brados. Quando ele a viu, estacou de golpe, encruzou os braços e disse:

— Esta mulher que vem aqui fazer?

Lúcia respondeu com brandura, mas altivamente:

— Venho oferecer-me ao teu ódio, Simão. Aqui me tens. Vinga-te em mim, que fui eu e sou a tua inimiga. Marcos é a vítima inocente que a minha desgraça fez. Não exponhas a tua vida para me ferir, matando o compadecido amigo que eu arrastei com as minhas lágrimas. Deixa-o viver, que ele é bom e é pai. Vive tu, que estás jovem e tens razão de esperar muitos anos felizes. Basta que se perca uma vida fadada para a desgraça eterna. faz de mim o que quiseres, Simão. Entro na casa onde nasci sem opróbrio. Juro-to pela

memória da nossa mãe. Se tens como baixeza esmagar uma mulher debaixo dos teus pés, satisfaz-te com a minha humildade que te pede perdão. Eu entrarei hoje mesmo no convento que me destinares.

Simão Peixoto despediu uma risada seca e resmoneou por entre os dentes, voltado para os amigos:

— Mandaram-na cá os covardes...

Um dos padrinhos contrariou:

— Não dizes verdade.

Simão aproximou-se da irmã e continuou sarcasticamente:

— De maneira que a Senhora vem dizer a Simão Peixoto que dê por saldadas as contas com o seu amigo Marcos Freire Pamplona, depois que ele, num rompante de lacaio, me tocou na cara com um tagante... Deste modo insultado, entende a Senhora D. Lúcia que eu me devo acomodar com o insulto, logo que a sua importante pessoa se oferece em sacrifício para aplacar a vingança!...

Lúcia pôs os olhos no rosto do irmão e viu os vergões do açoute. Ela ignorava o sucesso. Perdeu logo o ânimo.

Entrou-se da impossibilidade de obstar ao duelo.

— Reparou bem? — prosseguiu ele. — Viu os sinais da façanha do seu amigo? Dá — lhe isto glória, Senhora D. Lúcia? Parece-lhe bem que o seu compassivo protetor conceda honras destas à casa onde a Senhora nasceu? Regozija-se de ter posto dois homens, que eram amigos, em frente um do outro para se matarem? Não: a menina não quer sangue — prosseguiu ele cascalhando rispidamente — , satisfaz-se com um sacrifício incruento. Imola-se ela generosamente em lugar do seu Marcos e propõe-me que me deixe estar por casa enquanto estas nódoas da cara se conhecerem, e depois que vá aí pelas praças oferecer à canalha uma cara já acostumada às afrontas dos cavalheiros que só conhecem as armas usadas nas estrebarias!... De sorte que a Senhora, por se chamar minha irmã, convenceu-se e veio aqui convencida de que devemos ser iguais nos apelidos e na infâmia!

Um dos cavalheiros levantou-se e disse a Simão:

— Esta Senhora é filha do meu tio Baltasar Peixoto.

E, oferecendo-lhe a ela o braço, continuou:

— Veja Vossa Senhoria onde quer que eu a acompanhe.

D. Lúcia, lavada em lágrimas, aceitou maquinalmente o braço de Egas Coelho e desceu ao pátio.

— Não pode evitar-se o duelo — disse-lhe o parente.

— O primo Freire foi excessivo no ultraje, e devia, sendo tão seu amigo, prima, lembrar-se que Simão Peixoto era seu irmão. O que tivemos esperanças de conseguir foi que se batessem à espada: assim poderiam ficar mais ou menos feridos; porém Marcos Freire não joga a espada e os padrinhos querem forçosamente que se batam à pistola.

Lúcia apenas o ouvia. Murmurou algumas palavras ininteligíveis e entrou como sem acordo na sege.

Conduzida a casa de Cristóvão Freire, foi transportada sem sentidos. O velho, àquele tempo, fechado no seu quarto, abafava nas roupas do leito os gritos para que os familiares não soubessem que um Freire chorava com medo que o seu filho sucumbisse num conflito de honra.

CAPÍTULO XVII

DISPOSIÇÕES TESTAMENTÁRIAS

A insistência do combate à pistola foi de José Osório, prevalecendo-se da vantagem do desafiado na escolha da arma. Outra qualquer agravaria grandemente o risco de Marcos, nada exercitado em florete ou espada, armas de que Simão tirava a sua temível superioridade sobre os ótimos esgrimidores.

Negara-se ao princípio a entrar em combate de tiro Simão Peixoto, culpando os padrinhos de maus patronos da sua honra por haverem concedido a Marcos a faculdade da escolha, tendo sido ele Simão o insultado. A boa razão estava da sua parte; mas o estilo favorecia o desafiado, sem ponderar as injúrias anteriores ao desafio.

O local pactuado foi uma chã de agra que hoje está cultivada em pinhal e demora ao poente da Mãe-d’água, fora de barreiras, convizinha da estrada entre Porto e

Braga. Estipularam vinte e cinco passos de distância e tiros simultâneos. A hora aprazada para o encontro foi ao romper do dia.

Marcos Freire, ao voltar do Candal, foi inteirar-se a casa do major da conclusão das conferências. Ouviu com inalterado rosto o acordo, agradeceu ao seu amigo os bons serviços, e disse, com a voz primeiro firme e algum tanto comovida depois:

— Se eu morrer, Osório, dirás ao meu bom pai que providencie para que Maria de Nazaré e o meu filho não sofram necessidades. A casa em que ela vive comprei-a em nome dela: mas não basta possuir um telhado e umas árvores. Assim que eu lhes faltar, ela e o filho estão desamparados, se o meu pai os não socorrer. Era minha tenção pedir isto pessoalmente ao pobre velho; mas falece-me o ânimo. Fiado em demasia na minha força de alma, fui ver hoje o meu Álvaro e pensei lá que endoudecia de aflição. Não me afoito a falar nem escrever ao meu pai. Tu lhe dirás isto, se eu sucumbir.

— Não posso dizer-lho — contraveio o major. — Escreve-lhe.

— Pois que dúvida tens em aceitar esta incumbência?!

— Não posso aceitá-la.

José Osório deu agitadamente umas voltas na sala, parou de súbito em frente de Marcos e disse:

— Não posso aceitar a tua incumbência, e eu te digo porquê. Se não morreres, estão prejudicadas essas disposições. Se morreres, Simão Peixoto não te sobrevive mais tempo que o necessário para se defender da morte que há de vencê-lo. Simão Peixoto há de morrer ali, logo, irremediavelmente, entendes-me, Marcos?

As pupilas de José Osório coriscavam. Parecia que os cabelos curtos e hirtos lhe davam parecenças de javali em fúria. Os resfôlegos das ventas saíam em jatos de fumo.

— Irremediavelmente, entendes-me? — continuou. — Se te sentires ferido e moribundo, vai-te à eternidade com a certeza de que eu me vinguei a mim, a mim, Marcos, porque eu não consinto que viva um quarto de hora o matador do meu irmão, que eras tu.

Demudou-se a súbitas o aspeito iracundo do major. Marcos, apertado nos braços dele, sentiu as faces orvalhadas pelas

lágrimas do seu amigo.

— Osório, conversemos, tranquilamente — disse Freire sofreando o seu abalo. — Se eu morrer, não penses em vingar-me, pensa em ser bom e útil para as pessoas que eu amei. Realiza o teu casamento com Lúcia, vigia a educação do meu filho, aconselha ao meu pai a beneficência à pobre rapariga, e diz-lhe a ela que tem obrigação de vencer a sua dor, para que o filho não fique todo orfãozinho.

— Pois conversemos tranquilamente — sobreveio o major tirando pelos bigodes freneticamente. — Se tu morreres, tua prima Lúcia não carece de marido para amparo e defesa. Livre do verdugo te juro eu que ela fica; ora, como lhe não conheço outro inimigo, não há para que lhe desejemos quem a defenda. Quanto a desamparada... também não fica. Ótimo amparo é o da grande casa do irmão, cuja herdeira ela é. Isto pelo que respeita a Lúcia. Ao teu filho não temamos que lhe falte o amparo. Vaticino que ele será o herdeiro do teu pai. Maria de Nazaré será igualmente participante dos benefícios que o honrado Cristóvão Freire fizer ao seu neto. Fechemos esta palestra, assim a modo de instrumento testamentário. Vai dormir,

que eu não me dispenso de repousar as horas costumadas. É meia-noite, e às quatro e um quarto rompe a manhã.

— Não consentes que eu seja teu hóspede esta noite? — disse Marcos.

— Ali tens a minha cama. Reservo para mim este canapé. Aqui mando eu. Deita-te, que ainda vou dar umas ordens precisas ao camarada.

Marcos sentou-se no leito, apoiou os cotovelos sobre as pernas e a face entre as mãos.

Se as almas morressem, os seus paroxismos deviam assim começar pelos tormentos daquela.

Algum tempo depois, levantou-se Marcos para escrever ao seu pai.

Às três horas da manhã, o major não tinha entrado, e Marcos escrevia ainda.

CAPÍTULO XVIII

O DUELO

A aurora do dia vinte e seis de Agosto de 1818 repontou saudada pelos regorjeios das aves.

O Oriente enrubescido anunciava um dia calmoso. Os cantores dos bosques madrugavam a deliciar-se na frescura matinal.

Marcos Freire e os dois padrinhos caminhavam a pé e taciturnos por entre as searas vizinhas da igreja da Lapa. em frente de Paranhos ouviram à retaguarda o rodar de uma carruagem a desapoderado galope dos cavalos; e para logo Simão Peixoto, os padrinhos, e um cirurgião perpassaram avante dos outros, saudando-se reciprocamente.

O companheiro do major, coronel inglês ao serviço de Portugal, observou, examinando o trilho, que momentos

antes devia ter passado na estrada um cavalo, afora uma parelha aposta a uma traquitana.

As pegadas do cavalo conhecia perfeitamente o major; os vestígios, porém, da traquitana deram que pensar a Marcos, figurando-se-lhe que era a do seu pai.

Revelou a suspeita ao major, presumindo que Lúcia teria o desatino de vir ao local do combate dar espetáculo de lástimas.

— Como havia de saber ela o sítio? — observou o major.

— Não sei se é ela — interveio o coronel inglês — ; se for, a imprudência foi minha, porque impensadamente disse às dez horas da noite a um amigo de Cristóvão Freire o local, e somente depois desconfiei que o indagador podia estar de inteligência com a Justiça ou com o pai do Senhor Freire.

— Meu pai é incapaz de impedir o combate — disse Marcos. Se eu o recusasse, estaria morto para a estima dele.

Chegaram ao sítio designado. Não viram ninguém afora Simão e as três pessoas que o acompanhavam.

O chão onde se havia de medir a distância entestava ao nascente, andados duzentos passos, com uma breve ladeira para além da qual se distendia uma planície invisível do local destinado para o combate. Marcos Freire tinha os olhos postos na lomba da pequena encosta, receando ver instantaneamente assomar Lúcia. Realidade ou fantasia, figurou-se-lhe enxergar uma cabeça de homem entre a ramaria de uns pinheiros novos.

Marcou o major vinte e cinco passos, assinalou o terreno deslocando com o pé duas pedras e levando-as às balizas demarcadas. O coronel e Egas carregaram as pistolas. Os combatentes ouviram as breves instruções dadas pelo coronel.

Não denotavam sombra de torvação os combatentes.

Postaram-se, ouviram a voz de fogo, dada pelo coronel. A bala de Simão Peixoto bateu em cheio no peito de Marcos Freire. O trespassado, ao cair de borco, ia morto.

O major sem mover-se da sua postura, perguntou ao cirurgião se Marcos Freire tinha morrido.

O interrogado respondeu que sim.

Osório acercou-se a passos mesurados de Simão Peixoto, e disse-lhe indigitando o cadáver:

— Aquele sangue não é bastante para lavar os vergões que o látego de Marcos Freire lhe cortou ontem na cara, Senhor Peixoto. Marcos é morto, mas os vergões ficaram. O honrado está ali; o infamíssimo vive nesse miserável chicoteado que me escuta covardemente. Eu creio que na cara onde Marcos Freire estampou indelével desonra, posso eu também cuspir.

E, dizendo, cuspiu-lhe no rosto.

Simão arremessou-se para ele ferozmente. O major esperou-lhe a garganta entre as mãos recurvas como garras. Os cavalheiros presentes lançaram-se em meio, arrancando-os um do outro.

O major continuou serenamente:

— Quero ser generoso reabilitando este desonrado homem, aos olhos de quem lhe vê os vergões e o escarro na cara. Aceito-lhe o desafio e já. A sua arma predileta é a espada. Venham espadas.

— Donde? — perguntou o coronel.

O major fez um aceno para o alto da ladeira onde Marcos julgara ver um rosto de homem.

Momentos depois, do sopé da encosta surdiu o soldado do major, correndo à desfilada do cavalo para o seu amo com duas espadas sobraçadas.

Osório mandou retirar o soldado e deu as espadas ao coronel e a Egas Coelho para que as medissem.

Eram iguais.

Simão empunhou galhardamente a sua. Se a expulsão da raiva lhe não descompusesse a atitude em frenéticos trejeitos, daria a supor vantagens sobre o adversário com a simples destreza dos primeiros golpes.

O combate corria sem condições nem ressalvas de estocadas. Sem embargo, o major esperou a primeira com o ânimo frio de quem, livre de um golpe mortal, se impõe o dever de matar o adversário. De feito, Osório sentiu que a ponta da espada adversa lhe raspara no sovaco esquerdo. O coronel despediu um oh! de consternação, por se lhe figurar que o seu camarada ia cair. Neste lance, o major estendeu-se a fundo, tirando uma estocada franca, e logo,

após o grito rouco de um ou de ambos, Simão Peixoto largou a espada, inclinou o pescoço sobre o ombro direito, levou ambas as mãos ao seio e, caindo sobre o joelho esquerdo, expirou nos braços de Egas.

O major abraçou o coronel, apertou a mão dos padrinhos de Peixoto e caminhou vagarosamente para o local donde viera o soldado.

Andados cinquenta passos, avistou através do arvoredo dois homens em postura de abraçados, parecendo estar um pendente dos braços do outro. Avizinhou-se e reconheceu Cristóvão Freire, sem sentidos, nos braços do seu velho escudeiro. Tomou o ancião para o peito, chamando-o e agitando-o com afligidíssimo anseio. O velho cobrou alento, reconheceu o major e tartamudeou:

— Ele morreu?... o meu filho...

— Morreram ambos — disse o major. — Que veio aqui fazer, infeliz?

— Vinha vingar o meu filho... mas faltou-me a vida, quando corria para lá...

— A sua sege? — perguntou o major.

— Está na estrada — respondeu o escudeiro.

— Venha, Senhor Freire — disse Osório, levando-o nos braços — , recolha-se à sua sege.

— E o cadáver do meu filho? — obstou ele. — Eu quero levar comigo o cadáver do meu Marcos.

— Tem ânimo? — perguntou o major.

— Tenho, e, se morrer abraçado nele, que mais quero eu deste mundo?...

— Poupe-me de voltar lá, Senhor Freire — instou Osório — , eu chamo quem o conduza.

— E para onde vai, major? — perguntou o velho sem querer desprender-se dele.

— Mundo fora, meu amigo. Os homicidas expatriam-se. Dê um abraço em D. Lúcia, na minha esposa prometida — disse ele sorrindo. — Se ela me não perdoar a morte do irmão, Deus me perdoará. Amigo, duas palavras: olhe se ampara a pobrinha da mãe do seu neto. Lá está na minha casa uma carta que o seu filho lhe escreveu. Se quer que a alma do seu Marcos tenha alegrias no outro mundo, ame-

lhe muito aquele filhinho, sim, meu honrado velho? Olhe que Marcos, se teve um instante da consciência da morte, pensou na criancinha e viu-a desamparada. Lembre-se também da triste mulher. Pão e amor para os dois desgraçados, sim? Adeus!...

E desatou-se dos braços de Cristóvão.

Retrocedeu alguns passos, e clamou para o grupo dos cavalheiros que rodeavam os cadáveres:

— Meu coronel, aí vai o pai de Marcos Freire para acompanhar o filho. Faça-lhe a mercê de ajudá-lo a transportar o morto à sege.

E atravessou para o caminho de Braga, enxugando as lágrimas ao canhão da farda.

Cavalgou e partiu de galope.

CAPÍTULO XIX

MARIA

Às oito horas daquele dia principiaram a dobrar os a finados nas igrejas em que os dois mortos eram sufragados em virtude de serem irmãos de certas confrarias.

A cidade parecia transida de horror. Não havia caso semelhante em memória de velhos. As famílias nobres e os brasões das casas vestiram luto.

A tristeza chegou propriamente aos que, propalando os irritantes boatos, esporeavam à vingança e ao último desaforo da calúnia a Simão Peixoto.

D. Lúcia estava na cama e febril quando ouviu extraordinário rumor e plangente alarido na casa. Saltou do leito a escutar. Viu as suas parentas correndo ao quarto dela e clamando que estava no pátio o cadáver de Marcos cercado de justiças, e que o major Osório matara Simão.

Lúcia quis lançar-se fora do quarto. As Senhoras, não podendo sozinhas reter-lhe as forças extraordinárias do delírio, gritaram por socorro. A irmã de Simão, escabujando com as roupas já despedaçadas, caiu sem alentos e foi arrastada para a alcova.

Encheu-se de parentes a casa de Cristóvão Freire; eram os mesmos de Simão; mas no palacete dos Peixotos, onde o cadáver foi conduzido, apenas apareceram os criados que o recebessem. Egas Coelho tomou sobre si o cuidado de dar sepultura a Simão, recusando-se todavia de figurar de parente anojado.

As Senhoras Câmaras Lemes e outras, reunidas na antecâmara de Lúcia, calculavam pouco mais ou menos por dezenas de mil cruzados a fortuna da herdeira de Simão, e dizia uma das mais conspícuas que, se Lúcia dantes tinha casamentos bons, agora podia casar com homem titular.

Entretanto, os médicos, repartindo-se entre as câmaras de Cristóvão Freire e da sobrinha, consultavam-se com certo ar de pessoas à conta de quem corria a cura das duas almas dilaceradas.

* * *

Vamos ao Candal. Aqui há que chorar sem que algum incidente nos provoque uma ironia; aqui a desgraça desborda da sua enchente; vê-se o que é pior que a morte a fogo lento; e não acabamos de entender como Deus tem criado angústias assim e como valem forças humanas a comportá-las.

Uma mulher encanecida, envolta na sua mantilha, com as faces maceradas e a luz dos olhos quase extinta, assomou ao portão de Maria de Nazaré, às nove horas deste dia.

Álvaro, que brincava sozinho perto dali, porque a sua mãe estava desde a meia-noite ajoelhada perante um painel do Senhor dos Aflitos, assim que viu a desconhecida velha, despediu a correr para o regaço da mãe.

Maria, ouvindo-lhe os rápidos pezinhos, perguntou-lhe alvoroçada:

— É o pai, Álvaro?

— Não, mamã — disse o menino a tremer e a esconder-se nas dobras do xaile.

— Pois quem é?! Tens medo?

— Tenho.

Maria ergueu-se e saiu ao patim da escaleira.

Viu a velha; tremeu; deteve-se a reconhecê-la; julgou que era... duvidou... ia perguntar, quando a mulher macerada lhe disse brandamente:

— Sou eu, desgraçadinha!

Lanhou-se o coração à fulminada rapariga. Aquela mulher vinha anunciar-lhe que... O pressentimento era atrozmente verdadeiro; mas Maria fugiu com a alma ao pungente agouro para o não ouvir completo.

A velha aproximou-se e murmurou:

— Maria, estás desamparada; venho buscar-te... O pai do teu filho morreu.

O estrídulo grito que estalou do peito de Maria semelhava silvo pavoroso de uma fera. A criança caiu-lhe dos braços sobre as lajes. A mãe não ouviu o vagido do filho que lhe estendia os braços suplicantes. Galgou os degraus de dois ímpetos de furiosa investida contra a mulher.

— Isso é mentira! — bramia ela sacudindo-a a empuxões de louca. — O Senhor Marcos não morreu... Não me minta, não me minta que eu morro... Que é do meu Álvaro?... Que é do meu filho? Vamos procurar o teu pai, menino... Anda, anda... depressa, meu filho!...

E, correndo em redor da velha, procurava o filho com os olhos esgazeados e abaixava-se à terra como para o tomar nos braços. Então era o irromper em desabridas vozes:

— Senhor Marcos! acuda-me, que me roubam o nosso Álvaro!... Esta mulher não me perdoou e vem do Inferno atormentar-me!... Ai! que me mataram o pai do meu filho, e lá me roubaram o anjinho da minha alma! Que dor será a do Senhor Marcos quando eu logo lhe não levar o filho ao caminho!...

E desatou em vertiginosa corrida até ao portão do jardim e o filho depós ela chamando-a a gritos consternadores.

Ao sair do portão, Maria foi rodeada de Senhoras da quinta próxima, já avisadas da morte de Marcos e atraídas ali pelos brados. Tiveram mão dela; e de pronto conheceram

que a formosa mãe da loura criança, que lhe tirava pelos vestidos, enlouquecera.

— Quem é vossemecê? — perguntou uma Senhora à velha que, banhada de lágrimas, abraçava a louca.

— Sou a mãe desta infeliz... — respondeu ela.

CAPÍTULO XX

TREVAS E LÁGRIMAS

Tomé Fernandes, de alcunha o Tamanqueiro, tinha morrido um ano antes dos sucessos relatados.

Os haveres legados à sua viúva, orçando por quinze mil cruzados em prédios, representavam há meio século um bom espólio de negociante de pequeno trato.

Rosa Fernandes, mãe de Maria, posto que nunca mais houvesse diretas notícias da sua filha fugitiva e desonestada, considerava que os seus haveres deviam ir ter à mão da sua filha, cujos eram legítima e religiosamente, sem embargo do ruim caminho que ela levava, e ainda sem impedimento de lhe haverem dito os padres que dispusesse do seu dinheiro em missas e obras pias.

Santa mulher que pôde resistir aos padres e obedecer a Jesus Cristo!

Assim que a notícia da trágica morte do sedutor da filha chegou a sua casa, saiu logo a velha caminho do Candal. E, ao anoitecer daquele dia, a mãe, cheia de graça e misericórdia do Senhor, foi buscar numa carruagem a filha e o neto, recolhidos em casa das compassivas Senhoras, que acudiram aos gritos da demente.

Ora, até àquele momento ninguém da casa de Cristóvão Freire tinha procurado o filho de Marcos. É que nem o velho nem Lúcia tinham ainda desatado a alma das angústias próprias para poderem lembrar-se das alheias.

Ao outro dia, o velho, ainda antes de ler a longa carta de Marcos, escrita nas suas últimas horas, mandou parentes ao Candal procurar e conduzir para sua casa Maria de Nazaré e o filho.

Os enviados desandaram a noticiar que Maria ensandecera e fora levada por a sua mãe e o menino juntamente.

Mandou o fidalgo, como quem ordena, buscar Maria e o seu neto a casa da viúva de Tomé Tamanqueiro.

Rosa respondeu humildemente que Maria de Nazaré e o menino estavam em casa da sua mãe e avo. Observaram os

mensageiros que deixasse ir a criança ao menos; que o contrário seria estorvo à sua futura felicidade. Replicou a velha que de melhor mente deixaria ir a criancinha, se ela para ter pão carecesse dos benefícios do seu avô; mas como, louvado Deus, ela tinha o bastante para a sua educação e subsistência limpa, não havia razão forte que a obrigasse a tirar o filho à mãe. E disse que tinha muita fé na nossa Senhora que a sua filha tornaria à razão; e que, se não visse o seu Álvaro, enlouqueceria de novo ou morreria de dor.

Cessaram as instâncias de Cristóvão Freire e ele mesmo divulgou as virtudes maternais da mulher do povo, prometendo ir visitá-la e beijar o seu neto, se Deus lhe permitisse vencer a morte.

D. Lúcia, passados alguns dias, saiu do leito com aparências de cadáver. Qualificaram-na de ferida de tísica pulmonar e para pouquíssima vida. Verdadeiramente, os prognósticos da ciência mal poderiam recear quebra da sua costumada infalibilidade.

A primeira, a segunda e todas as saídas de D. Lúcia, a rica morgada, era de cadeirinha com as cortinas impenetráveis,

para casa de Rosa Fernandes.

As primeiras visitas agravaram-lhe a enfermidade. Era um incessante chorar com o menino no colo. Redobravam as penas, se o pequenino se abraçava à mãe e ela o sacudia violentamente de si exclamando com voz enrouquecida e cava:

— Não te quero... Não és o meu Álvaro... o meu filhinho está no Céu com o seu pai.

Lúcia dizia-lhe tudo que podia espertar-lhe as lágrimas, citava o seu nome muitas vezes, lembrava-lhe o dia do batizado, as infantis graças do menino, o amor que o pai lhe tinha, lia-lhe a carta que ele deixara ao avô de Álvaro.

E todo este recordar custava à atribulada Senhora inenarráveis aflições.

Maria de Nazaré umas vezes ficava-se a escutá-la com olhares fixos e chamejantes; outras vezes chorava alternando com os soluços dizeres disparatados, e, muitas vezes, quando Lúcia se contorcia em lancinantes transportes, desfechava ela umas gargalhadas aspérrimas

que raspavam no coração da prima de Marcos Freire como vidro em chaga viva.

Cristóvão Freire já acompanhava a sobrinha a casa de Rosa. A velha agradou-se tanto da respeitável e piedosa presença daquele ancião, que já lhe consentia levar consigo o menino, tirando a partido que ele viria sempre pernoitar com a sua mãe para o caso esperado de lhe aparecer logo que ela recuperasse o juízo.

O menino voltava sempre, ao escurecer, na traquitana do seu avô que parava no Largo de S. Domingos por não poder entrar no escorregadio quinchoso de Rosa Fernandes.

A plebe maravilhava-se de ver o neto de Tomé Tamanqueiro levado no colo de um criado vestido com os galões encarnados dos Freires Pamplonas. Algumas das mulherinhas daquele tempo, em cujas entranhas se geraram os atuais viscondes da cidade industriosa por excelência, diziam, vendo o menino de carruagem armoriada:

— Aquela filha do Tomé foi bem feliz! Se não endoudecesse, andava aí pimponando que metia tudo num

chinelo! E, se ela volta ao seu juízo, vocês hão de vê-la de carruagem com o filho e a morar no palacete dos Peixotos.

CAPÍTULO XXI

MÃE DOLOROSA

Lúcia e Cristóvão Freire, animados pelos médicos, conceberam esperanças de que Maria de Nazaré recolhida a um hospital de doidos, e metodicamente tratada, vingaria ainda, a exemplo de muitas loucas, restaurar-se.

Rosa impugnava o alvitre, fundamentando a recusa no preconceito de que os doidos no hospital de S. José, em Lisboa, eram barbaramente chibatados todos os dias e espartilhados de contínuo em chapas de ferro.

E não havia maneira de desconvencê-la deste preconceito popular, até que um dia Cristóvão Freire lhe impôs a responsabilidade da incurável demência da filha, à conta de uma falsa voga com que a gente bruta caluniava o tratamento na enfermaria dos alienados.

Rosa escrupulizou e gemeu sob o peso de tal responsabilidade. Condescendeu, ressalvando ir ela com a

sua filha para Lisboa, de modo que pudesse visitá-la e demorar — se lá duas vezes por dia, a não poder morar no mesmo hospital, para o que se oferecia a dar quanto lhe pedissem. A segunda condição era que o menino iria com elas.

A esta cláusula contradisse brandamente Cristóvão Freire, suplicando-lhe, enternecido a choros, que o não privasse do frágil esteio que lhe sustinha a existência. Sobrevinha também lacrimosa D. Lúcia Peixoto, dizendo que ela por amor do seu afilhado iria também viver no hospital com Maria, se não fosse enfermeira do desventurado pai de Marcos, cujo fio de vida um leve desgosto em cúmulo de tantos lho cortaria subitamente.

Enfim, a santa velhinha obedeceu e preparou a mudança de Maria para Lisboa, pedindo à providência de Deus que lhe aceitasse em benefício da filha as dores que a crucificavam ao afastar-se do neto.

Recomendadas aos parentes de Freire, mãe e filha conseguiram casa excelente e assíduos cuidados no hospital. Os serviços de médicos e enfermeiros, remunerados liberalmente tanto pela mãe da demente

como pelo fidalgo do Porto, competiam em solicitude. A ciência ia exaurindo o seu pobre tesouro, sem que Maria denunciasse o calor de um raio de luz interno no espasmo glacial dos olhos, na imobilidade marmórea das cavadas feições.

A velha escrevia para os seus animadores amigos e dizia: «A Virgem Santíssima não ouve as minhas orações. A minha filha está para todo o sempre perdidinha. Uma destas noites acordou perguntando-me se o Senhor Simão ainda queria matar-lhe o pai do seu filho. Eu não sabia responder a isto. Entrei a chorar; e ela, saltando da cama, deu altos gritos, dizendo que o Senhor Marcos tinha morrido, e que Deus (queira a Divina Bondade perdoar à doidinha!), se fosse bom, o tinha defendido, vendo o muito que ele chorou abraçado no seu filhinho. Pensei — continuava Rosa — que ela ia ganhando a sua razão à medida que se ia lembrando. O enfermeiro animou-se com esperanças iguais às minhas, dizendo-me que todas as doidas tinham estas recordações quando iam ser outra vez iluminada de entendimento. Mas foi um engano. O nosso Senhor Jesus Cristo não quis que eu morresse com esta

alegria. Daí a pouco, a minha desgraçada filha, se eu lhe falava no Senhor Marcos e no Álvaro, não dava ares de me entender.»

E, concluindo uma das suas cartas mais desanimadas, mostrava-se resolvida a sair de Lisboa e voltar na esperança de que o anjinho inocente, tocado de graça divina, faria o milagre de curar a sua mãe.

Neste propósito, não encontrado por Cristóvão Freire, antes aplaudido por D. Lúcia, estava a esperançada Rosa, quando as fadigas, as vigílias, os jejuns e atormentadas horas de noite e dia lhe anteciparam com súbita doença o prazo da vida.

Cristóvão Freire, avisado da perigosa doença da boa mãe, refez-se de ânimo e forças para ir a Lisboa com D. Lúcia e o neto.

A jornada era longa e os trabalhos dela não comportavam mais que três a quatro léguas de caminhada em tormentosa caleça. Quando chegaram ao hospital de S. José, a velhinha, como a lâmpada do santuário desprovida de óleo, expirava suavemente com os olhos em Jesus Cristo e na filha que,

sentada no catre carairo, via, indiferentemente, o sacerdote a ungi-la, e ouvia, entreabrindo os lábios em jeito de assombrada, ler as orações da agonia.

A alma que se alava para Deus ainda reconheceu através dos olhos nublados o neto e os benfeitores da sua filha. Murmurou uns sons não articulados. Pode ser que a moribunda quisesse dar graças a Deus porque via as duas compadecidas criaturas à beira da sua filha, no momento em que a louquinha ia ficar só.

Cessou o brando respirar. Aquela alma foi pedir a Deus a razão da sua filha. A face, ainda iluminada pelo esplendor do espírito que passara, influía no coração a reverência das coisas sagradas. Os lábios estavam secos como um cálix de amargura esvaziado e enxuto.

D. Lúcia apertou Maria nos braços, clamando:

— Morreu a sua mãe!

A louca estremeceu, apontou contra o cadáver com rápido impulso de braço indicador e disse:

— Está ali... Quem morreu foi o Senhor Marcos e o meu filho...

— Não! — bradou a fidalga com veemência — o seu filho está aqui. Não o vê? Olhe, Maria, o seu Álvaro, o meu afilhado, o filho de Marcos Freire, tão lindo! não vê como está lindo? Dê-lhe um beijo, aperte-o muito ao coração, e verá que o conhece...

Maria contemplou-o desde os cabelos até aos pés, apalpou-o com esgares que assustavam o menino, afastou-o com desdém e murmurou:

— O meu Álvaro é pequenino. Deixei-o há pouco no jardim a brincar com o cordeirinho branco. O pai foi que lho trouxe, e o filhinho até batia as mãozinhas de contente. E o Senhor Marcos pediu-me uma fita de cetim verde e atou-lha ao pescoço do cordeirinho. Olhe, olhe, como o Álvaro o leva aos saltos por entre as flores... Olhe! olhe! que lindeza!... — e apontava para um recanto escuro da alcova.

O menino, recordando-se do cordeiro branco, disse para o avô:

— Eu queria o meu cordeirinho... Que é dele?...

— Que é? — bradou Maria saltando no leito com os braços estendidos para Álvaro sem o fitar no rosto.

— E o seu filho que está aqui a pedir ao avô o seu cordeiro branco — disse pressurosamente D. Lúcia, aconchegando a timorata criança da face da mãe.

CAPÍTULO XXII

O RETRATO DE MARCOS FREIRE

Os médicos do hospital contestaram a Cristóvão Freire o desígnio de reconduzir para o Porto a alienada, abonando-se com alguns sintomas de cura, suposto que as intercadências lúcidas se apagassem logo. Interesseira ou esperançada, a ciência ganhou conformar o velho e a sobrinha, porque nenhum queria o remorso de impedir os recursos médicos, embora os considerassem malogrados.

Maria ficou vigiada por duas enfermeiras generosamente assoldadadas.

Porém, que pena fazia ver a doida a procurar nas criadas as feições da mãe! Que compaixão vê-la ir às vezes ao leito onde a velha morreu e ficar-se à beira dele hirta, imóvel a contemplar a coberta!

Passados dias, esqueceu-se da criatura que lhe chamava filha e entrou a cobrar ódio às enfermeiras. As mercenárias

impacientavam-se, e, às escondidas do fiscal, tratavam-na asperamente, violentando-a a estar sentada, quando ela, desfazendo as camas, arrastando os leitos, dizia que procurava o seu Álvaro, ou fugindo para os corredores se assentava no pavimento cantando e fazendo uns ademanes por sobre o tabuado como quem colhe flores. Bem é de ver que Maria se figurava no seu jardim do Candal, porque, de súbito, se levantava e partia às carreiras gritando que o Senhor Marcos estava na alameda.

As mulheres agarravam-na então brutalmente, repuxando-a a repelões ou de rojo para o seu aposento. Gerou-se disto o rancor da doida às criadas, e pelo conseguinte as intermitentes furiosas, funesto acessório à enfermidade.

Suspeitou o fiscal e espiou em horas desusadas o que se passava no quarto de Maria. Convenceu-se da crueza das enfermeiras, surpreendendo-as no lance de maniatarem a doida enfurecida.

Foram expulsas e substituídas; mas não havia encontrar piedade nas estipendiárias que iam sem coração para aquele ofício.

Os médicos desanimaram. Viam-na, ao cabo de um ano de medicamentos, exaurida de forças, efeito das sangrias, cáusticos e toda a casta de revolutivos. Não podiam já simular boa-fé com as pessoas que, a miúdos prazos, visitavam a demente, incumbidas pelo fidalgo do Porto.

Por derradeiro, outros alienistas consultados alvitraram o recurso de repor a demente na casa onde enlouquecera. Esperanças, se algumas tinham, assentavam no impressionar incessantemente com objetos conhecidos os olhos da louca, por maneira que se desse um ressurgimento de recordações confusas ao princípio, e, no consecutivo atuar das mesmas coisas espertadoras do passado, a possibilidade de se irem destramando e dilucidando as lembranças, até que a alma, identificada numa só e clara recordação, exercitasse atos de juízo, pelos quais se reconhecesse e chegasse a reaver a razão perfeita.

Esta racional teoria, cimentada na experiência do máximo número de insanos restaurados, moveu Cristóvão Freire a mandar um facultativo e criadas suas buscar Maria de Nazaré para o Candal.

D. Lúcia Peixoto e Álvaro esperaram-na à porta do jardim.

O facultativo observou nos olhos da doida um brilhantismo estranho na conjuntura de lhe sair inesperado a vista o ressio do jardim e Álvaro a correr para a liteira com festões de acácias.

— Ali vem o seu filho, minha Senhora — disse o facultativo.

Ela olhou para a criança, sorriu-se e disse:

— Anda a brincar este menino... Como é branco! e tão asseadinho!

D. Lúcia aproximou-se da liteira e não pôde falar afogada pelos soluços. Maria estava de todo desfigurada. Os ossos da face secos e vestidos de pele esverdinhada faziam por igual compaixão e asco. Pestanas e sobrancelhas tinham caído. As cicatrizes roxas dos cáusticos chegavam até ao lóbulo inferior das orelhas. O lábio superior mirrado e alvacento assentava sobre as gengivas; e os dentes, apoiados sobre o lábio inferior, ficavam a descoberto e esquálidos. O colo eram umas cordoveias aderentes a proeminências ósseas.

D. Lúcia, debulhada em sufocante choro, não podia sequer encará-la. O menino, se não chorava, é porque se acolhia à defesa da madrinha, amarelo de medo. As aldeãs da localidade e as Senhoras que, dois anos antes, a tinham hospedado algumas horas, faziam uma consonância de espantadas exclamações.

Apearam a desventurada e sentaram-na debaixo das cilindras onde era seu costume esperar Marcos.

O cirurgião disse a D. Lúcia:

— Pode ser que ainda recobre o juízo; mas, com juízo ou douda, morre inevitavelmente muito cedo. Os médicos de Lisboa pensaram que, tirando-lhe a vida, lhe davam a razão.

— E pelo caminho teve acessos de fúria? — perguntou Lúcia.

— Já não tem forças. Veio quase sempre numa sonolência que muitas vezes me pareceu que era o benefício da morte.

— Eu queria dizer-lhe algumas palavras; mas não posso. O meu Deus! — exclamou Lúcia — quem viu esta mulher!...

A fidalga refez-se de ânimo, acercou-se dela com o filho pela mão e disse-lhe:

— Comadre, aqui está o seu Álvaro e mais a madrinha... Não nos diz nada?

Encarou-os a doida alternadamente, abriu um sorriso e fez uns esgares de olhos que amedrontaram o menino.

— Que está a fazer aqui? — perguntou Lúcia. — Está espera do Senhor Marcos?

— Estou — disse ela — , e tenho muito frio...

— E o seu filho onde está?

— No berço, deixei-o a dormir muito cobertinho, que faz muito frio...

E movendo uma perna ao jeito de quem embala um berço, cantava muito baixinho e a tremer:

Quem tem meninos pequenos,

Não se lhe estranha o cantar;

Quantas vezes as mães cantam

Com vontade de chorar!

— Vamos conduzi-la à cama — disse o cirurgião.

Transportaram-na numa cadeira.

À beira dela ia D. Lúcia mostrando-lhe as estátuas do jardim, os canteiros, as fontes, os maciços de verdura, os caramanchéis e grutas, as cascatas de búzios e conchas, as cadeiras de cortiça com os reclinatórios estofados de heras e baunilhas. Para tudo olhava Maria; mas Deus sabe o que a sua imaginação lhe entrepunha entre os olhos e os objetos.

Quando entrou na primeira saleta, circunvagou a vista espantada pelas alfaias da casa e desencostou-se das pessoas que a amparavam. Deu dois passos com firmeza e fez menção de ir direita a um gabinete em que Marcos Freire costumava ler.

D. Lúcia adiantou-se a abrir a porta e disse a Maria de Nazaré:

— Aqui era o escritório do Senhor Marcos. Entre, minha comadre.

A doida foi de ímpeto direita à porta. Viu a banca e os livros, a cadeira, tudo intacto desde que, pela última vez,

Marcos Freire ali estivera.

Em frente da poltrona, a meio da parede, estava o retrato de Marcos, a óleo, meio corpo ao natural.

D. Lúcia pegou na mão de Maria, apontou-a para o retrato e disse:

— Olhe...

A doida olhou; e logo um tremor por toda ela a vibrava de sorte que até as pupilas se lhe viam convulsivas. E ao mesmo tempo saíam-lhe do peito uns gritos tão de pulmões esfacelados que não imitavam voz com que os comparemos. Lágrimas, porém, nenhuma.

— Meu Deus! — exclamava Lúcia. — Será agora? Fazei o milagre, Virgem do Céu!

A esperançosa ansiedade dos circunstantes foi trocada noutra de muita dor, porque, ao verem cair sem acordo Maria, julgaram-na morta.

— Não está morta — disse o médico tomando-lhe o pulso. — Tenho esperanças agora de que ela não morra sem saber quanto foi desgraçada. Nós, os que nos dizemos

ajuizados, somos tão bárbaros que desejamos que os doidos não morram sem saber que o foram.

CAPÍTULO XXIII

O EXPATRIADO

Espera-se que o retrato de Marcos Freire complete o inferno de Maria de Nazaré, restituindo-lhe uma razão bem clara, de modo que todos os instantes da sua vida os empregue na consideração de que o seu amado é morto. Tal é o fervoroso desejo das pessoas que a estimavam, tirante uma que pedia a Cristóvão Freire se houvesse misericordiosamente com Maria, deixando-a acabar demente, se acaso a Ciência podia repô-la no momento horrendíssimo e anterior à morte moral.

Este pedido excecional vinha de Inglaterra nas cartas do major José Osório.

Vem a ponto dizer-se o essencial do destino do expatriado vingador de Marcos Freire.

O coronel inglês, seu padrinho no duelo, não vingando quebrantar-lhe o propósito de matar Simão Peixoto em

combate sucessivo à morte de Marcos, deu-lhe cartas para pessoas importantes em Londres.

O fugitivo embarcou num porto de Espanha e aportou nas praias amigas da nossa aliada. Chegado a Londres, apresentou as cartas e logo entrou ao serviço de Inglaterra no posto equivalente ao que tinha em Portugal. O motivo da fuga, relatado lisonjeiramente em cartas posteriores do coronel aos seus compatriotas, realçaram notavelmente os créditos do major, e disso lhe adveio ótima granjearia de amigos e lustrosa camaradagem a diverti-lo de saudades da pátria.

Osório escreveu a Cristóvão Freire narrando-lhe a feliz viagem, e incutindo-lhe o necessário alento para viver e amparar o melhor da vida de Marcos, o pequenino em que o bom velho devia sempre pensar que via o filho. Encarecia as virtudes hospedeiras da Inglaterra, lamentando ter de aprender a língua inglesa, em idade tão desmemoriada, para poder exercer a sua posição militar, que não podia bem desempenhar mimicamente.

O pai de Marcos enviou-lhe na primeira carta letras de câmbio ilimitadas, pedindo-lhe que largasse o serviço e

vivesse independente, gastando sem receio de lesar a herança do seu neto.

O major devolveu as letras com afetuosas expressões de reconhecimento, desculpando-se de não aceitar a liberalidade, e reflexionando que para ele o ócio, se a riqueza lho aconselhasse, seria estreme e cerrada desventura.

O major tinha contra si, no Porto, dois processos instaurados: um de desafio e homicídio, outro de deserção. Não obstante, os assessores, promotores e mais justiças do Conselho de Guerra zelavam froixamente a disciplina, e pensavam menos em vingar a moral ferida na pessoa ou coisa do defunto Simão Peixoto. Todavia, as portas da pátria estavam fechadas para o criminoso, enquanto civil e militarmente não fosse absolvido da deserção e do homicídio.

O pai de Marcos Freire cogitava em livrá-lo, empenhando amigos e parentes com os membros do Conselho de Guerra e com a Regência. Restavam ainda assim muitos estorvos que vencer em Agosto de 1820. Depois, porém, da Revolução do Porto, daquele ano e mês, os amigos do

general enforcado Gomes Freire de Andrade não tinham mais que ordenar baixa nas culpas e sentença absolutória de José Osório. O homicídio não se provou à míngua de testemunhas; quanto à deserção, creio que se provou que o major estava licenciado, quando saiu de Portugal para estudar as manobras do exército inglês.

Cristóvão Freire avisou o major de que tinha francas as carairas da pátria e a sua patente no exército e no regimento de cavalaria que suspirava por ele.

Estranha hesitação e singularíssima insensibilidade! O major não se alegrou da inopinada notícia nem se deu pressa em voltar a Portugal. A sentença absolutória, sem que ele sequer houvesse estabelecido procurador na sua defesa, figurara-se-lhe uma triste amostra do desprezo da justiça e corrupção dos seus fiscais. A ridícula sofistaria da deserção, quanto a ele, redundava em zombaria da disciplina militar. País onde se enforcava um general suspeito de pedreiro-livre, e se trancava um processo de homicídio e deserção sem que o criminoso solicitasse ao menos defender-se, quis parecer ao major que era terra

para medíocres saudades e menores desejos de repatriação.

E, neste pressuposto, agradecendo a mercê de Cristóvão Freire, com expressões mais afetadas que sentidas, resolveu voltar à pátria quando os frios de Londres lhe acabassem de gelar o velho sangue. E acrescentava: «Receio, à vista do que a vossa Senhoria me diz da revolução e do que por aqui dizem os tutores de Portugal, que esse estado de coisas seja momentâneo, e se lhe sigam muitas alternativas. A sentença que me absolveu tem de seguir os reveses da política. Porquanto, constituído eu criatura favorecida dos revolucionários do bando de Gomes Freire, assim que os outros suplantarem aqueles, terei eu de responder dentre ferros pela indulgência dos meus protetores.»

Em conclusão de outros argumentos de igual porte, rematava dizendo que permaneceria em Inglaterra mais alguns meses, se esta deliberação não contrariasse a vontade do seu amigo Cristóvão Freire.

O velho replicou, pedindo-lhe instantemente que viesse ao Porto e, depois, se lhe parecesse, conforme aos seus gostos

e interesses, tornasse para Londres.

Em princípios de 1821, o major José Osório do Amaral hospedou-se em casa do pai de Marcos.

CAPÍTULO XXIV

CAPÍTULO INDISPENSAVELMENTE ESTAFADOR

Acontecimentos de maior porte impediram até agora uma averiguação em que deve estar empenhada a curiosidade da leitora sensível.

Que fim levou o afeto exaltado de D. Lúcia Peixoto ao amigo de Marcos Freire?

Esta pergunta ensina os romancistas a serem mais lógicos, mais explicativos, mais concludentes e mais naturais que a natureza.

Porquanto — razão do período anterior — , nas histórias da vida que vivemos, vemos e palpamos, ninguém já pergunta que fim levaram nem como principiaram certos amores. Já ninguém se espanta desses orientes e ocasos. O costume acabou o maravilhoso da coisa. Eva e Adão, se não me engano, deviam de pasmar de ver o sol num horizonte a subir e noutro a descer. Que fez o costume? Que esses dois

expelentíssimos espetáculos quotidianos apenas impressionam algum poeta que nunca os viu por inteiro.

Correm a mesma fortuna os amores. Um homem, engraxado e lustrado na sociedade fina, acautela-se de perguntar a uma dama notícias de um velho amor que nasceu, queimou e morreu entre dois bailes. Guarda-se esta delicadeza com os amores e os anos, quando uns e outros excedem os trinta e seis. A civilidade legisla que para a idade hipotética de uma dama, que se paga do baratilho da galanteria, como diz portuguesmente um frade , falsifiquemos a nossa razão, e o assento batismal dela e a rotação do globo, dando-lhes sempre entre os Vinte e três e os trinta. Quanto ao recenseamento e cronologia dos amores, é bom aviso e suma urbanidade conceder-lhe à pessoa uma trigésima virgindade de coração, se os amores orçarem por trinta e um.

Estas ponderosas reflexões frisam com a pergunta sobre o afeto de Lúcia ao major, mas não dizem com a pessoa.

A irmã de Simão Peixoto era formosa argila fabricada a primor, urna de balsâmicos aromas, excelente e donosa entre as melhores, todavia era argila, feitura do mesmo

oleiro, peça quebradiça, fraqueza e mulher, costela de homem finalmente. Esta derradeira cláusula diz tudo. Se as mulheres, rés de iniquíssimos libelos, soubessem defender-se, não alegavam mais nada. Costelas do homem: não há aí mais dizer. Multipliquem a ruindade da costela subtraída pelo número das que ficaram: aí têm os praguentos a soma da maldade do homem. Isto são questões de maior fôlego.

Agora, ao ponto.

Destrinçar a rede das intrincadas operações espirituais que passavam entre o coração e raciocínio de Lúcia, antes e depois da morte de Marcos, isso não posso. A mulher é um abismo, diz o santo abade Ruperto; e quem não for mais santo que eu, há — de crer que a mulher é, pelo menos, três abismos.

No entanto, rastreemos com o faro da experiência, até onde for escrutável, o enigma do súbito luzir e apagar-se do amor de Lúcia ao major.

As explicações que ofereço e rejeito por insuficientes são as seguintes:

Lúcia, como visse arriscada a vida do seu primo, conjurado na sua defesa e alvo onde mirava o ódio sanguinário do irmão, pensou que o extremo lanço de generosa renúncia era desligar Marcos dos compromissos, tornando supérflua a sua intervenção no auxílio que ela carecia. Este raciocínio insinuara-lho propriamente Marcos Freire encarecendo-lhe a necessidade de escolher marido, para que a honra de ambos se defecasse das impurezas que a opinião pública lhe assacava. Ora, é natural que o pudor de Lúcia não se agoniasse até ao desespero com o ultraje das aleivosias públicas: a mulher que ama, virginal e puramente que seja, perdoa, embora o não diga, a calúnia que tira consequências falsas de um princípio verdadeiro; — que as almas inocentes mal sabem estremar e abstrair o amor que doura a vida e em si tem outro que a desdoura.

De umas faz o mundo o panegírico, dizendo que elas se defendem: é favor que lhes fazem. Quem as defende não são elas; é o leitor (escuso de lhe adjetivar o honesto, porque os desonestos costumam adormecer quando topam capítulo impado da gravidação em que este vai).

Apanhando os panos largos do assunto, consideremos que D. Lúcia doeu-se menos da calúnia que da honra de Marcos. Toda a mulher se quer defendida da infamação; mas se a defesa cifra no privá-la do afeto que lhe conspurcam, quadra-lhe melhor o desprezo do mundo que a discrição do seu cúmplice. E às vezes sobra-lhe razão; que o mundo, galicismo com que alcunhamos a jolda dos fundibulários de lama, o mundo, quando espuma peçonha de aleivosias, não há aí fogo de consciência arrependida que lhe cauterize as úlceras. O descrédito sobrestá à penitência.

E que tinha que ver com a calúnia o rumor o imaculado afeto de D. Lúcia a Marcos? A conformada Senhora quisera que ele não pudesse repetir as vozes da maledicência; e, em prémio de tamanho amor defraudado, a considerasse digna de ser defendida do irmão e dos caluniadores, simultaneamente.

Este zelo justo incitou-lhe o amor-próprio. O choque foi grande. Fendeu-se a primorosa ânfora de argila e saiu a vaidade. Foi maior o estrondo. Acordou o coração do seu

letargo e escutou a hospeda que se lhe inculcou filha da dignidade.

Eis a crise. Foi a vaidade.

Não se pense, porém, que este elemento, espécie de irritação no aparelho nervoso da alma — peço perdão aos espirituais que desadoram metáforas — , não se pense, digo, que a vaidade incita sempre o coração a viciosos dislates e soberbias danosas da sã moral. As exceções louváveis são tantas que eu estou em que muitas mulheres mal compleicionadas, carecidas do reativo da vaidade, perderam-se no menospreço de si mesmas, no desmazelo, para que assim digamos, da sua dignidade.

Porém, amor-próprio, vaidade, coração, razão, dignidade, tudo isto que relampadejou num repente tempestuoso, é febre da alma enferma. Se os deslumbramentos da alucinação persistem, a mulher, glorificada ou vítima, decidiu-se; mas, se o Céu entreaberto se fechou, e as trevas se espessaram, ou um pesado infortúnio esmagou a vaidade, não há que esperar da frágil criatura senão argila a diluir-se em lágrimas. A pobrezinha, quebrantada pelo peso das asas que magoam os ombros fracos, Deus sabe

que tristezas devora, quando a injustiça dos homens lhe argui a inconstância ou lhe castiga a fraqueza com mais vituperosa injúria.

Baixando do especulativo ao raso das coisas, oferece-se-me pensar que Lúcia Peixoto cuidou amar José Osório porque amava nele o defensor, a probidade aliada à bravura, e a bravura confederada com o sentimento romanesco das lágrimas — graças reunidas no homem que em duas horas de palestra lhe espertara os primeiros entusiasmos da admiração — eram atributos que ela não pudera esperar de Marcos.

O estímulo, porém, do seu amor-próprio, da sua vaidade, honra, enlevos, esperanças de tudo que a fez admirar e talvez amar o major, esse estímulo acabou com a vida de Marcos Freire.

Depois, sobreveio uma febre de outra natureza: a saudade, excruciada ainda pelo remorso de ter sido ela quem o levou à morte. Todas as imagens deslumbrou este infernal incêndio. Se ela pudesse ser mais forte, afastando o coração do túmulo de Marcos e do seio do filho do homem

que em defesa dela morrera, não sei que indulgência bastasse a desculpar-lhe o opróbrio.

Perdoe-se-lhe a leviandade de ter crido que amava o major, em desconto das virtudes maternais com que indemniza o filho de Marcos, a criancinha orfandada de pai e mãe.

CAPÍTULO XXV

PALAVRAS SOLENES

A primeira entrevista de D. Lúcia e José Osório do Amaral daria muito que discorrer, se o major fosse capaz de denunciar, em qualquer lance, a mínima perturbação.

Os cinquenta e um anos; a prática da caserna polida pela das salas; a lhaneza da índole com o mais aberto rosto; a presteza da palavra rude, mas bem soante, com o ar afoito e despresumido; a fidalguia dos modos a dizer com a dos altos espíritos — eram o conjunto de bons acessórios que deram ao major sossegadíssima aparência quando a irmã de Simão Peixoto, chamada por Cristóvão, entrou à sala a cortejar o hóspede recém-chegado.

D. Lúcia — isto já devia estar dito — , rodado um ano sobre o túmulo de Marcos Freire, viu que a morte, à primeira vista preitejada com os médicos, se afastava dela, deixando-lhe os pulmões a respirar livremente, os lábios a

retingir-se, as proeminências malares a vestirem-se de tecidos acetinados e purpurinos, e os olhos a desnevoarem-se de uma neblina que devia parecer aos que lha viam o húmus da leiva da sepultura. Outra vez formosa.

Ficou triste; mas com beleza em dobro. Digo em dobro porque a tristeza é a formosura que mais inculca o anjo dorido de saudades do Céu. Para o comum dos homens, a gentileza de Lúcia tresdobra, sem lhe levarem a melancolia em conta de graças supranumerárias. Logo se dirá, se for preciso, o que era mais para adorar na herdeira dos vínculos de Simão Peixoto. Eram os vínculos: pode-se desde já ir dizendo para desfadigar a imaginação sonhadora de quem lê.

O major, bem que avezado a seguir o *non mirari horaciano*, desta feita maravilhou-se. Contava ele com um corpo esfriado e lívido do gelo interno, urna de cinzas de um coração. Relançou olhos interrogadores a Cristóvão Freire. Queria perguntar se a prima de Marcos, como o velho tinha dito para Londres, estava a pique de seguir os dois esquifes da tragédia ou igualar-se em mais deplorável morte com Maria de Nazaré.

— Dou-me os parabéns da ver restabelecida, minha Senhora prima — disse o major. — O nosso extremoso Cristóvão Freire pôde convencer-me de que a vossa Senhoria esteve a ponto de deixar em maior desamparo as duas almas orfãzinhas de Marcos Freire.

— Eu supliquei a Deus — disse Lúcia — que por amor delas, e não da minha triste sorte, me desse vida. Ouviu-me Deus. Contentamento não me dá; mas é já bastante esmola o desejo de viver.

— Mãe e filha — disse o major — , mãe amparadora do órfão, e filha com vasto coração ainda para dulcificar as lágrimas deste ancião.

E, voltando-se risonho para Cristóvão Freire, o amigo de Marcos prosseguiu:

— Seria calamidade grande quebrarem-lhe este bordão da sua velhice, este anjo que o defende com as suas asas como o anjo do ermo aos santos que dormiam entre feras... Lembra-me uma noite de Agosto de 1818, nesta sala, quando a tempestade se formava, e eu já via o raio que havia de abrir duas sepulturas. Que séculos de angústia

desde aquela noite!... E, no dia imediato, prima Lúcia, que triste pensamento levou seu tio a querer renunciar em benefício de outrem o coração que lhe hoje restitui o amor de Marcos! Não se constranjam de me ouvir... Prima Lúcia, se eu tivesse pejo de recordar as comoções daquele dia, seria aos meus olhos ridículo; e o silêncio não o seria menos. Conversemos. Olhe, prima, eu aceitei a proposta dos seus dois amigos, porque entendi que se entregava à minha proteção uma filha. A história do seu coração, minha Senhora, ninguém a sabia melhor do que eu. Eu tinha-o visto nascer; vi-lhe as mágoas como confidente de quem não podia consolá-las; sei que doença lhe acendeu o delírio de algumas horas... Que Deus me livrasse... e nos livrou a ambos, prima Lúcia, de ser eu uma como sepultura de um coração que vinha moribundo. O meu honrado amigo — prosseguiu friamente José Osório, passando ao velho o olhar que parecia molesto a Lúcia — , receba-me isto com juramento: eu sabia que se não celebram noivados entre dois cadáveres. À hora em que a vossa Senhoria e Marcos me ofereciam uma esposa que voluntariamente os autorizava a dispor do seu indiferentismo...

— Não... — atalhou Lúcia — indiferentismo... não.

— Minha prima — voltou o major. — Eu tinha quarenta e nove anos. A minha mocidade foi daquelas que deixam a chave de todos os segredos. A sua alma era tão legível para mim como o mais claro ditame da minha própria consciência... Vinha eu dizendo que, àquela hora, o meu destino era o desterro, a paixão que avassalava em mim todas as conveniências da posição e da paz, era — permita, minha prima, que assim fale o vingador de Marcos Freire — , era não permitir que a terra que cobrisse um digno homem, perdido e morto por um honrado, grande e heroico sentimento de estima, fosse calcada pelo homem que o matasse. Eu não podia divertir o meu espírito por outro qualquer sentimento... Mas a que vem isto? Eu lho digo, prima: pareceu-me que a Senhora D. Lúcia entrou aqui de certo modo enleada e mal senhora de si. E então, sob minha palavra de honra lhe digo que me vi a mim até certo ponto na posição dos velhos irrisórios. Desafoguei... e consola-me a certeza de que a minha prima de ora em diante estará na minha presença mais à vontade, mais tranquila e de todo esquecida de que, no tempo da sua

enfermidade moral, teve um delírio honroso para uma Senhora dos seus anos que deseja acolher-se ao abrigo de um segundo pai.

— Agora — continuou José Osório, demudada em tom e ademanes a solenidade com que se expressava — falemos da pobre Maria de Nazaré, e digam-me onde está o meu afilhado, que ainda me não mostraram.

CAPÍTULO XXVI

TENTATIVAS

E a doida?

A Doida do Candal. Já a não conheciam por Maria de Nazaré. O povo das aldeias vizinhas parava debaixo das janelas a escutar-lhe o choro alto ou o vertiginoso falario. Nos seus saraus, as mães diziam às filhas:

— Raparigas, ponde os olhos na doida do Candal... Aquela está a pagar os desgostos que deu aos seus pais...

Mas ouviam-na chorar e gemer. Maria de Nazaré dantes não chorava. Ficou assim, com intermitentes de choros e soluços, desde que viu o retrato.

A Ciência fiava muito deste sintoma.

Davam-lhe o quadro para o leito, e mostravam-lhe o filho de par com o retrato. A louca despedaçava-se interiormente em contorções de alma que se denunciavam no trejeitar de

olhos. Era o espírito a debater-se na desesperação de aferrar uma imagem que lhe preluzia e coriscava a instantes de entre as suas trevas: assim escabuja o ébrio alongando os braços a um apoio que lhe foge e segue os movimentos do cérebro revolto. Esta relutância, ansiedade aflitíssima, desfechava num sinistro uivar que dava calafrios. Álvaro já chorava quando o levavam em frente da mãe. E Maria, fitando o ouvido, parecia aspirar a haustos de asfixia aquele ar vibrado pelo chorar da criança, e murmurava como em segredo, voltada para o lado oposto donde Álvaro estava:

— Não chores, filho, que o teu pai há de voltar...

Assim a contemplou, um dia, o major José Osório, e chorou.

— Isto é que era alma! — disse ele entre si, com os olhos do espírito no rosto reflorido de D. Lúcia. — Pobre mulher, tu não custaste algum dissabor ao homem que te deu esta morte!... A ti desgraçou-te ele; tirou-te família, mocidade, honra e vida, e tu amava-lo até isto! Se ele houvesse morrido a proteger-te, a repulsar da tua fraqueza um irmão cruel, qual outra paga lhe darias tu? Que outros suplícios inventaria o Inferno para ti! Assim estás, deplorável

mulher! E quem lhe abriu a sepultura ao pai do teu filho está viva, está formosa e escorreita de razão para saber que o é... Pobrezinha de ti, Maria! E que desconceito Marcos fazia da sensibilidade das mulheres da tua esfera! Quando me ele dizia que só a educação pode desenvolver as faculdades da alma e para pouco era o coração da mulher ignorante como tu! Se te ele assim visse agora, ó agonia sem igual, que outro suplício infligira Deus à injustiça que te fez!...

E sonhava assim, com os braços cruzados e os olhos marejados e fitos no aspeito disforme da louca.

— Esta é aquela Maria de Nazaré! — dizia ele a D. Lúcia. — Veja isto, minha prima! Como ela amava um homem que apenas via aqui nesta criatura a mãe de um filho muito estremecido.

E aproximando-se de Maria disse-lhe:

— Comadre, onde está o meu afilhadinho?

A demente sorriu-se, e, feita uma pausa meditativa, respondeu:

— Anda a brincar com o cordeirinho branco.

Decorridos alguns segundos de reflexão, disse o major:

— Prima Lúcia, pode Vossa Senhoria conseguir um cordeirinho branco atrelado com uma fita?

— Tanto posso — respondeu Lúcia — que ainda aqui está o cordeirinho com que Álvaro brincava.

— E o menino — disse Osório — , nunca mais apareceu com ele diante da mãe?

— Nunca mais.

— Tragam-me o cordeiro e a fita; Álvaro é quem há de trazê-lo à trela.

Entretanto, o major, voltando a Maria de Nazaré, com rosto festival, disse:

— Comadre, foi buscar-se o nosso Álvaro e mandei que ele trouxesse o cordeirinho. Quer que o pequenito venha aqui brincar no quarto?

— Tem uma graça o meu filho a brincar com o seu cordeirinho!... — acudiu ela jubilosamente, palmeando e sacudindo a cabeça. — Foi o pai que lho comprou e trouxe — lho num açafate sobre uma camilha de feno. A criança

parecia morrer de alegria. Ria-se; ria-se com as mãozinhas a dar, a dar... Ria-se, ria-se...

Maria chorava ao mesmo tempo que pintava as alegrias do menino.

Neste ato, D. Lúcia chamou o major à saleta e deu-lhe Álvaro. Tomou-o pela mão Osório e assomou ao limiar da porta, dizendo ao menino:

— Chama tua mãe, Álvaro.

O menino chamou acanhado e medroso.

Maria voltou o rosto vagarosamente para a porta.

— Ele aqui está e mais o cordeirinho — exclamou o major, e entrou até à beira do leito com o afilhado pela mão.

Maria de Nazaré esbugalhou os olhos e fez uma arremetida para se lançar da cama. Queriam contê-la as criadas; porém, Osório, retirando-se da alcova, disse a D. Lúcia que a deixasse saltar do leito e a não embaraçasse de qualquer transporte.

E esperou ansiadamente na antecâmara, ele, que, poucos dias antes arguia de crueza quererem dar àquela doida o flagelo da razão, a luz que lhe havia de mostrar a voragem da sua desgraça. Agora experimentava, de envolta com o dó, a santa e aprazível vaidade da ver ainda mãe respeitada, à beira do seu filho e talvez amada como filha por Cristóvão Freire.

Escutou e ouviu altos clamores. O choro da criança misturava-se em ríspida dissonância com os brados da mãe. Lúcia saiu e disse ao major que Maria de Nazaré parecia reconhecer o filho. Voltou alvoroçada. O major chamou-a com afanosa energia e disse-lhe que não cessassem de lhe mostrar o retrato de Marcos ao lado do filho.

Assim fizeram.

A doida, cravando os dedos nas fontes descarnadas, caiu em joelhos diante do filho e do retrato, com a boca aberta e como desarticulada. Quedou-se alguns segundos assim. Depois, jogando com o corpo a sacões e fugindo de golpe aos braços que a seguravam, apertou o filho contra o seio com frenético arrebatamento.

Urgia arrancar-lhe a criança. Aqueles ímpetos asseguravam que a doida não sentia ainda o coração de mãe. Lúcia deu as mãos ao menino que a buscava enfiado de medo. Era inútil o esforço para lho tirar dos braços. Maria de Nazaré tinha perdido os sentidos...

— E a vida? — perguntou Osório a D. Lúcia, que saía a dar-lhe conta do desmaio de Maria.

— A vida creio que não... o pulso e as fontes batem-lhe fortemente — respondeu ela — , mas está caída.

— Então esperemos — disse o major — , esperemos que Deus a levante.

CAPÍTULO XXVII

HISTÓRIA NECESSÁRIA

Temos de remexer na sepultura de Simão Salazar Peixoto.

A história dos maus não pode calar-se, quando a pedra os separa do mundo em que deixaram rasto e alheias lágrimas a memorarem largo tempo a passagem de um delinquente.

Assim como a vida abençoada dos justos que morreram é recontada para exemplo e glória, justo é que os caminheiros deste desterro, alguma hora, se assentem à beira das cinzas do réprobo da humanidade, e, sem condenar os que já passaram ao juiz misericordioso, relembrem os malefícios que lhe denigrem a memória e sobrevivem ao malfeitor deles.

Simão Peixoto, já noutra parte se disse, foi alferes de cavalaria, exercício a que o seu pai o forçara esperançado no poder da disciplina sobre o génio desabrido e indócil do filho. Também se deixou perceber que o rapaz, tão rebelde

aos superiores quanto ao pai, frequentes vezes desafogou a desumana condição insultando sem motivo seus camaradas para os levar ao extremo do duelo e adquirir o renome de invicto esgrimidor.

À volta dos atos de odiada e injusta bravura, outros não menos ofensivos da moral lhe avantajavam a péssima nomeada.

As suas travessuras amorosas ou estrondeavam pelo escândalo ou atavam nalguma extraordinária prova de cruelíssimo coração. As vítimas que se lhe afeiçoavam honestas passavam da sua libertina e fátua saciedade para o desamparo que só costuma achar encosto nos beirais dos abismos. Se o não igualavam muitos sócios em fereza de entranhas, sobravam deles que desejariam imitá-lo e o apontavam como felicíssimo e denodado galã. Tanto lhe fazia ao homem das boas fortunas levar o descrédito às alcatifas das salas como ao pavimento térreo dos sótãos. Sobrava-lhe democracia de vício para complanar a jerarquia das pessoas.

Um dia, deu-lhe na vista cobiçosa de comoções renovadas uma criatura das que fazem pensar nos atos primorosos da

vontade divina. Nunca tinha Visto em Chaves aquela forasteira.

Informou-se.

Era filha de um proprietário de Montalegre. Ia ser freira clara no Mosteiro da nossa Senhora dos Anjos.

Empenhou escudrinhadores de melhor faro. Soube que a menina se chamava Margarida, e que o pai a compelia a professar para acrescer a herança de uns filhos de segundo matrimónio. Coligiu, em suma, que Margarida, convertida a honestidade em desesperação, não hesitaria em aceitar um redentor.

Principiou noviciando a violentada noiva de Jesus Cristo. A sua amargura devia ser grande, porque levava para o mosteiro a cruz da saudade. Tinha sido muito amada de um rapaz pobre que a viu entrar à portaria do convento, chorou e desapareceu: desterrou-se, esqueceu-se ou morreu. Vivo ou morto, esquecido sabemos nós que ele foi.

Lá dentro dos mosteiros há santas que redobram o martírio e há pecadoras que consolam. Não se decide quais sejam as mais credoras do Céu.

As consoladoras são umas que dizem às que choram golpeadas de saudades:

— Meninas, amai, se tendes quem. Isto aqui não é Inferno: é Purgatório onde a esperança não morre nunca. No Inferno é que há o constante blasfemar das coisas divinas. Meninas, amai. Quando mais não possa ser, divertivos, aligeirai o tempo. As grades não represam as enchentes do coração. Ide ver como por lá as velhas ainda representam o último ato da sua comédia. Espairecei, noviças; e, se a mestra vos não deixa, vesti o hábito de professas; que depois as vossas infidelidades ao Divino Esposo já correm a responsabilidade da vossa emancipação de casadas com Deus. Andai, meninas, amai santamente, amai idealmente, amai freiraticamente: aguçai os espíritos na pedra das paixões da terra e vereis como a alma se desfaz em asas a voejarem para os espirituais amores, aí por volta dos cinquenta anos pouco mais ou menos.

Isto cai no coração das encarceradas como orvalho em flor abrasada, como gota de água na língua daquele bíblico regalão condenado, se com o fogo eterno fosse compatível o refrigério da água.

Moça com sede e fome de liberdade e amor, com repugnância e nojo de coro e salmos, quando lhe dizem que ali, naquele palácio de mais continente Salomão, nem todas as odaliscas do Divino são leais, nem às desleais se cominam jejuns e disciplinas, que quereis que ela faça?

Ama por necessidade, ama por instinto, ama por passatempo, ama por vingança, ama, para que em breve o diga, para não morrer.

Nisto do amor diz a experiência que os vulcões, rebentando, cavam voragens. O coração salta na lava; mas o perigo é a queda, se a lava esfria. Debaixo está a garganta que a explosão abriu.

Posto isto, entremos mais ao claro no assunto.

Seis ou sete freiras entretinham espiritualidades não mortificativas com bizarros e gentis cadetes e alferes de dragões. Tinham que ver os abutres a crepitarem as asas à volta daquele pombal, e mais tinha que admirar a confiança com que as alvéolas nas suas gaiolas de ferro sueco ensinavam àqueles pássaros de rapina a saborearem-se não em carniças instintivas do seu natural, mas em aromas de

peitos castos e nalguns cartuchos de rebuçados e toicinho-do-céu com que revezavam os manjares da alma.

Soror Margarida das Dores, à imitação de Soror Filomena do Menino de Jesus, e à imitação de Soror Leocádia das Três Divinas Pessoas e à imitação das outras quatro ou cinco, reparou num guapo alferes de cavalaria, cinta de anel, jeitos a primor de afidalgado pisa-verdes, a um tempo soberbo e dócil, sobranceando os camaradas pela soberania dos modos e compondo ao contemplá-la uns olhos de tão súplice melancolia que era não ter coração vê-lo assim sem pena e desejo de ser-lhe boa.

O alferes não há para que nomeá-lo. Uma das filhas de Santa Clara, melhormente conhecedoras dos mais conhecidos oficiais de dragões de Chaves, disse a Margarida:

— O teu alferes é um estroina dos mais desenvoltos. Todas as mulheres morrem por ele, e todas lhe fazem más ausências, porque não se deixa governar por nenhuma. E militar porque o pai o não quer no Porto. É morgado muito rico e dos mais fidalgos que por aí passeiam. Mas olha, Mimi, escolhe outro, que o Peixoto não serve para amar à

moda conventual. O que ele procura em ti é o que tu não podes ser, filha. Aquele não se entretém com palavreados inocentes e corações puros. Está afeito às pecadoras lá de fora e verás que não atura uma semana o frio das nossas grades. Por aí dizem que ele tem besouro. Sabes o que é besouro, Mimi? É ter varinha de condão para enfeitiçar corações. Cautela, que não vás tu piorar de cruz em vez de arranjar um Cireneu que te ajude a levar a tua.

— Dizes bem, menina... — obviou Soror Margarida das Dores. — Não lhe dou mais atenção... Até lhe vou mandar sem resposta duas cartas que já recebi... Parecerá mal, filha?

* * *

A delicadeza pôde tanto com ela que respondeu às cartas. Lastimava-se de não poder corresponder a tão extremoso amor, porque o seu pai a condenara à solidão eterna da alma. Pedia-lhe que a deixasse beber o seu cálix e lhe não vertesse mais fel. E o mais do estilo.

A linguagem era a melhor das novelas do tempo, e o espírito inspirador, palavra de honra, sincero e dorido. A

carta custou-lhe lágrimas. Mandou-a; mas o arrependimento chegou-lhe primeiro que a carta ao seu destino. E porque não? As outras eram tão felizes!

CAPÍTULO XXVIII

QUEDA

O faceto D. Eugénio Geraldo Lobo, poeta espanhol de memoráveis e boníssimas tretas, na sua sátira do chichisbéu, que diz tanto como enamorado de freiras, definiu-o assim:

Es un racional tributo que ia diversion previene sobre una Ara, donde tiene propriedad sin uso-fruto.

Com o último verso não se acomodava Simão Peixoto, nem com estes de muito louvável espiritualidade:

Es aquella de Platon alta idéa respetable que hizo á el alma reparable de su misma propension: subtilissima openion de natural repugnancia; pues la comum elegancia de los preceptos, que informa sm materia, admite forma, accidente sin substancia.

Este poeta é duplamente louvável porque escrevia assim dos amores imateriais dos conventos, não obstante ser ajudante mayor de las reales guardias espanolas de infanteria.

O alferes de dragões português lia por outros praxistas. Bocage e os da sua laia fescenina fertilizaram que farte de erotismo desbragado a sua terra. Simão tinha admiráveis coleções no género de que não era avaro. Ministrava-lhas um frade antonino do Porto, meia alma de José Agostinho de Macedo, e como ele entendido em amorios monásticos, consoante a biografia métrica escrita por Pato Moniz. Em conclusão José Agostinho, o frade de Santo António coletor de sordidezas bocagianas e pregador sanguinário em 1829; e outrossim Simão Peixoto, freguês da biblioteca do frade, nenhum, em artigo amar freiras, reconhecia a verdade e utilidade do verso de D. Eugénio Geraldo Lobo: *propriedad sin uso-fruto*.

Margarida compreendeu logo o que a sua amiga explicava zoologicamente com o nome de um inofensivo animalejo chamado «besouro». Besouro vinha a ser um exaltado amor que lhe tirava o repouso das noites e a vontade de pedir a

Deus que a defendesse. Ia-lhe mais de vontade o coração a pedir-lhe que a deixasse fugir do convento cegando as porteiras e os esbirros da Justiça.

Almas previstas e condoídas da freira avisaram-lhe o pai. O proprietário de Montalegre respondeu que a sua filha estava emancipada e livre; que se ele quisesse guardá-la não a tinha metido no convento. Toda a desmoralização se justifica filosoficamente. Aquele pai respondeu pelo teor do maior número. Ao parecer deles, esposadas as filhas com o Senhor, cumpria ao esposo guardá-las. Considerai, cristãos, o que o nosso Senhor Jesus Cristo sofreu! Que esposas e que sogros!

A prelada, arguida de nimiamente tolerante, admoestava Soror Margarida; mas a freira, industriada pelo amado, recalcitrava arrogantemente, dizendo que as suas companheiras não eram mais virtuosas nem mais pecadoras do que ela.

A porteira religiosa muito reformada, um dia, respondeu carrancuda ao alferes que procurava Margarida. Simão colou os beiços ao locutório e disse:

— O santinha, olhe que eu vou buscar lá dentro a madre Margarida às cavaleiras da vossa Mercê.

A virtuosa foi queixar-se à prelada e pedir que a dispensasse de porteira. Margarida foi encarcerada no tronco, por oito dias, a pão e água. O alferes, sabedor do castigo, enfuriou-se, mas não lhe apareciam vítimas a talho de espada. Porém, como quer que soubesse que o respeitável capelão, confessor e procurador do Mosteiro da nossa Senhora dos Anjos, era o conselheiro da prioresa, foi-se ao padre e disse-lhe suavemente que o mataria, se Margarida não saísse do tronco no espaço de uma hora.

O capelão assaz informado dos ruins fígados do alferes de dragões, obteve o perdão da freira e licença para ela continuar às grades, quer dizer os colóquios do *accidente sin substancia,* como escrevia o outro.

Opressas de medo, as autoridades do mosteiro já apelavam para o mais trágico desfecho; e era que Margarida fugisse e as deixassem em paz. Se não fosse o escândalo, as virtuosas, ameaçadas na pessoa do seu capelão e confessor, iriam de cruz alçada abrir-lhe a porta para que ela saísse; ainda assim menos escandalosas que a prelada de Odivelas,

a qual abria as portas para que D. João V entrasse: o que é diferente.

O galanteio continuou desaforado. Simão, propondo à freira a fuga, achou tão leve resistência que se não despendeu em removê-la. As combinações feitas deram que o alferes pediria licença ao general da província para visitar o seu pai moribundo; escondido nos arrabaldes de Chaves, viria, em aprazada hora da noite convencionada, com o auxílio de um hortelão do mosteiro, recebê-la a uma porta da cerca. Ao ardil da freira incumbia sumir-se no bosque, à tardinha, de sorte que a encarregada de fechar as portas comunicativas da cerca a julgasse já recolhida.

O restante do plano depois o veremos prosperar, satanicamente realizado.

A prioresa andava suspeitosa e dizia à escrivã:

— Deus a leve!...

— Que a leve o Diabo! — emendava a escrivã.

Vinha a madre porteira e perguntava:

— O cão tinhoso não se irá embora?

— Ó meninas! — dizia a septuagenária prelada às meninas suas coevas — se esta casa se vê limpa daquela endiabrada...

— Vai-te, vai-te para onde não faças mal, coisa ruim!

Clamava à surdina, com eloquente abrenúncio, a escrivã formando uma cruz de osso nu com os dois dedos indicadores.

Ao lusco-fusco de certo dia, foram dizer à prioresa que Soror Margarida das Dores não estava na sua nem noutra cela e talvez ficasse na cerca.

— Deixá-la ficar... — respondeu a filha de Santa Clara que, passados anos, morreu em cheiro de santidade e muito bem pode ser que esteja inteira.

As religiosas velhas reuniram-se à volta de um bule de chá e bandeja de fatias de pão-de-ló, congratulando-se da provável fuga de Margarida naquela noite. Nenhuma disse:

— Deus tenha piedade dela!

CAPÍTULO XXIX

MÃE

Da crista do Marão por onde trepa a estrada da Régua e chamam Padrões da Teixeira, olhai lá em baixo onde as gargantas da serra acabam em enorme bacia de fragas acasteladas, e vereis alvejar por entre morros de penedias uma casa que, em 1811, ainda campeava torreada como solar que tinha sido de D. Gomes Peixoto, o filho de D. Egas Porto carreiro, tronco dos avós de Simão, senhor daquela desabitada relíquia do feudalismo.

Desabitada não. Em 1811, a horas mortas, chegou ali o fidalgo, chamou os caseiros que moravam em casarões vizinhos, fez iluminar o lôbrego aposento e entrou com a freira fugitiva do mosteiro de Chaves.

Vinte e quatro horas depois, Margarida ficou e Simão Peixoto correu de galopada para o Porto. E que ele, se a Justiça o perseguisse, havia de defender-se testemunhando

a sua presença em casa do pai à hora pouco mais ou menos em que a religiosa era procurada.

O pai estava gotoso. Folgou de ver o filho, abençoou-lhe a saudade com que viera para ele e disse-lhe:

— Pede a tua baixa, que eu não posso viver muitos dias.

Pressagiara como os justos que pressentem o bafejar glacial da morte.

Volvidos breves dias, o velho morreu.

Simão Peixoto pernoitou uma noite no solar de D. Gomes; soube dos criados que a dama chorara sempre, interrogou-a e desculpou-lhe as lágrimas que eram de saudade dele e tristeza de se ver ali sozinha vinte dias, sem querer ouvir voz humana nem ter alma para pedir lenitivo a Deus.

Ao outro dia foi a Chaves. Os camaradas perguntavam-lhe pela freira, e ele respondia:

— Que sei eu da freira! Venho de assistir à morte do meu pai. Se alguém disser que a freira fugiu para mim, mente e há de engolir a calúnia na ponta da minha espada.

Amordaçaram-se os propaladores do boato. Alguns julgaram-no inocente do crime assacado. Outros fingiram-se duvidosos. E os mais prudentes conformaram-se em silêncio com o facto consumado.

Ninguém viu o pai de Margarida entre os indagadores. Fiel aos seus princípios, o homem disse:

— O esposo que a guardasse.

Simão Peixoto licenciou-se para tomar conta da sua casa e requerer baixa.

Na volta para o Porto, deteve-se alguns dias solapado na casa lúgubre; e, ao despedir-se, prometeu a Margarida que iria buscá-la para perto do Porto, assim que as suspeitas se desfizessem.

A solitária esperou longos dias. O Inverno chegou primeiro. O lençol da neve amortalhou em volta dela todas as verduras. Desfolharam-se as árvores. Rugiam as torrentes. Dos cabeços sobranceiros do Marão desnovelavam-se e caíam nuvens pardacentas que lhe resfriavam O sangue e coagulavam as lágrimas no rosto.

Não lhe era permitido escrever, a título de que as cartas podiam descaminhar-se e perigar a segurança de ambos, mormente a dela.

Desafogo nenhum, e a suspeita do abandono a espedaçá-la.

Simão voltou.

Ao cabo de quinze dias não podia com o tédio. Viu-a chorar. E em vez de condoer-se teve pena de si próprio, acusando-se ao mesmo tempo de se ter enganado com a persuasão de que Margarida seria excetuada entre as fatigantes vítimas do seu capricho. Arguia-se, pois, de ter aceitado encargo algum tanto melindroso, e dizia entre si:

— Que hei de eu fazer a isto?

A isto!

Teve a bondade da deixar chorar, e foi para o Porto, com promessa de voltar em designado tempo, e transferi-la sem risco.

E, para retê-la nalgum arrojado passo em ímpeto de desesperação, figurava-lhe perseguições, buscas,

espionagens e ordens régias de prisão. Margarida aterrava-se e dizia-lhe:

— Defende-me, Simão... Antes quero aqui morrer que voltar para o mosteiro.

O certo, porém, era que já ninguém falava dela, desde que um amigo de Peixoto fez correr cm Chaves que a freira tresmalhada do redil se deixara levar de um francês do exército de Loyson.

* * *

Volveu Simão com a Primavera.

Margarida revelou-lhe alegremente que era mãe. A fera ouviu a nova com tristeza e teve a excelsa virtude de dissimular o desgosto.

Espantou-se, atravessada de dores, a deplorável criminosa, e disse no seu coração: «Perdi a minha última esperança!...»

A esperança dela era que o filho trouxesse do Céu coração ao seu pai.

O governo de grandes bens não se compadecia com a longa ausência do herdeiro. Simão, acariciando-a constrangido, simulou-se contente com a doce esperança de ter um filho de mulher tão querida; alentou-a com esta esmola de moeda falsa e voltou para o Porto.

Os pais mais opulentos ofereciam-lhe esposas; as meninas casadeiras menos recomendáveis pela riqueza, curavam de sobrelevar às mais ricas, com embelecos de amorosos avanços, sem todavia defraudarem o capital da honestidade.

O rapaz andava como encantado. E os encantamentos são uns raptos de alma que se desata de memórias da terra. Por isso, o requestado das formosas esquecia-se de Margarida.

Assinale-se-lhe, todavia, uma caridade que porventura lhe foi descontada nas contas do saldo eterno: é que ele mandava todos os meses abundantes recursos à mulher, cujo nome os criados ignoravam.

Sobrava ouro a Margarida. E ela olhava para os rolos de dinheiro como para embrulhos de lodo. Que lhe fazia à

solitária dos desfiladeiros do Marão a avultada esmola do seu benfeitor? Nem sequer os mendigos ali paravam! Nem a consolação de matar a fome dos velhos e vestir as criancinhas nuas nos braços das mães lívidas de penúria!

Margarida ajoelhou uma noite no chão da arruinada capelinha da casa pedindo a Deus que lhe perdoasse e fechasse os olhos.

Foi um confessar-se em altos soluços ao crucifixo no qual tremulavam as sombras da lâmpada. Era outra vez Inverno. O Norte assobiava nas vigas empenadas e balançava o braço da lanterna. A imagem de Jesus Cristo estava ali há séculos como esperando aquela desgraçada. Se alguém assim tinha chorado e ajoelhado naquelas lajes, o segredo fechara-se em dois jazigos cavados nas paredes. A nortada vibrou a sineta suspensa num quadrado de pedra sobre a porta profunda da capelinha.

Margarida lembrou-se do toque a matinas no seu convento e murmurou:

— Que fiz eu da minha vida!... Como posso eu pôr os olhos no vosso rosto, meu Deus!

Saiu espavorida e fechou-se no seu quarto a tremer de frio e medo.

Quando através da velha portada de dois vidros afumados já coava o alvor da neve nos píncaros do Marão, Margarida teve sono. Mas uma dor aguda e nunca experimentada fê-la estremecer e saltar do catre.

Chamou Escolástica, a velha criada que Simão Peixoto lhe dera, trazida de longa distância.

A criada sentou-se à beira dela e disse com magoado rosto:

— O fidalgo deixá-la sozinha comigo nesta ocasião... As dores recresceram.

Três horas depois, Margarida, com a milagrosa energia de mãe, aconchegava do seio uma filha, e murmurava:

— Meu Deus, não queirais que eu morra agora...

CAPÍTULO XXX

COMO TANTOS...

— Agora é que ele vem ver este anjinho! — dizia Margarida exultando. — Como o teu pai te há de amar, filha! Não lhe dizer o coração que tu nasceste!... Um dos caseiros tinha ido levar a nova. Chegou... e Simão não veio.

— Não vem?! Ele não vem?! — exclamou Margarida.

O camponês entregou-lhe uma carta, e, com os olhos aguados, disse:

— Senhora, o fidalgo diz aí não sei quê... que me parte o coração... Não sei como ele... Valha-me Deus!... Nem os lobos fazem o que ele quer...

Margarida lia em convulsões uma longa carta, na qual Simão Peixoto lhe dizia que seria não só prudente, mas necessário que ela enjeitasse a filha.

Após grandes preâmbulos de considerações mais infames que engenhosas, Margarida topou aquele desfecho, aquele pungente ferro que a trespassou e por largo espaço lhe cortou a voz na garganta.

Ansiava em mudas angústias. Contorcia-se no leito em ânsias de estrangulada. Quando pôde gritar, pediu a criança. Escondeu-a entre a camisa e o seio, clamando a gritos:

— Não! não! A minha filha! Eu irei pedir uma esmola às mulheres que forem mães!...

E o lavrador, voltado para a consternada serva de Margarida, dizia:

— Pois ele não me disse que fosse pôr na roda de Lamego aquela menina?! Meu amo é mau homem!... Eu ainda lhe disse: «Ó fidalgo!», mas ele carregou a celha e atirou-me dois berros que parecia um lobo!... Tem má alma!...

Exauridas as valedoras lágrimas, Margarida reconheceu em si forças e consolação de mais alto. Levantou-se, desceu

amparada até à capela, ajoelhou no degrau do altar com a filhinha nos braços e disse:

— Meu Deus, esta menina não tem pai... Sede vós, Senhor piedoso, o pai deste anjinho que não tem culpa dos meus crimes...

Dois passos atrás de Margarida, estavam o abegão e Escolástica de joelhos com as mãos postas.

As lágrimas corriam a quatro nas faces deles.

A mãe levantou-se, chegou deles a filhinha e disse em tom suplicante:

— Heis de ser padrinhos da minha filhinha, sim?

A criança foi batizada sem nome de pai nem mãe. Os padrinhos disseram ao vigário que toparam a menina à beira do caminho público, e ficariam com ela já que a tinham encontrado.

CAPÍTULO XXXI

MAIS UM DEGRAU

Simão espinhou-se ao princípio com a inobediência de Margarida; mas as razões lastimosas com que ela se desculpava fizeram o milagre do apiedarem.

Além de que, a menina batizada sem pai nem mãe, que mal podia fazer-lhe? Era de todo um ser estranho à sua vida. Em nenhum tempo lhe empeceria, dificultando-lhe vantagens de casamento ou desvelando o segredo do sacrílego rapto.

O egoísmo, pois, de mãos dadas com a compaixão, assossegaram-no.

Como a depravação fecunda deste homem estivesse continuamente a excogitar novas maldades, saiu-se com a sede de ouro, a tenaz em vivo fogo da cobiça a fistular — lhe as entranhas já repletas de variada peçonha.

Ao pensamento de espoliar a irmã, enclausurando-a, sobreveio o de se descartar da mulher que o incomodava com cartas de incessante lamúria e ao mesmo passo o carregava com o peso de duas vidas por tempo indefinido. Já Simão Peixoto, o senhor de vastos recursos, sentia irem-se-lhe os olhos no cartucho de cruzados que enviava mensalmente a Margarida.

Multiplicava aquele rolo mensal por doze de cada ano, e os de cada ano por vinte, trinta ou quarenta equivalentes, ponderando as probabilidades da duração de Margarida. E, depois, a filha? Não seria quase certo que a mãe lhe havia de dizer quem era o seu pai? Não bastaria o testemunho dos caseiros, embora a certidão batismal o não dissesse? E as cartas que ele escrevera a Margarida não justificariam de sobra a paternidade alegada pela filha?

O anjo mau, executor da justiça divina, dava-lhe destas garrochadas, pervertendo — lhe a sensibilidade a fim de que os ferros lhe pungissem bem dentro.

Ocorreu-lhe no marulho de alvitres mais ou menos desumanos a intervenção de um terceiro, investido com as insígnias da prudência e, podendo ser, da religiosidade.

Saiu — lhe da sentina da alma uma imagem de frade antonino, o seu fornecedor de versos, o pontual conviva dos seus jantares em certos dias e da sua garrafeira seleta todos os dias.

Contou-lhe o caso sem salvas nem hipocrisias, O frade, de vez em quando, ria-se e resmungava:

— Ó morgado! tem-nas feito boas!... Uma esposa de Cristo!... Oh! sacrilégio!...

E recitava-lhe um soneto obsceno em que S. Pedro, ouvindo as queixas do divino esposo ofendido pelas esposas adúlteras, aconselhava o Senhor a não casar-se com... freiras. A torpeza da palavra betava com a impiedade do pensamento.

Com recheio de sórdidas pilhérias, dialogaram largo espaço e acordaram que o frade iria aos Padrões da Teixeira, mensageiro de Deus, dizer a soror Margarida das Dores que os alçapões do Inferno estavam abertos para lhe receber a alma por séculos sem fim, se ela não curasse de pedir perdão à justiça irritada do Senhor, e recolher-se a um qualquer mosteiro remoto do teatro dos seus crimes,

deixando a filha entregue aos cuidados dele mensageiro do Céu.

Foi o frade, tendo apostado dizer de graça seiscentas missas que Simão lhe encomendara em virtude da disposição testamentária do pai, se a freira lhe resistisse; e Simão Peixoto apostou perder cinquenta garrafas de vinho de 1770, se o frade reduzisse Margarida a reformar-se e enclausurar-se.

Partiu o antonino para as fraldas do Marão. Anunciou-se com o título de ministro do Eterno Pai das misericórdias.

Margarida viu-o entrar no pátio, seguido de um arneiro com uma possante mula à rédea.

Considerou-se descoberta: abafou as exclamações de medo, foi ao berço buscar a filhinha e fugiu por uma avenida que ia dar a um fechado castanhal.

A criada procurou-a muito espantada para lhe dizer que ali estava um frade perguntando por a madre Margarida das Dores; e, que, respondendo-lhe ela que na casa não morava madre nenhuma, senão uma Senhora que se não chamava Margarida, mas sim Leonor, o frade teimara a dizer que

avisassem a madre Margarida que estava ali um ministro do Eterno Pai das misericórdias.

A serva, madrinha da menina, procurou sua ama, chamou-a e compreendeu que ela tinha fugido. Voltou ao frade, e disse-lhe que não sabia da Senhora.

— Vá procurá-la — trovejou o frade. — Ordeno-lho em nome de Deus!

— Onde hei de eu ir procurá-la? Vossa Reverendíssima não vê que por ali tudo são covas e matas? Vão lá saber onde ela está!

— Mulher! — disse o coletor de poemas devassos. — Eu vou chamar sobre esta casa o raio do Céu, se a madre Margarida não aparece!

— Não tenho que lhe fazer, Senhor Frade — disse Escolástica pouco menos de incrédula na obediência dos raios à invocação de um frade que lhe baforava ao nariz recendentes eructações de vinhaça revolta.

— Ó raios! — exclamou o antonino, pondo os olhos no Céu, cuja serenidade indicava que nem para um milagre se podia arranjar um corisco.

— Mulher! — disse o seráfico a escorchar de raiva e ofegando com a barriga e belfas — vá chamar sua ama e diga-lhe que venho aqui enviado pelo morgado Peixoto. Diga-lhe que é para seu bem; que venha, quando não eu a deixo entregue ao Demónio dos seus crimes e a justiça humana ofendida virá lançar-lhe as presas.

A velha ganhou medo então. Foi em demanda da sua ama; emboscou-se nos arvoredos, chamando-a; espreitou as grutas abobadadas pelos penhascos; buscou-a nas margens sombrias de um córrego derivado por entre brenhas. Não lhe viu rasto. Voltou, duas horas depois, e disse ao frade, chorando:

— Saiba Vossa Reverendíssima que a não vi. Lembra-me se ela se deitaria de alguma fraga abaixo!

— Que Deus tenha piedade da sua alma — murmurou o amigo de José Agostinho de Macedo, e escanchou-se na mula, dizendo ao arneiro:

— Onde há mais perto uma boa estalagem, rapaz?

— A dos Padrões não é má.

— Anda lá prá frente e mexe-te que é tarde; isto aqui é covil de lobos. Move-te...

Quando a mula e o frade transpuseram o teso do mais próximo outeiro, Margarida saiu de uma arribana de pastor e chamou a madrinha da sua filha, que andava regirando por entre o mato, a chamá-la em alto choro.

A velha contou-lhe o sucedido, com o grande espanto de ele dizer que procurava madre Margarida das Dores.

A consternada Senhora julgou-se perdida. A ameaça da Justiça quebrou-lhe o último alento. Imaginou se Simão Peixoto seria o seu próprio denunciante! Atrocíssima suspeita de que ela se envergonhou! Referiu, pela primeira vez, a sua miserável vida à criada que lhe chamava Leonor. Pediu-lhe em nome da criancinha de ambas que a não desamparasse e lhe desse uma cabana na sua terra, para ela se esconder, se a Justiça viesse ali procurá-la.

— Pois fujamos já esta noite... — clamou Escolástica.

— Ainda não: quero primeiro escrever a Simão...

— Vou eu levar-lhe a carta... — disse a velha.

CAPÍTULO XXXII

MISÉRIA EXTREMA

Como seria a carta de Margarida! Que remordente opróbrio ela entranhou no covil daquele ferocíssimo coração! Que pungitiva, se o fez condoer-se e arrepender-se da traça com que, para se desfazer de um leve encargo, ia arrancar a mãe da filha para encerrar uma em penitente clausura e atirar a outra ao acervo dos enjeitadinhos!

Respondeu-lhe brandamente e ainda em termos de amoroso. Assegurava-lhe que não temesse a perseguição e esperasse dias mais venturosos. Chamava à criancinha a sua filha, recomendando-lhe, porém, que não descobrisse o segredo, em que estava a segurança da sua tranquilidade.

Apaziguou-se Margarida. Foi necessário ameaçar-lhe a posse da filha para que o possuí-la sem medo da perseguição lhe parecesse felicidade grande. É pois certo

que as desgraças deixam do ser logo que outras maiores se avizinham.

O desamor de Simão era-lhe já saudade e mágoa que a filha remunerava. Quando a pena a mortificava muito, a triste Senhora fugia-lhe a pensar nas torturas que a esperavam, se a Justiça a fechasse numa cela, e lhe tirasse para sempre a filha! E consolava-se e pedia a Deus perdão de se ter lastimado da sua soledade e desamparo do homem por quem se perdera.

* * *

Dobaram-se os anos.

Margarida lá envelhecia nas brenhas da serra. A filha, chamada Júlia da Soledade, crescia entre as flores bravias da urze e da giesta, via as tormentas que trovoavam e coriscavam no dorso das cordilheiras, aprendia com a sua mãe a soletrar as orações de um livro de missa, e escutava as lendas já terríveis, já graciosas que lhe contavam os padrinhos e os pastores.

E Simão Peixoto desde 1812 não voltara a ver Margarida nem, em 1818, conhecia a filha.

O seu desejo cumpria-se integralmente: no Porto ninguém, salvo o frade silencioso, sabia da existência da freira. Em Chaves julgavam-na em França as poucas pessoas que ainda se lembravam dela.

À volta do paço solarengo de D. Egas Portocarreino, os moradores das arribanas viam aquela Senhora com uma menina vestida limpamente; saudavam-na com respeito e agradeciam-lhe as esmolas que a criada e Júlia levavam a longes casebres, quando o ano era de fome.

A notícia da morte de Simão Peixoto chegou a Margarida, quando os caseiros foram avisados para dar contas a D. Lúcia, sucessora dos vínculos.

O coração não podia dar muitas lágrimas de saudade de quem o não tivera. A pobre Senhora não perdoara ao desavergonhado homem que recusara sempre ver a filha. Os ultrajes a si feitos relevava-os; mas o cru desamor a sua filha não podia.

Se o não chorou, também se não carpiu do desamparo em que ficava.

— Eu sei trabalhar — disse ela. — Deus me dará forças. Irei para terra onde possa ganhar o pão de cada dia, e irei antes que a irmã de Simão queira saber que mulher é esta que lhe ocupa a sua casa.

A comadre aconselhou-lhe a ida para o Porto, onde com algum dinheiro das economias de ambas poderiam alugar e alfaiar uma casinha onde vivessem a trabalhar sem receio de dar nos olhos à curiosidade.

Assim fizeram.

Alugaram uma casa mais que modesta na Rua das Aldas, uma das betesgas sujas que se emaranham nas vizinhanças da catedral.

O lavor de Margarida era bordar e marcar. Escolástica costurava em camisas para os armazéns de roupa da Ponte Nova. Júlia aos sete anos já ajudava a sua mãe.

O trabalhar sem o repouso restaurador adoentou a incansável senhora. No Marão, ao menos, tinha sobejas horas de dormir e puríssimo ar. Ali o respirar das insalubres sentinas da cidade velha, a permanência contínua em casa, por medo de que a reconhecessem,

acaso, parentes ou conhecidos, infecionaram-lhe os pulmões.

Cessou de trabalhar por já se lhe baldarem os esforços. Até a perda de vista, no muito que chorava, lhe impedia a costura. Os lucros da velha eram pouquíssimos e incertos.

Chegou a fome: a fome que leva os vestidos, as roupas do leito, as coisas mais urgentes da vida.

E Margarida trouxera do seu ermo pouquíssimo que vender. Simão nunca lhe dera uma joia que valesse o alimento de vinte dias.

— Deus me leve cedo — dizia a enferma. — Deus me tire dos olhos este aflitivo quadro. A minha filha tem fome e eu não tenho nada que lhe dê. Assim que eu morrer, a caridade pode ser que a venha tirar desta miséria.

A velha chorava e meditava.

Saía. Não sabemos se esmolava, se pedia de empréstimo aos algibebes que lhe forneciam o trabalho. É mais de crer que mendigasse. De qualquer maneira, trazia pão e pouco mais. Pão e lágrimas, alimentação de três partes dos filhos de Deus, filhos órfãos, segundo parece, tutelados do Diabo.

Um dia, Margarida sentou-se no leito, dizendo que se sentia muito animada para o trabalho.

Principiou a recortar para fazer o bordado de um lenço.

Daí a pouco, as lágrimas ensopavam o lenço.

Depôs o cestinho da costura, e disse com amarguradíssimo desalento:

— Comadre, pode vossemecê vender a minha tesoura e dedal, se há quem dê por eles um pãozinho à minha Júlia. São coisas que já me não servem de nada.

A velha não respondeu.

Saiu da alcova com Júlia pela mão e disse a Margarida:

— Minha Senhora, nós vamos a um pouco, e voltamos logo.

— Aonde ides?

— Onde Deus nos levar.

CAPÍTULO XXXIII

SERENA CLARIDADE

O major Osório tinha chegado do Candal com Álvaro, e dizia a D. Lúcia e Cristóvão Freire que Maria de Nazaré pedira que a levassem ao jardim e andara passeando com o filho silenciosamente, não obstante as perguntas com que o major a estimulava a falar. Referiu também que Maria, entrando de ímpeto num caramanchão com o filho quase de rojo, prorrompeu em soluçantes gritos, dizendo à criança:

— Teu pai esteve a chorar aqui e eu não tornei a vê-lo!

Acrescentava o major que a considerara em uso da sua razão naquele momento; mas que em pouco se descapacitou vendo-a logo alquebrada e recolhida à modorra habitual.

Prolongava-se a conversação, quando um criado entrou dizendo a D. Lúcia que uma mulher e uma menina vestida de preto a procuravam.

— Não dizem o que querem? — perguntou a fidalga.

— Será esmola?

— Pelo trajar deve ser — confirmou o criado. — Eu disse à mulher que se queria esmola bastava mandá-lo dizer à fidalga; mas ela diz que precisa muito falar a Vossa Senhoria.

— Pois que entre, se o tio Freire dá licença.

Freire e Osório continuaram conversando, sem dar atenção à entrada das supostas e bem julgadas mendigas.

Escolástica achegou-se timidamente da Senhora e disse a meia voz:

— Queria particularmente falar a Vossa Senhoria.

— Diante destes senhores não tenha receio em dizer o que pretende — disse afavelmente D. Lúcia.

O major e o velho quiseram sair; a Senhora, porém, impediu-os sorrindo com estas palavras:

— Ah! querem escusar-se de ouvir alguma história triste? Pois hão de ouvi-la. Diga, mulherzinha.

— A história é bem triste... isso e... — respondeu a comadre de soror Margarida.

— Morreu o pai ou a mãe desta menina, que vem vestida de luto, e ela ficou pobre, não é assim? — perguntou Lúcia. — Quer ver se lha posso arranjar no recolhimento de S. Lázaro?

— Morreu-lhe o pai, morreu, minha Senhora — voltou a velha com eloquência do comovido coração. — E ela vem pedir esmola para a sua mãe... e a vossa Senhoria que é esmoler e ficou herdeira do pai desta menina...

— Eu! — exclamou Lúcia. — Pois de quem é filha esta menina?

— Do Senhor Simão Peixoto que Deus tem.

— E a mãe quem é... e onde está? acudiu a alvoroçada Senhora.

A serva de Margarida relançou os olhos aos dois cavalheiros perplexos e disse:

— Estes bons Senhores hão de ter piedade dela e não hão de acusá-la...

— Acusá-la!... — atalhou a rir-se o velho —. Vossemecê vem denunciar uma criminosa ou pedir esmola para uma desgraçada?

— É isso, meu Senhor, para uma desgraçada é que eu peço.

— Naturalmente — disse o velho — essa mulher era alguma das muitas que ele por aí perdeu...

— É uma Senhora — disse serena e intencionalmente a madrinha de Júlia.

— Senhora! — disse Cristóvão Freire. — Como se chama? Onde está e donde é? Minha sobrinha, as esmolas são sempre abençoadas; mas precisamos neste caso averiguações minuciosas. Como se chama essa Senhora?

— Soror Margarida das Dores.

— Como?! — acudiu o major.

— Soror Margarida das Dores.

— Do convento de Chaves? — perguntou ele.

— Sim, meu Senhor.

Osório, feita uma curta pausa, disse:

— Senhora D. Lúcia, esta mulher não mente. Eu estava em Chaves quando do Convento da nossa Senhora dos Anjos fugiu uma formosa freira chamada Margarida. Toda a gente entendeu que o seu irmão a tirara do convento, porque era ele quem todos os dias a procurava. Simão negou, a freira desapareceu, ninguém mais deu novas dela, a não ser um amigo de Peixoto que fez acreditar que a freira passara a França com um oficial de Loyson.

— E onde tem ela vivido? — perguntou D. Lúcia.

— Na quinta da Teixeira — disse Escolástica. — Lá viveu até que soube que o Senhor Simão tinha morrido.

— E para onde foi depois? — perguntou Lúcia.

— Veio para uma casinha ganhar sua vida a trabalhar. Enquanto pôde remediou-se, Deus sabe como, depois adoeceu, e vendeu o pouco que tinha. Agora não tem nada, e esta menina passa fomes e frio.

— E porque não mandou ela dizer-me logo a sua posição? — disse D. Lúcia com olhos a reverem lágrimas.

— Ela não mandou, fidalga, nem mandaria... Fui eu que vim com este anjinho que eu aparei nos meus braços quando nasceu. Vim agora, porque ela, não podendo já trabalhar, mandou-me vender a tesoura e um dedal de prata que lhe deu a sua mãe. E o que resta na casa; e ela disse-me que trocasse a tesoura e o dedal por um pãozinho para a sua filha...

Embargaram-na os soluços. O major e o velho limpavam as lágrimas. Lúcia achegava de si a filha do seu irmão e dizia-lhe:

— Como te chamas?

— Júlia da Soledade.

— Repare, primo, nestas feições... — disse ela ao major.

— São as do seu irmão, prima. Seria mais formosa, se tivesse as da mãe.

— Conheceu-a?

— Assisti à sua profissão convidado pelo pai, um rico proprietário de Montalegre que era o fornecedor do regimento. Não vi mais peregrina beleza neste mundo...

— Onde mora ela? — exclamou a irmã de Simão Peixoto.

— Na Rua das Aldas, na casa mais pequena.

— Eu vou já em busca dessa pobre senhora...

— Vou primeiro mandar preparar a carruagem que a deve conduzir? — perguntou Osório.

— Para aqui? — disse ela.

— Para aqui não me parece... A casa de soror Margarida... direitamente... devia ser a do pai da sua filha... Porque eu... — e, falando perturbadamente, aproximou-se de Lúcia e tomou-lhe a mão que levou aos lábios — eu o matador do pai desta menina, rogo com estas lágrimas... suplico à sua caritativa alma que me desoprima da angústia de ser pobre e não ter muito para dar tudo à criança a quem tirei o amparo. Valha-me Vossa Senhoria, prima, aceitando como incentivo à sua generosidade o lembrar-lhe que as sobras da sua riqueza devem ser da filha do seu irmão.

— Porque mo pede? — disse D. Lúcia. — Pois o meu coração necessitaria dos seus rogos?... Tudo, tudo que era do meu irmão será teu, minha sobrinha.

A madrinha de Júlia prostrou-se a beijar os pés da fidalga e a regar-lhos de lágrimas. D. Lúcia levantou-a nos braços e pediu-lhe que fosse adiante prevenir Margarida para que se aprontasse. Perguntou a Júlia se queria ficar e a menina respondeu com medo:

— Eu queria ir ver a minha mãe...

— Tua mãe está contigo daqui a pouco, Júlia — disse Lúcia. — Nós vamos ambas buscá-la.

— Olha lá, sobrinha — interveio Cristóvão Freire — , eu por estar trôpego não hei de ficar estranho a esta alegre cena do teu coração. Traz-me essa Senhora para minha hospeda; e, quando a tua casa estiver arejada e habitável, então irá. Bem sabes que as janelas não se abrem há três anos...

CAPÍTULO XXXIV

O ANJO DA CARIDADE

Margarida cobrira o seio com o lenço da sua criada, porque o pão do penúltimo dia tinha sido trocado pelo seu último lenço.

Dissera ela, ao tirá-lo do peito:

— Vou-me despindo para mais depressa me amortalharem...

E sorrindo, continuara:

— E donde virá a mortalha? De lágrimas... irei coberta das vossas lágrimas, pobre amiga e pobre filha...

Estava pois enfeitada com o lenço de algodão azul afogado nas peles do pescoço para receber a irmã de Simão Peixoto.

E dizia a Escolástica:

— Eu não me envergonharia de receber assim Nosso Senhor porque ele sabe a minha pobreza; mas, vejam que vaidade!... Tenho pejo de que uma criatura, sujeita à desgraça como eu a mereci, me veja assim!

Ouviu-se o rodar e parar uma carruagem à entrada da estreita rua. Saiu à janela Escolástica e exclamou:

— Ela aí vem com a menina pela mão e um lacaio com um baú.

D. Lúcia entrou com parecença desafogada e pisando senhorilmente o tabuado bambo e esburacado como se pisasse tapetes. Aproximou-se do leito, sofreando o espanto daquele avelhentado rosto que o major encarecera, e disse jovialmente:

— Quando a Senhora D. Margarida tiver saúde capaz de castigo hei de dar-lhe com um pau. Se sabiam que eu não era má, como pôde esconder-se de mim com esta menina?

— Minha Senhora — disse Margarida — , as desgraçadas têm medo de tudo. Esta minha benfeitora disse-me que a vossa Senhoria era uma alma generosa; mas

eu temi que as minhas culpas não merecessem a sua comiseração. Perdoe-me, minha Senhora...

— O meu perdão há de tê-lo, se se vestir depressa — atalhou Lúcia. — Vamos a repartir entre as duas o que temos. A Senhora D. Margarida dá-me parte do coração da sua filha e eu... olhe que paga!... dou-lhe algum dos meus vestidos...

— Obra de misericórdia... vestir os nus... — balbuciou Margarida com os olhos engorgitados de lágrimas. — A minha filha disse-lhe que eu não tinha mais que um velho vestido? A tolinha pensa que eu me hei de enfeitar para parecer bem à morte.... A minha Senhora, abençoada seja a sua esmola...

— Não diga esmola! — exclamou Lúcia. — Se me faz chorar, não lhe perdoo. Eu choro há três anos... Deixe-me hoje passar este dia alegre... Vamos buscar o baú, Júlia?

— Eu vou, fidalga — impediu Escolástica.

Lúcia abriu o baú e tirou roupas brancas de envolta com os vestidos de seda, mantos, chapéu, sapatos e o necessário para o asseado trajo de mulher.

E, ao compasso que punha a roupa sobre o leito, dizia:

— Isto vem tudo atrapalhado... Eu e Júlia atirámos tudo a eito aqui para dentro. Ora vá! Eu ajudo a vesti-la.

E desdobrou as roupas brancas desembaraçadamente.

Margarida quedou-se contemplando-a e murmurou:

— Irmã de Simão... esta criatura com graça do Céu!... A minha filha, ajoelha aos pés desta Senhora...

— Valha-me Jesus! disse Lúcia com jeito de fingida zanga. — Eu quero lá que a pequena me ajoelhe!... D. Margarida vista-se... ande...

A velha parecia apalermada de júbilo com as mãos cruzadas sobre o seio, e a menina andava à volta da tia com os seus grandes olhos a saltarem de prazer.

Vestiu-se Margarida com auxílio de D. Lúcia e Escolástica.

Olhava para si e dizia risonha:

— Um cadáver adornado!... Já me não via há muito... As sedas hão de ajustar bem neste esqueleto... Se o pai desta menina visse em mim a freira da nossa Senhora dos Anjos... ficava sobramente castigado... Deus castiga assim a

vaidade da mulher; mas a mim tirou-me a vaidade antes da beleza, se alguma tive... Devia de ter porque... até as minhas amigas me odiaram... e ajudaram a perder.

Estava preparada. Lúcia escutava maravilhada as serenas pausas daquele dizer triste por entre um sorriso que, apesar do ser, harmonizava com o travor das expressões.

Margarida fez sentar-se a irmã de Simão para lhe ouvir duas breves palavras. Encostou-se arquejante de cansada à borda do leito e disse:

— Minha Senhora, queira ter a bondade de me dizer para onde vou, e perdoe-me a curiosa pergunta. Há felicidades que não convêm às almas abatidas. Pode ser que a vossa Senhoria me queira dar um destino que, sendo excelente em outra mulher, me faça mal a mim.

— Por enquanto — disse Lúcia quero que me obedeça; vai para a casa onde eu sou hospeda, e lá conversaremos sobre o seu destino. O de Júlia já eu lho posso dizer: há de ser herdeira do seu pai...

— Não pode ser — interrompeu a freira.

— Porquê?

O seu pai não reconheceu o batismo, não a viu... morreu sem a ver, foi deste mundo sem ouvir a palavra pai.

— Pois meu irmão nunca viu a filha?

— Nem mais me viu a mim desde que eu fui mãe... Foi a Divina Providência que o afastou das minhas lágrimas... Foi... Se eu tivesse mais filhos, pode ser que tivesse visto acabar alguns de fome. Esta pude sustentá-la quase três anos; mas, se fossem duas, o alimento era tão mesquinho que repartido por elas e por mim... eu não chegaria a vê-las morrer, não... Teria ido antes delas...

D. Lúcia levantou-se de golpe, travou-lhe do braço com suave veemência e disse:

— Vamos. Não me sinto bem neste ar...

Caminhou Margarida amparada e vagarosamente. Entraram todas na carruagem e apearam a pouca distância no pátio de Cristóvão Freire na Rua Chã.

O velho saiu ao salão de espera, cortejou Margarida e disse com fidalga urbanidade:

— Quer Deus que à volta de um infeliz velho se ajuntem pessoas que o divirtam das suas mágoas falando das próprias. Seja isto hospício e albergaria de peregrinos desventurados. Venham aqui tomar colação para a viagem eterna os romeiros que caminham pelo vale de lágrimas. Seja bem-vinda, Senhora!

— Quem é este respeitável senhor? — perguntou soror Margarida, em voz baixa, a D. Lúcia.

— E o pai de Marcos Freire...

— Ah!... — exclamou a freira, recordando-se.

— Pai de Marcos Freire que foi morto pelo meu irmão — concluiu D. Lúcia.

CAPÍTULO XXXV

SÚPLICAS DE MARGARIDA

Vejam as prodigiosas incongruências que a desgraça conciliou! Em casa de Cristóvão Freire, à volta de uma mesma toalha, fatiando o mesmo pão, vereis o filho de Marcos de par com a filha de Simão Peixoto. Álvaro tem seis anos. Sabe que o seu pai foi morto; ignora, porém, que D. Lúcia é irmã, e que Júlia é filha do matador. E são muito amigos, chamam-se primos e folgam em brinquedos, bem que Júlia se avantaje em cinco anos. É que a filha de Margarida nunca tinha brincado. Lá, nos pardieiros da casa da montanha, a criança via as avezinhas a saltitar entre as franças das árvores, corria para elas cheia de inveja e as avezinhas fugiam. A mãe acariciativa dava-lhe muitos beijos quando a via queda, a modo de pensativa, e dizia:

— Que triste infância! Como há de ser sempre sombria esta alma formada sem contentamentos de puerícia e tão acostumada a ver-me chorar!

E da solidão das árvores e penedias passara Júlia à sujeição de passar dias, e o mais das noites a seroar com a mãe, na Rua das Aldas; e por de sobre isto a nudez e a fome que, para assim dizer, apodrecem os embriões do contentamento da juventude antes que abrolhem e floresçam.

Mas ainda a tempo o anjo da mocidade lhe deu a ela das suas asas. Júlia retrocedeu aos júbilos de infância quando as formas lhe saíam esbeltas e desenvolvidas juvenilmente. Doidejava como ébria de alegria, contrastando com a taciturna melancolia da mãe. Tomava no colo o primo Álvaro e comunicava-lhe sua alegria. O filho de Maria de Nazaré agradecia o benefício de uma companheira de brinquedos; porque também ele, depois da morte do pai, nunca mais vira nem ouvira senão lágrimas, vozes lastimosas e os gritos assustadores da sua mãe.

Contemplando os dois meninos, dizia Cristóvão Freire:

— Como se afastarão dilaceradas aquelas duas almas, chegada a ocasião de Álvaro saber que o pai de Júlia lhe matou o seu pai!

Margarida respondeu à cogitação melancólica do velho:

— Serão separados antes que o mundo os ensine a odiarem-se.

— Porque não faremos antes que se estimem e lancem de si o injusto ódio? — observou D. Lúcia. — Que têm que ver estas duas vidas inocentes com as vinganças e rancores dos seus pais?

— Mas — contestou Margarida — esta menina tem de receber a herança do meu infortúnio. Mal dela se eu não conseguir, separando-a do mundo, afeiçoá-la à solidão e ensinar-lhe o contentamento das coisas inocentes e da simplicidade dos prazeres. Quando penso no que tenho padecido, minha Senhora, desejo que ela vá adiante de mim. Cheguei ao estado de crer que não há felicidade nenhuma que torne a vida desejável, salvo se a felicidade está em consciências como a da nossa benfeitora e do Senhor Freire, mártir que se vinga da desgraça arrancando-lhe as vítimas. Não é a riqueza que salva dos precipícios. Se a minha filha pudesse ser rica, eu nem por isso me alegrara por julgá-la mais defendida da desventura que as pobrezinhas. Rica também eu nasci... Se o meu pai fosse pobre, ter-me-ia amado e me não obrigaria a entrar

no mundo pela porta do crime... A riqueza que eu queria deixar a minha filha não a tenho: era o exemplo da virtude. À míngua deste benefício, o meu intento, se as vossas Senhorias me permitissem, era voltar com Júlia para a casa onde eu morri às esperanças e ela nasceu com tão má sina que não tinha pai bastante piedoso para lhe dar nome de filha, nem sequer mãe que pudesse em público dizer que o era. Para ser cristã foi preciso pedir eu à minha criada e ao pobre caseiro da quinta que a batizassem; e o vigário não lhe daria o sacramento, se os pobres que lhe levavam a criança não dissessem que a levantaram do chão. O padre amaldiçoou a mãe, afronta das feras, e batizou a enjeitada. Quem assim nasce que deve esperar? O túmulo é sempre melhor que o berço; num começa o repouso eterno; no outro a batalha com as calamidades. A minha filha foi oferecida a Deus; ajoelhei eu com ela diante do crucifixo que as suas bisavós beijaram, Senhora D. Lúcia. Quando Vossa Senhoria alguma vez o vir na sua casa, lembre-se de que eu chorei ali... E que lágrimas! Ofereci ao Senhor a minha filha; e hoje vejo que a bondade divina ma recebeu no seu coração, minha Senhora; mas eu queria que a sua beneficência ma protegesse lá naquele abrigo onde está a

imagem que me viu chorar e pesou a justiça dos meus rogos, não por mim, mas pela criança que tinha ainda em si o bafejo celestial da inocência. Se eu pudesse lá restitui-la com o seio sem mácula nem sentimento impuro!... Se eu pudesse vê-la mulher com a candura dos dez anos! Dê-nos Vossa Senhoria a esmola das suas sobras, não aqui, mas lá... Deixe-nos voltar para o esconderijo da sociedade onde eu já não posso ser apontada pela compaixão, nem perdoada pela indulgência. Sou freira; Júlia é minha filha, filha sacrílega. Não poderá jamais ser rica para se fazer perdoar.

— Será rica... — interrompeu D. Lúcia. — Pudesse a riqueza dourar-lhe a vida... Não pode, não, Senhora D. Margarida... Mas a casa do meu irmão é dela... Ainda assim, quer a Senhora voltar para a quinta da Teixeira? Pois sim; irá, irei também eu; mas ainda não. Convalesça, adquira algum contentamento, veja se tira da escuridade do seu espírito alguma luzinha de esperança... Depois, quando nos faltar este pai, e tivermos fechado a sepultura de Maria de Nazaré, então iremos juntas envelhecer e

morrer amadas dos nossos filhos; que eu também sou mãe de Álvaro...

— O pai não te demorará muito tempo aqui... — disse Cristóvão Freire. — A outra, a morta do Candal, que estorvo vos será? Levai-a. As três vítimas de Simão Peixoto deviam ajuntar-se debaixo das mesmas telhas...

CAPÍTULO XXXVI

EXPLICAÇÃO AOS SÁBIOS

O leitor sabido e enxertado em Pereiras e Sousas, Lobões e Correias Teles está morto por entender como foi aquilo de estar D. Lúcia persuadida que a filha de soror Margarida das Dores havia de herdar os vínculos de Simão Peixoto. E outrossim em que lei se estriba Cristóvão Freire, se tenciona, como de facto, transmitir os vínculos de que era administrador a um filho natural de Marcos Freire.

Ou a ilustre dama e o extremoso avô não sabiam os mais triviais princípios da ordem regular da sucessão dos vínculos ou o cronista destes acontecimentos os altera para recompor o entrecho da história, sem recear que, à conta da sua ignorância dos reinícolas, lhe apodem de fantástico o romance, e a ele o lastimem do absurdo jurídico por lhe faltar, como habilitação para romancista de servir, cartas de bacharel em Direito.

Desta feita, a alcunha de ignorante não será legitimamente aplicada nem a D. Lúcia nem ao avô de Álvaro nem a mim.

O filho da doida do Candal e a filha da freira de Chaves verdadeiramente não podiam suceder nos vínculos; mas podiam herdar os bens desvinculados.

O leitor que me fez a honra de reparar e talvez cruzar com a unha inteligente uma ementa marginal, conhece o art. 1463.0, § 30 secção II, Dos Morgados, no DIGESTO PORTUGUÊS, de Correia Teles. Creio que pela primeira vez este sujeito e o seu livro são citados em novelas. Já Bértolo e Covarrubias não estão dispensados de figurarem num quadro romântico de envenenamento com cabeças de fósforo ou solimão.

Pois diz Correia Teles no predito artigo que «Se o instituidor (do vínculo) determinou que, extinta a linha dos descendentes do administrador, o vínculo se haja por dissolvido, o último possuidor poderá dispor dos bens, em conformidade com a disposição da instituição».

Cristóvão Freire e D. Lúcia Peixoto eram os últimos possuidores da linha descendente do instituidor. Corria-lhes

obrigação, não tendo filhos, nem irmãos, nem parentes da mesma linha, desvincularem. Aqui está ao meu juízo desfiado o empecilho, e lucidíssima a resolução de um caso que os doutos podiam ter esquecido e eu podia ter ignorado por efeito de uma calaceira aversão que me faz ignorar muitíssimas coisas admiráveis de Correia Teles e outros sábios, a um tempo mártires e algozes.

Com este capítulo, deixo para serventia dos meus colegas um exemplo de acatamento devido às glosas de leitores que ao invés do filósofo cristão descreem dos contos quando eles são absurdos.

Quem escreve romance onde se toca em sucessão de vínculos deve pressupor que há de ler-lho um juiz do Supremo Tribunal, ou, sequer, um procurador de causas.

CAPÍTULO XXXVII

ENFIM!...

Maria de Nazaré desceu-se, uma noite, do leito sossegadamente, e começou vestindo-se. Acudiu a vigilante enfermeira perguntando-lhe que fazia.

— Vou para a minha mãe — disse ela.

— Olhe que são duas horas da noite; como há da Senhora ir?

— Às quatro é dia... Bem sei que são duas horas disse Maria com aparências de escorreita serenidade. — Bem sei que horas são. Tenho-as ouvido todas.

Mas onde quer ir, Senhora?! — redarguiu a criada convicta da loucura do intento.

— Já lhe disse onde vou; não me mortifique, pelo amor de Deus. Quero ir para a minha mãe... Vou morrer em graça; aqui não posso acabar, sem pedir perdão a minha

mãe. Ela, em eu lá chegando, abraça-me e perdoa-me. Aqui não vem... porque é virtuosa e diz que me não criou para isto. O meu pai morreu de paixão. — E, dizendo, sentou-se quebrantada do esforço feito em apertar o vestido, e prosseguiu: — O meu pai morreu de paixão. Fui eu que o matei com desgostos. Era muito meu amigo, trabalhava sempre para me deixar bom dote, queria-me casar com um primo que estava no Pará. Fugi no dia de anos da minha mãe, à noite, quando o meu pai ficou à mesa a cear com os nossos parentes. Não tornei a vê-lo, nem ele a mim. A nossa criada Angélica é que veio dizer-me que o meu pai nunca mais desceu à loja nem foi à igreja. Chorava sempre à beira da minha mãe. Estavam assim os dois velhos um ao pé do outro estarrecidos até que Deus o levou para si. O meu pai, tem compaixão da tua filha!...

Maria, com os olhos enxutos, e as mãos enclavinhadas sobre os joelhos, ficou largo espaço absorvida.

— Não esteja a lembrar-se dessas tristezas... — disse a criada pegando-lhe das mãos.

A doida, que a não ouvira, continuou:

— Como ficaria triste a minha mãe! Vê-lo amortalhar, vê-lo sair e... nunca mais voltar!... Amaldiçoava-me, se não fosse tão boa!... Era santa e desculpava as mulheres perdidas... Quantas vezes ela me disse: «Filha, Deus é que vê as pecadoras. Quem sabe se elas se perderam obrigadas pela necessidade e enganadas por promessas de melhor vida!... — Que trabalhem, que vão servir — diz toda a gente... — A vontade de trabalhar para conservar a virtude é maior virtude que todas as mais. As pobres pensam em remediar-se; acham quem as engane com esperanças; depois não há quem as queira; até os amos as atiram à rua. Que hão de elas fazer? Acabam de perder a vergonha... e lá vão.» É uma santa a minha pobre mãe... Também há de desculpar e perdoar-me. Quero ir para onde a ela...

— Mas se a sua mãezinha já não for viva? — atalhou a criada.

— Agora não é! Ainda ontem a vi.

— Viu-a?!

— Vi em sonhos, a dizer-me: «Anda para ao pé de mim, que eu estou à tua espera.» Pois não a vi eu? Estou a vê-

la... muito acabadinha, com a pele sobre os ossos...

A enfermeira, crendo que era mistério a visão de Maria, tremia de susto religioso olhando para o canto sombrio, onde a louca pregara os brilhantes olhos, dizendo: estou a vê-la.

E, saindo a rezar, foi acordar a sua companheira.

No entanto, Maria levantou-se e foi indo encostada de cadeira em cadeira até sair à saleta, apenas iluminada com o clarão pálido da luz que mal aclarava a alcova.

As duas mulheres, dando de súbitas com ela cm pé, na meia escuridade da saleta, retrocederam aterradas.

Maria quedou-se a murmurar palavras ininteligíveis até que as fugitivas cobrando ânimo com a certeza de que era Maria, e não o fantasma da mãe que tinham enxergado na antecâmara, voltaram com dois castiçais animando-se reciprocamente.

— Ajudem-me a vestir, que é dia — disse-lhes a louca. — Andem depressa, que eu quero entrar em casa antes que os vizinhos abram as portas. Tenho vergonha que me vejam... Que eu, depois de estar em casa, nunca mais apareço...

Nem morta me hão de ver, porque eu estou muito acabada... — e, dizendo, apalpava as cavidades do rosto — e se me virem morta dizem que a vida do pecado me pôs assim e que eu já tenho cara de condenada...

— E o seu filhinho onde fica? — interrompeu uma enfermeira. — Leva-o também?

Esteve Maria a recordar-se, fechando e abrindo as pálpebras. Depois, disse:

— O meu filho... é verdade!... Eu poderei levar também o meu filho?!

— Pode, Senhora; manda-se buscar ao Porto.

— Quem o levou?

— Foi a tia, a Senhora Fidalga, irmã do Senhor Marcos.

— Não me disseram nada... Foi quando ele ontem esteve a chorar abraçado no filho?

As criadas olharam uma na outra dando aos ombros em demonstração de dó.

— Mas eu — prosseguiu Maria — fiquei com o meu filho quando ele partiu; e tive-o nos braços, ajoelhada diante do

oratório, até que ele adormeceu; e pu-lo no berço ao pé de mim, onde eu passei toda a noite sempre de joelhos. Apagou-se-me a luz de madrugada, abri a janela e já havia sol. Tornei a ajoelhar e a escutar o que o meu filho dizia... Estava a sonhar e a chamar o pai... E eu acordei-o... acordei-o...

Maria levantou-se impetuosamente e arrancava as palavras do coração com dilacerantes arquejos e estridentes vozes:

— Acordei-o! — prosseguiu ela — e perguntei-lhe: «Álvaro, meu filho, que tens? Viste o teu pai?... O teu pai morreu, filho?...» E o menino chorava... chorava... porque tinha visto morrer o pai...

As mulheres ampararam-na quebrando-lhe os impulsos e o bracejar vertiginoso. Seguiu-se o desmaio e um froixo de tosse áspera que lhe tingiu levemente os cantos da boca de espuma ensanguentada.

Levaram-na ao leito e mandaram aviso a D. Lúcia, contando-lhe o sucedido.

* * *

A fidalga saiu logo com Álvaro para o Candal.

Quando chegaram, estava Maria de Nazaré dizendo ao vulto imaginário da sua mãe palavras de arrependida.

Consoante o costume, o menino foi à cama chamar a sua mãe e beijar-lhe a mão.

A doida atentou nele com a usual indiferença e disse a D. Lúcia:

— O meu Álvaro está no berço. Quando for assim grande, também há de trazer casaquinho de veludo.

Passados alguns minutos de silêncio, disse abruptamente:

— Onde está a minha mãe?

— No Céu — respondeu a irmã de Marcos.

Maria abriu os seus grandes olhos a fito no rosto de D. Lúcia e disse:

— A Senhora estava também a chorar quando o Senhor Marcos foi ontem...

— Estava...

— E levou-me o meu filho?

— Levei; mas aqui lho entrego.

— Este? O meu Álvaro faz ainda três anos dia de Santo António...

— Mas há três anos que o meu irmão morreu... — replicou D. Lúcia, na persuasão vulgar de que, nas demências capazes de curativo, é necessário estar sempre escalavrando a chaga que as produziu, a fim de iluminar a alma com a mesma luz infernal que a ofuscou.

— Há três anos... — murmurou Maria.

— Sim — instou a Senhora — , há três anos que o mataram... Lembra-se dele? Olhe!

E pôs-lhe em frente o retrato.

A louca aferrou dele contra o seio e exclamou:

— Senhor Marcos! Senhor Marcos!... Responda-me, que eu morro se me não fala!... Está morto!... Mataram-no!... Não me diz nada!... O Senhor Marcos...

Às vozes articuladas sobrevieram agudíssimos gritos. Tremiam e choravam todos; queriam já tirar-lhe das mãos o retrato e não podiam; que ela abraçara-se com ele e escondia-o entre o seio e o regaço, bamboando em frenesis

o tronco e cabeça até bater no espaldar do leito, quando se levantava, para recair com a moldura ajustada ao peito.

De repente aquietou-se, os braços penderam e o retrato ficou encostado ao peito dela, Olhos e face pareciam estoirar e transudar sangue. Caiu para os travesseiros, A espiração saía-lhe em arrancos e estertorosa.

— Vão chamar médicos, que ela morre! — clamava D. Lúcia.

Seguiram-se convulsões que faziam ranger o leito e viam-se por sob a pele das fontes borbotões de sangue a ferver.

Lúcia apalpou-lhe os braços e disse que eram de gelo. O abraseado do rosto demudou-se em repentina palidez. Pararam as convulsões, parou o cachoar do sangue na testa, parou o estertor crepitante da respiração, parou a vida...

Estava morta.

Luzira a aurora da eternidade naquelas trevas, Fez-se dia sem fim na alma de Maria de Nazaré.

Lúcia caíra a soluçar sobre o seio dela.

Álvaro, como visse uma das enfermeiras ajoelhar, pôs as mãos, ajoelhou também e chorou.

Em frente do leito, sobre uma cómoda, estava encostado à parede o retrato de Marcos Freire. O raio visual das fulgurantes pupilas ia direito ao rosto de Maria, E, a morta, com os seus olhos meio cerrados, parecia trocar com ele a derradeira luz da sua vida.

CONCLUSÃO

Lembrem-se da Advertência que antecede o romance.

Digo ali que um companheiro de passeio, na estrada dentre o Porto e Ponte da Pedra, me apontou o sítio onde se travaram dois duelos de morte.

Aquele cavalheiro era Álvaro Freire de Pamplona, filho de Maria de Nazaré, Ele foi quem me deu a crónica manuscrita desta tragédia, escrita e formada de diferentes cartas, umas do major José Osório do Amaral a Cristóvão Freire e ao seu neto; outras de Margarida a Simão Peixoto; algumas de D. Lúcia a Marcos Freire e bastantes laudas escritas do punho da religiosa, em variados tempos, na casa da serra.

Sendo tantas e excelentes as achegas para que mais hábil pedreiro arquitetasse história a um tempo distrativa e doutrinal, não consegui urdi-la engenhosamente sem afastar-me da singeleza com que os sucessos derivaram,

em corrente de lágrimas, até escorregarem à voragem do olvido pela ladeira da morte, Antes me quis mal visto da censura que divorciado da verdade.

Os apontamentos, sendo tantos como eu vinha dizendo, não bastaram a informar — me dos casos posteriores ao trespasse da doida do Candal. Seguríssimo da condescendência de Álvaro Freire, pedi-lhe vénia para solicitar a mercê de me continuar vocalmente ou de escrita os sucessos sequentes à morte da sua mãe. Em resposta, recebi convite para sua casa na província trasmontana, dando-me o itinerário para a quinta da Teixeira, no concelho de Mesão Frio.

Figurou-se-me logo que esta quinta devia ser o cárcere das tribulações e saudades de soror Margarida das Dores.

Fui. Já não alcancei relíquia alguma do paço feudal que se desconjuntava na decrepidez de sete séculos em 1810. As torres e ameias, os ponderosos batentes e ombreiras, os arcos das gelosias, as grosseiras colunas monólitas, os balaústres das varandas internas à volta do pátio claustral, os restos, enfim, do século xis mesclados com reparos no primor da era manuelina, tudo estava cimentando um vasto

palacete afeitado com todos os arrebiques de uma arquitetura fantasiosa. As penedias circunjacentes e sobrestantes ao solar extinto eram agora jardins, hortas, laranjais, bosques de variadas fruteiras, criptas escuras e como subterrâneas de impenetráveis ramarias, bacias marmóreas a espelharem cedros do Nilo nas suas águas límpidas; ruas ladeadas de hortênsias e enoitecidas pela espessura dos ciprestes entretecidos com agigantados magnólios; grutas escuras e frias como antros com pavilhão de rochas; por entre as carvalheiras seculares as viridentes araucárias bracejando a sua lancinante folhagem; um lago à ourela da serra, com as margens bordadas de salgueirais; um batel azul embandeirado no lago e um menino dentro a rebatinhar migalhas de pão-de-ló a uns cisnes... eis a metamorfose que quarenta anos tinham feito na casa que o frade antonino — a quem Deus terá perdoado — praguejara como covil de lobos.

Tinham-me conduzido ao lago, onde encontrei Álvaro Freire e com ele uma Senhora adiantada em idade, todavia admirável no complexo de belezas raro resistentes à decomposição de cinquenta anos.

Álvaro levou-me dali para sua casa, dizendo à dama:

— Vem logo que o pequeno esteja farto de náutica.

— É o seu filho? — perguntei.

— Nada: é meu neto — respondeu ele sorrindo. — Eu tenho cinquenta anos. Os meus filhos são mulheres com filhos, casadas por esse Douro fora. Deu-me aquele neto uma das minhas filhas, A avó e eu somos os aios do rapaz.

Da sala do refeitório passámos à livraria de Álvaro Freire; e de uma conversação frívola saltámos ao essencial motivo da minha visita.

— Quer você, portanto — disse o filho de Marcos Freire — , que eu lhe continue a história dos obscuros mártires...

— Se isso não faz implicância com o resguardo de certos segredos de família que...

— Não, Senhor; implicância nenhuma — acudiu ele.

— Como sabe, uns mártires já lhos fiz conhecer até que a sepultura os resgatou e confundiu com a sorte... do algoz... Desculpe-me a palavra pouquíssimo generosa... A história deixa de ser urbana para ser verdadeira.

A minha mãe foi sepultada no jazigo dos Freires, na catedral do Porto. De lá se erguerão as duas almas, ou os dois corpos, ou os dois punhados de cinzas no último dia.

Quer que lhe diga da minha tia, a Senhora D. Lúcia Peixoto? Voltou do Candal para casa do meu avô, trouxeram-na com a alma em agonias e remorsos cruelíssimos, exclamando que fora ela quem matara o meu pai e a minha mãe. Deus, porém, que lhe não pedia tão rigorosas contas, colocou ao seu lado mão de anjo que lhe foi despontando os espinhos de remorso. Era D. Margarida, a mártir de Simão Peixoto. Recobrou-se D. Lúcia; mas não lhe hão de invejar as mais desgraçadas semelhante vida. Sempre triste, sempre a desejar a morte, e inconsolável até quando saía a encher de pão e cobertura os nus e os famintos.

Decorreram dois anos.

Em 1824 o meu avô, o Senhor Cristóvão Freire, desvinculou a sua casa e testou-a em mim reconhecendo-me filho do Senhor Marcos Freire: fineza que eu sobreponho ao legado de grandes haveres.

Eu ia nos nove anos e já em quatro de bons mestres e muita aplicação. Como não tive a infância que folga e cresce numa atmosfera pesada e para assim dizer saturada de lágrimas, adiantou-se-me a idade da madureza precocemente.

Meu avô, pois, tendo eu nove anos, contou-me o que eu de todo ignorava: a morte do meu pai, a façanha de José Osório, a demência da minha mãe, os liames que prendiam D. Margarida a minha tia D. Lúcia, a filiação de Júlia e os mais pormenores que você sabe.

Estas revelações impressionaram-me; e bem me lembro das demoradas reflexões que o meu avô me fez acerca dos duelos, mandando-me considerar, à medida que o meu entendimento se desenvolvesse, quantas calamidades se seguiram à morte do meu pai, quantas lágrimas custou aquele lance de honra e a fria indiferença com que a sociedade as viu chorar, sendo ela quem prescreveu a Simão Peixoto e a Marcos Freire o dever de se matarem. O meu amigo! não há homem, esposo ou pai, que não abra sepultura às pessoas que mais preza, nos sete palmos sobre que cai morto em duelo, E, se os seus desamparados não

morrem, cruelíssima força é essa que os faz sobreviver ao morto, para agonias de saúde e transes de pobreza. Isto é pior que o trespassar da bala ou da espada.

Que é de um exemplo mais doloroso que a vida da minha mãe!... Estou ainda como há quarenta e quatro anos com ela na fantasia! Que espetáculo! Que faria a Deus aquela mulher tão penitenciada? Que custava à desgraça levar-lhe a alma com a razão? Se a escuridão da sepultura não seria um favor do Céu, comparada ao horror da demência e ao desfibrar das dores que lhe arrancavam piedosos gritos!

Meu avô não ocultou quadro nenhum à minha débil razão. Fortaleceu-ma, porém; que eu decorei o máximo das suas palavras. Pediu-me que me sequestrasse do meio dos homens que legislam códigos de honra e dão ao homicida a franquia de mostrar o rosto lavado com o sangue do adversário... legisladores infamíssimos que reabilitam a dignidade do insultador, se ele teve a melhor pontaria e matou o coração onde estava a dignidade ultrajada. Em conclusão, o meu avô me disse com entusiasmo juvenil estas palavras: «Álvaro, quando puderes morrer ou matar com a gentil bizarria do major Osório, mata ou morre, que

então não sais pela honra convencional; obedeces à tua razão e sentes que a honra te incita desde o mais recôndito da tua alma devotada a um amigo digno.»

Em fins de 1824, o meu avô conheceu que a sua hora última tinha chegado. À volta do seu leito estavam D. Lúcia, D. Margarida, os servos antigos da casa, Júlia e eu. A ela e a mim chamou-nos o venerável ancião e disse-nos: «Sede sempre amigos, orai em comum pelas almas dos vossos pais.»

Os paroxismos não lhos sentimos. Aquela alma estava perto da bem-aventurança. Voou. Foi como a avezinha que mudou de ramo, Nós esperávamos ainda ouvi-lo e ele já devia de estar falando com as almas dos justos.

— E José Osório — interrompi — não estava à beira do leito do seu avô?

— Não. Vou falar-lhe dele, O major, bem que na sua volta de Inglaterra não entrasse no serviço de Portugal, manifestou-se partidário da Revolução de 1820. Os inimigos da mudança murmuravam contra o poder que o absolveu do homicídio e sofismou despejadamente a

deserção, por isso que os seus amigos eram os bandeados com os vingadores de Gomes Freire. Osório, avisado por amigos e pelo seu próprio juízo, dizia ao meu avô que nunca lhe daria o dissabor do visitar no cárcere.

Assim que rebentou a contra-revolução esporeada por D. Carlota Joaquina, em 1823, o major quis desembainhar a espada e morrer com os seus protetores; mas o meu avô, que lhe conhecia a bravura e previu uma morte desesperada, pediu-lhe com as mãos postas que voltasse para Inglaterra.

Abraçaram-se, despediram-se e disseram um ao outro: «Agora, até à eternidade.» É que o meu avô já via a morte e o major via-o morrer.

Militou o major em Inglaterra até 1828. Em Outubro deste ano, chegou a Londres D. Maria II, pedindo aos ministros de Jorge IV auxílio para restaurar o trono. O major, escrevendo a minha tia D. Lúcia, dizia: «Vi a filha de D. Pedro IV. A minha espada vai ser portuguesa. Já agora acabarei como os heróis das novelas de cavalaria, defendendo damas. Se fosse homem que viesse aqui pedir a coroa de Portugal não expunha a minha cabeça para que a

dele tivesse coroa, Parece-me que não tardo aí, se a intenção de D. Pedro é lá ir,»

Cumpriu. Osório esteve na Terceira já promovido a coronel e desembarcou brigadeiro no Mindelo.

Quando nos procurou no Porto não nos encontrou, Meses antes a minha tia D. Lúcia.,, Não tenho agora remédio senão interromper as páginas finais da biografia de José Osório, porque é forçoso que eu entre no quadro geral.

Vivi no Porto, continuando a minha educação em colégio até aos dezassete anos. D. Margarida, Júlia e D. Lúcia, alguns meses depois do meu avô falecer, saíram para esta casa que era o antigo paço em ruínas, Demoliram tudo, reservando o necessário para viverem três Senhoras com algumas criadas, Principiaram a reedificar uma casa aconchegada sem fausto nem grandeza inútil. Vim aqui passar as primeiras férias e pedi que ampliassem a casa, porque eu desejava ali viver também. «Mas esta casa, filho — atalhou a minha tia — , não é tua: é de Júlia,»

Corei, e D. Margarida, afagando-me beijou-me ambas as faces e disse: «A casa é tua, Álvaro, Há de fazer-se como tu

quiseres. Manda-nos o risco do Porto,»

Eu não mandei o risco; mas a casa foi assim feita como você a viu de passagem.

Quando aos dezassete anos aqui cheguei...

Neste ponto da narrativa, ouviu-se o chilrear do menino que vinha chamando o avô para lhe acusar a avó que o não deixava subir à livraria.

Depós o menino entrou a Senhora que eu tinha visto à beira do lago, perguntando a Álvaro Freire se queria que levasse o traquinas do rapaz.

— Deixa-o estar — condescendeu o meu amigo, e disse: Senta-te aqui também tu a ouvir a nossa palestra, e mais podes avivar a minha memória embotada pela velhice e pela da ciência com que te aturo a ti e mais ao neto.

Sorrimos todos, e ele prosseguiu:

— Ainda lhe não apresentei a minha mulher. Ela já sabe quem você é. Os seus livros por aí andam e não é muito pela minha vontade; que esta Senhora quer por força que eu lhe pergunte se as histórias dos seus romances

aconteceram ou não. Ela agora que lho pergunte e você minta à sua vontade.

— Todas as histórias dos meus romances são verdadeiras, minha Senhora — respondi eu. — Uns casos aconteceram, outros podiam acontecer; e logo que podiam, é quase evidente que aconteceram; porque as dores não se inventam: ou se experimentam ou se adivinham.

A insinuante Senhora fez um sinal de assentimento. Álvaro Freire interveio:

— Posso agora continuar?

— Se Sua Excelência permite... — disse eu impetrando o consentimento da dama.

— Pois não... — condescendeu a Senhora.

— Onde ficámos? — perguntou-me o cavalheiro.

— Na vinda da vossa Excelência para esta casa aos dezassete anos.

— Justamente. Cheguei, vi e fui vencido. Pouco me faltou para ombrear com César, mas vencido, meu amigo, por tão soberbo inimigo que me fez ajoelhar aos seus pés e

pedir-lhe que tivesse comigo a generosidade de me fazer seu escravo. O inimigo que usou a caridade de me algemar chamava-se Júlia da Soledade. Tenho de fazer-lhe segunda apresentação: aqui está Júlia da Soledade.

— Eu já sabia o nome da vossa Excelência, minha Senhora disse eu.

— Já sabia! — exclamou Álvaro. — E eu a pensar que o sobressaltava com a novidade...

— Vossa Excelência não se desvanece com a presunção de romancista — redargui — , por isso não esteve a gizar surpresas. Aliás não me teria dito que ao lado do leito do seu moribundo avô recebeu das santas palavras dele a sagração de uma amizade que o santo varão desde o Céu havia de afervorar até que as duas sentissem numa só alma.

— Pois é verdade, meu amigo — prosseguiu Álvaro Freire. — Aos dezoito anos casei; e desde este ano conto a idade pelos anos dos filhos: que eu de mim, à imitação do frade de Vilar que esteve setenta anos enleado no cantar de um melro, como dizem as veridíssimas crónicas, não dou

tino de que passa o tempo. E desculpa-me tu, Júlia, estar eu aqui comparando-te aos melros dos bons homens de Vilar, onde os melhores melros e de bico amarelo eram eles e mais os seus cronistas.

Agora, voltemos ao brigadeiro Osório. Estávamos aqui ao tempo do desembarque. Deram-se as batalhas que você sabe, grandes batalhas dizem os vencedores e vencidos, dadas as mãos do amor-próprio; mas Osório chamava-lhes escaramuças, perfídias e bambúrrios. Bambúrrios, porém, em que ele perdeu um olho e foi seis vezes sangrado copiosamente.

Quando o duque da Terceira, abertas as linhas, veio por esta província varrendo as relíquias dispersas do exército dos oitenta mil, Osório acompanhou-o e pernoitou aqui.

Disse-nos ele à entrada da sala: «Resta-me ainda meia vista, À alma para vos ver basta-lhe uma janela. Trato-vos assim porque tenho sessenta e cinco anos...» E abraçou — se a minha tia D. Lúcia, querendo sorrir e as lágrimas a ondearem-lhe pelas faces avincadas.

Porque choraria ele? Eu sei o que era. Viu velha e com os cabelos brancos a mulher que ele conhecera formosíssima. Viu de relance o passado todo a desdobrar-se — lhe. Viu o meu pai, viu-me criancinha, viu o pai da minha mulher empurrado à sepultura pela ponta da sua espada. E disse entre si: «O que é a vida! No que parou tudo! Esta mulher velha, outra morta, eu aqui a despedir-me deles...» E chorou, porque aquela valentíssima alma chorava de se ver num corpo trémulo como se já sentisse o frio da mortalha.

Ao outro dia, o brigadeiro foi reunir ao duque da Terceira, dizendo-nos: «Hei de cá vir morrer.»

— Se as balas o respeitarem, primo Osório — disse D. Lúcia. «A velhice deu-me casca de crocodilo: já me não furam as balas», replicou ele.

Partiu. Fomos eu e Júlia com o velho até Lamego.

Todos os dias mandávamos saber notícias das linhas de Lisboa. Uma vez veio o mensageiro com a notícia de que o brigadeiro Osório fora mortalmente ferido; mas quase ao mesmo tempo recebemos carta dele em que nos dizia: «Se lá chegar a má nova do meu ferimento, não vos assusteis,

Não é nada. Ainda assim tenho de me demitir da inviolável família dos crocodilos; mas transfiro-me para a dos Aquiles, porque fui ferido num calcanhar, E o resultado de se bater a gente entre dois fogos. Não vades pensar que o inimigo me viu os calcanhares...»

Finda a guerra, José Osório reformou-se em marechal de campo e veio para aqui.

Trazia livros ingleses que ali estão nas minhas estantes. Eram tratados de jardinagem e silvicultura. Dizia ele que o seu pão havia de ser suado e bem merecido. Começou a arrancar umas árvores e a plantar outras. Foi ele quem encaminhou água para o lago, quem arquitetou as casas de fresco e engenhou esses castelos maciços que por aí nos estão sempre falando do nosso hortelão general. As minhas filhas chamavam — lhe avô, e levavam-lhe em bonecas todo o soldo de marechal. Eu muitas vezes lhe pedi que me ensinasse a jogar as armas. Respondia-me que aprendesse a escolher os terrenos próprios de certas plantações, e que usasse de espingarda com bala para matar os lobos que descessem do Marão forçados pela fome. E acrescentava: «Jogar armas para quê? Aprende a matar lobos; e quando

algum homem te desonrar — de modo que a tua razão te diga que estás desonrado e a consciência te castigue — , então, meu filho, pega da arma, com que matas os lobos, e crava o pelouro no peito do homem que te houver ofendido, Há outro modo de vingança que é a de Jesus Cristo — Padre, perdoai-lhes que eles não sabem o que fazem. — Não te aconselho este estilo, porque não to posso abonar com o exemplo. Admirei grandemente a paciência de Jesus; mas preferi para meu uso a doutrina da Igreja, posta naquela obra de misericórdia que não manda perdoar, mas ensinar os ignorantes. O sentido do preceito vai torcido; mas, em mundo tão torto como este, quem andar direito com os preceitos de Deus acaba vítima dos filhos do Diabo.»

Não o detenho — continuou Álvaro — a referir-lhe espécies memoráveis daquele sublime carácter. Amávamo-lo com ternura de filhos. Aqui está Júlia que chamava, desde o íntimo do coração, pai ao homem que lhe matara o seu. D. Margarida, minha sogra, que ao princípio o encarava com secreta repugnância — bem que a não revelasse por gestos

nem palavras — , queria-lhe como nós e dizia que via no braço dele um executor da justiça de Deus.

Afinal... morreu... E morreu quando já não desejava viver, Tinha setenta e nove anos. Já não ia jardinar nem sequer saía do quarto. Os ferimentos saíram-lhe na decrepitude com dores incomportáveis. Abordoava-se a muletas no último ano. Perdeu a alegria e o gosto de ouvir facécias. Tinha a cabeça inclinada para o peito como avergado pelo fardo da vida, Dizia ele: «Se a consciência me acusasse de crimes, havia de pensar que o Inferno era este meu estado.»

Já vê que não teve a morte do justo. Há infames que morrem tranquilamente. O marechal Osório padeceu muito e acabou quando já não tinha esquírola de osso que não fosse um espinho tortuoso.

Está sepultado no jazigo do meu pai e da minha mãe.

— Que mais quer saber?

Abstive-me de perguntar o destino de soror Margarida na presença da sua filha. Álvaro percebeu a delicadeza do meu silêncio e disse:

— Minha mulher já não pode ter mais lágrimas ouvindo contar os últimos dias da sua mãe.

D. Júlia da Soledade levantou-se já com os olhos amarados e saiu.

— Ainda tem lágrimas... — observou ele. — Não lhe posso dizer se foi honradíssima, se consolativa a vida da minha sogra nos últimos seis anos, que se fecharam em 1840. Assaltaram-na as serpes dos escrúpulos e enroscaram-se-lhe no pescoço. Foi uma asfixia de estrangulada através de milhares de dias e noites. A ideia de que era freira e a da transgressão dos votos, não sei se espontânea, se sugeridas por algum confessor, mudaram-na de repente para exaltado ascetismo. Da oração mental passou aos jejuns, dos jejuns aos cilícios, dos cilícios às disciplinas. Açoutava-se por noite alta no mais afastado esconderijo da casa. As lavadeiras perguntavam às criadas se a Senhora tinha chagas; e assim viemos a saber a piedosa loucura da infeliz. Chamei um sacerdote virtuoso e ilustrado para a demover daquele selvagem suicídio. Ela respondeu que as penas do Inferno eram mais insuportáveis.

E subiu a vertigem ao ponto de perder o amor à filha e aos netos, pedindo-me que lhe obtivesse licença para ir penitenciar-se no convento mais pobre e austero de Portugal. Combati-a com argumentos inúteis e iludi-a com esperanças de se lhe dar o convento pedido com as mãos postas.

Afastei desta casa certos egressos que se fechavam alternadamente na sacristia da capela em prolongadas confissões. Começaram por aí a murmurar da minha impiedade e ela a bramir que eu lhe estava impedindo a sua salvação.

Franqueei as portas aos egressos e deixei... que a salvassem. Acabaram seis anos de suplício para ela... e para nós devia eu dizer, se não fosse raro o dia em que Júlia não vá, lavada em lágrimas, pedir as imagens da capela que lhe revelem se a sua mãe se salvou.

Pobrezinha! E tão boa mãe como era filha!...

Não me esqueça dizer que Escolástica, a madrinha da minha mulher, morreu de oitenta anos, e creio que ainda viveria, se a não matassem saudades da sua ama.

Não tem mais que saber?

— E a Senhora D. Lúcia Peixoto?! — perguntei admirado da omissão imperdoável.

— Ah! — acudiu ele — venha comigo.

— Pois ela vive?! — exclamei.

— Vive. Vai vê-la.

Descemos ao primeiro andar. Álvaro levantou um reposteiro e disse a uma criada grave que costurava numa elegante antecâmara:

— Pergunte a Sua Excelência se posso entrar à sua câmara com um amigo.

A criada voltou com o consentimento. Saltava-me o coração. Ia ver a formosa irmã de Simão Peixoto, o inflexível ídolo da mocidade fidalga de há cinquenta anos.

Entrámos. Inclinei-me profundamente. Ela ouviu o meu nome, depois que Álvaro lho disse estrondosamente ao ouvido.

Estava surda e olhava-me através de uma luneta de ouro com um só vidro.

A cadeira era de cetim com reclinatório alteroso e rodas. D. Lúcia estava paralítica das pernas. Aproximei-me, Disse-lhe que agradecia infinitamente ao Senhor Álvaro Freire a honra de me apresentar a Sua Excelência.

Moveu muito a cabeça e perguntou-me se era do Porto. Respondi que residia no Porto.

— Sabe onde é o Candal? — perguntou ela.

— Perfeitamente, minha Senhora.

— Conhece lá a casa do meu Álvaro?

— Sim, minha Senhora, conheço. Já fui ver de perto aquela memória de sublimes angústias em que as da vossa Excelência foram iguais à sua grande alma.

— Ainda por lá se lembram de Maria de Nazaré?

— Com outro nome, minha Senhora.

— Bem sei... A doida do Candal.

Álvaro aproximou-se do outro ouvido e disse:

— Este meu amigo tenciona escrever as desgraças da nossa família.

— Sim? — disse ela com vivacidade.

— Permitindo-mo Vossa Excelência — respondi — ; receio, porém, que me falte a especial inteligência do coração com que possa elevar o espírito do leitor ao entendimento e admiração da martirizada alma da vossa Excelência.

— Olhe — acudiu ela agitada — , se escrever a tragédia desta família, lembre-se de que verdadeira mártir, verdadeira desgraça foi só uma: a doida do Candal, aquela santa esposa do coração de Marcos Freire, a extremosa que morreu com ele... e se não correu logo a procurar-lhe a alma, foi porque esteve agonizando três anos. Em comparação desta, as outras dores não merecem dó. Ela morreu... E eu tenho setenta e quatro anos... e vivo...

— Vive Vossa Excelência, porque Deus lhe entregou o coração de mãe com as sacratíssimas palavras do Calvário: — Mulher! ai tens o teu filho. — E mostrei-lhe Álvaro.

Saltaram-lhe as lágrimas. Inclinei-me até lhe beijar a mão, e saí.

* * *

Pernoitei na quinta da Teixeira. Ao outro dia vi reunidas, à volta da poltrona de D. Lúcia, as filhas e netos de Álvaro Freire. Todos queriam gritar-lhe ao ouvido sem esperarem sua vez. E ela sorrindo aos pequenos dizia:

— Vocês querem acabar-me a outra metade do corpo, rapazes! Dão-me uns berros que me fazem mais surda...

Depois de jantar, fui despedir-me. Acenou-me com a luneta e disse-me:

— Não se esqueça da minha recomendação... A mártir foi só uma... a DOIDA DO CANDAL... Hei de ler o seu livro, se ainda tiver vista.

* * *

Ah! o meu livro não subirá do lodo deste mundo, lá onde resplende o ouro daquela alma!

D. Lúcia Peixoto acabou de morrer há seis meses.

FIM

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Reconhece o autor que este livro seria deficientíssimo, se assentasse em alguma ideia fundamentalmente filosófica.

Não estamos em terra onde se invista a novela de missão que não seja espairecer o ânimo de estudos atentos, ou desenfastiá-lo dos enojos da ociosidade. Os letrados, que baixam até ao romance, querem-no, dizem eles, filosófico, e apontado a discutir alguma transcendente questão social. Nada mais nem menos que encomendarem ao romancista os serviços que aos legisladores incumbe prestar à sociedade. Fazem-lhe muita honra, dão-lhe grande foro nas coisas da república; mas o pior é que os editores recomendam a menos filosofia que ser possa nestes livros, e queixam-se da míngua da concorrência dos letrados ao balcão, onde a novela discreteadora e pedagógica não ousa medir-se com as facécias da cena cómica. É ver quem leva mais os olhos na sala das mascaradas — se Sócrates sobraçando a túnica e mesurando os poderosos passos, se o palhaço tilintando os guizos...

Não obstante, os famintos de romances com recheio de sucosas cabidelas insistem que o romancista deve imolar ao agrado e contentamento da crítica o gosto destragado da maioria dos leitores.

Pensam e aconselham discretamente. Eu por mim tenho querido contentá-los; e, se alguma vez o consegui, foi pontualmente nos livros que esperam no limbo das estantes dos editores a redenção do gosto fino, a segunda luz das inteligências esclarecidas. Por onde havemos de concluir que o escrever para a posteridade é um sacratíssimo dever tão-somente a uns bem sorteados da fortuna que têm segura a vida presente, e se esmeram em prolongar a futura pela eternidade fora até encontrar uma geração que lha perpetue no bronze da estátua. Bonito destino, quando os contemporâneos se não persuadem que o aparelho digestivo do escritor é de bronze também, e, como tal, descarecido da refeição das moléculas que dão calor vital ao sangue, ao músculo, à massa que forma os camarins do espírito, esta coisa chamada engenho. Engenho de bem escrever! Palavra oca de que ri galhofeiramente quem tiver um de fazer açúcar ou serrar madeira.

Tornando ao ponto: estive intentado a interpor nesta segunda edição da DOIDA DO CANDAL uns discursos acerca do duelo, como quem inculca tendências a desbravar o género humano de tão brutal selvageria. Nesse campo de mortos infamados e já também chorados, acharia eu que farte tristíssimas flores com que aformosear tragédias.

Não o há tão abundante para lágrimas e dadivoso às menos inspiradas fantasias. Dei, todavia, de mão ao intento, quando o meu editor e amigo me disse que A BRUXA DE MONTE CÓRDOVA era menos lida que A DOIDA DO CANDAL. Entrei a comparar os dois romances para entender a desigualdade dos méritos, e vim ao convencimento de que um pouquinho mais de filosofia estragara a BRUXA.

Nada, pois, de tirar à novela a inutilidade que a faz preciosa. Seja cada um do seu tempo e do seu país. O melhor romancista em Portugal, por enquanto, há de ser o que tiver mil leitores que lhe comprem o livro e o aplaudam, contra dez que o leiam de graça e o critiquem em folhetins a dez tostões.

Porto, 22 de Novembro de 1867.